



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**DISCURSO POLÍTICO, DERRISÃO E HETEROGENEIDADE DISSIMULADA
NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA**

SÃO CARLOS
2015



Universidade Federal de São Carlos

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**DISCURSO POLÍTICO, DERRISÃO E HETEROGENEIDADE
DISSIMULADA NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA**

LÍGIA MARA BOIN MENOSSI DE ARAUJO
Bolsista: FAPESP Proc. no. 2011/09851-8

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser
Baronas

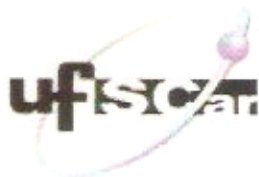
São Carlos - São Paulo - Brasil
2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A663d Araujo, Lígia Mara Boin Menossi de
Discurso político, derrisão e heterogeneidade
dissimulada na mídia contemporânea / Lígia Mara Boin
Menossi de Araujo. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
146 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2015.

1. Heterogeneidade. 2. Videomontagens. 3.
Derrisão. 4. Simulacro. I. Título.



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Lúcia Mara Boin Menossi de Araujo, realizada em 25/09/2015:

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCar

Profa. Dra. Ida Lúcia Machado
UFMG

Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote
UFMS

Profa. Dra. Vantice Maria Oliveira Sargentini
UFSCar

Profa. Dra. Ana Sílvia Couto de Abreu
UFSCar

Dedicatória

Ao Felipe,
filho querido e amado, benção divina.

Agradecimentos

A Deus pela força e pela fé que me sustentaram nesses anos de muito trabalho, aprendizado e por ter colocado tantas pessoas boas no meu caminho.

Aos meus pais que já me ensinaram tanto sobre a vida, meu coração será sempre grato.

Ao André, por estar sempre ao meu lado, pelo total apoio, compreensão e carinho. Ao meu filho Pedro pela experiência da maternidade - que me trouxe grande amadurecimento - e ao meu filho Felipe, por ser a luz do meu viver.

À Mariana e ao Daniel, por fazerem parte desta conquista e dividirem tantos momentos conosco.

Ao José Luis, Fernanda e Maria Eduarda pelo carinho e por me acompanharem em mais uma etapa.

A Rose, Luiz, Mariane e Rafael, pela torcida e apoio sempre constantes em todas as etapas.

Aos nossos amigos, Bianca, Gustavo, Laura e Helena - com vocês por perto a vida é mais feliz.

Ao meu orientador, Roberto Baronas, exemplo de pessoa, de professor e de pesquisador, por seus valiosos ensinamentos que foram além do trabalho da tese. Estou muito grata pela confiança depositada em mim. Obrigada!

À Profa. Dra. Vanice Sargentini, pelos ensinamentos durante as disciplinas, pelas orientações durante o desenvolvimento do trabalho, pelo carinho que sempre teve comigo e por ser um exemplo a ser seguido.

À Profa. Dra. Ana Silvia por ter aceitado o convite para a banca, pela leitura cuidadosa e singular da tese.

À Profa. Dra. Ida Lúcia Machado que, sempre muito gentil e simpática, contribuiu com sugestões enriquecedoras que instigaram a novas reflexões e contribuíram de maneira relevante para minha formação como pesquisadora.

À Profa. Dra. Maria Luceli Batistote pela dedicação à leitura e pela forma generosa com que conduziu suas intervenções e sugestões ao trabalho.

Ao Marco Ruiz, por ter me ajudado em tantos momentos com sua amizade e seu apoio acadêmico e intelectual. Você é família!

Ao meu amigo Samuel Ponsoni por tornar os dias na pós-graduação mais felizes e engraçados.

À Luciana Carmona, pelas longas conversas sobre análise do discurso e maternidade.

Aos meus companheiros de estudo Renata Carreon, Tamires, Lívia, Jocenilson, Sidnay, André e a todos os amigos do LEEDIM. Obrigada pela companhia nas leituras, discussões, nos encontros, festejos e nos devaneios teóricos e analíticos.

À Fapesp, pelo apoio financeiro tão importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Epígrafe

*Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não for a
A mágica presença das estrelas!*

*Mário Quintana, Espelho Mágico,
Das Utopias, p. 213*

Resumo

Este trabalho propõe-se a investigar, por meio da Análise do Discurso franco-brasileira, como se dá o funcionamento discursivo do discurso político derrisório de alguns vídeos de atores políticos brasileiros no *site* YouTube. Para tanto, o *corpus* mobilizado são videomontagens em que os alvos derrisórios são Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff enquanto candidatos às eleições presidenciais de 2006 e 2010, respectivamente. Mais especificamente, buscamos compreender como os atores políticos Lula e Dilma são tornados em derrisão (pelo seus opositores por meio do “ou”) no *site* YouTube durante as eleições 2006 e 2010. Para o desenvolvimento da pesquisa, entendemos que a noção de heterogeneidade enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), gestada no âmbito do programa de pesquisa da Análise de Discurso desde o final dos anos 1970 até o final dos anos 1990, constituiu-se numa importante ferramenta conceitual para tomarmos como ponto de partida a reflexão sobre a relação do discurso com os seus Outros constitutivos nos domínios do humor político. Acreditamos que a noção de heterogeneidade constitutiva mostrada e marcada - formulação derivada da heterogeneidade enunciativa - embora bastante pertinente para dar conta de *corpora* políticos marcadamente sérios, que circulam em suportes textuais convencionais, tais como livros, jornais e revistas impressas, necessita de uma reconfiguração no tocante ao tratamento de *corpora* políticos marcadamente derrisórios, sobretudo os que circulam em suportes não tradicionais, tais como as videomontagens do YouTube, nas quais os enunciadores, muitas vezes, postam seus próprios textos sem os filtros e as restrições das peças de propaganda e/ou ataques políticos tradicionais. Cremos que, quando se trata de um Outro satírico, zombeteiro, trazido para o fio do discurso do eu, esse discurso satírico se apresenta sempre dissimulado nos traços do interdiscurso. Defendemos, portanto, que, para se pensar a derrisão do político em suportes como o YouTube, a noção de heterogeneidade deve ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005). Assim, procuramos analisar nosso objeto no “entremisturar” descrição e interpretação, isto é, realizamos minuciosa descrição da materialidade linguística, imagética e sonora dos textos selecionados e, no mesmo processo, evidenciamos como tais materialidades trabalham interpretativamente acontecimentos políticos dados a circular pelo YouTube, o que se constitui como objetivo da pesquisa. Por fim, foi possível verificar a heterogeneidade funcionando no fio do discurso quando ora a incompetência e/ou o alcoolismo de Lula ora a incompetência e/ou dependência de Dilma em relação a Lula são atestados por meio do discurso Outro que, por estar legitimado no alhures, no interdiscurso e articulado a outras semioses - como imagem e som -, se apresenta como dissimulado.

Palavras-chave: Heterogeneidade; videomontagens; derrisão; simulacro.

Résumé

Cette thèse vise examiner la construction du discours politique dérisoire de quelques vidéos des politiques brésiliens dans le site YouTube, par moyen de l'Analyse du Discours franco-brésilienne. Pour ce faire nous avons choisi comme *corpus* des vidéo-montages dont les cibles de la dérision ont été les politiques brésiliens Luiz Ignácio Lula da Silva et Dilma Rousseff en tant que candidats aux élections présidentielles de 2006 et 2010, respectivement. Notre but a été de comprendre le pourquoi de la dérision portée sur eux. Cette dérision est partie évidemment des opposants des politiques cités : pour la transmettre, ils ont utilisé YouTube. Pour développer la recherche, nous avons puisé dans la notion d'hétérogénéité énonciative de Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), qui est étudiée dans le Programme de Recherche en Analyse du Discours de l'UFSCar/Brésil, depuis sa parution, à la fin des années 70. Le concept en question s'est révélé un outil de grande valeur pour notre recherche. Nous l'avons pris comme point de départ afin d'entamer une réflexion entre le discours et ses Autres constitutifs qui agissent dans le champs de l'humour politique. La notion d'hétérogénéité constitutive montrée et marquée (formulation dérivée de l'hétérogénéité énonciative) se prête bien aux recherches centrées sur des *corpora* politiques sérieux – par exemple, ceux qui sont véhiculés par des documents écrits, tels que la presse, les livres et les hebdomadaires. Mais, en ce qui concerne les *corpora* politiques non-sérieux divulgués par des sites à l'accès facile comme celui d'YouTube, site qui permet la réalisation des vidéo-montages, la notion première d'hétérogénéité de J. Authier-Revuz mérite d'être reconfigurée. Dans les cas où il est question de la présence d'un autre satirique, moqueur, qui s'insère dans le fil du discours du « je » parlant, nous voyons les aspects railleurs de ce type de discours dissimulés dans un interdiscours. Ainsi, pour étudier ou faire une réflexion sur la dérision des hommes et des femmes politiques, par moyens des vidéos-montages véhiculées par des sites comme YouTube, il faut qu'on songe à élargir la notion d'hétérogénéité et, surtout, à la considérer comme hétérogénéité dissimulée (BARONAS, 2005). Ainsi, nous avons analysé notre objet d'étude en entremêlant la description et l'interprétation, soit: nous avons réalisé une description détaillée de la matérialité linguistique, imagétique et sonore des textes sélectionnés et, en même temps, nous avons étudié la façon par laquelle ces matérialités conçoivent et interprètent les événements politiques qui circulent dans le site YouTube. Cela a été notre objet de recherche. Finalement nous avons pu vérifier la présence de l'hétérogénéité et son action dans le fil du discours dérisoire quand il avait des attaques qui rehaussaient la soi-disant incompetence ou l'alcoolisme de Lula ou l'inaptitude et la dépendance de Dilma par rapport à Lula. Ces discours ont été attestés par le moyen du discours Autre et ont été légitimés dans le lieu d'un hors-discours, d'un interdiscours articulé à d'autres sémiotiques – comme l'image et la bande sonore des vidéos-montages- et là ils se sont présentés de façon dissimulée.

Mots-clé : Hétérogénéité ; vidéo-montages ; dérision ; simulacre.

Sumário

INTRODUÇÃO	5
-------------------------	----------

CAPÍTULO 1

A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA COMO PRIMADO TEÓRICO	23
---	-----------

1.1 O encontro discursivo de Authier-Revuz e Michel Pêcheux.....	25
1.2 O sujeito e seu(s) outro/Outro: elementos e abordagens.....	28
1.3 Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada.....	35
1.4 Constitutiva e Mostrada: uma relação intrínseca	42
1.5 Um e outro/Outro: as não coincidências	45

CAPÍTULO 2

LULA E DILMA EM VIDEOMONTAGENS DO YOUTUBE: HUMOR, DERRISÃO E HETEROGENEIDADE	54
---	-----------

2.1 A desconstrução de um político do povo	56
---	-----------

2.1.1 Lula Bebum.....	57
2.1.2 Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula.....	63
2.1.3 Lula o analfabeto.....	68
2.1.4 Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva.....	75
2.1.5 Pérolas de Lula 3 – O Retorno	80

2.2 Dilma adestrada: a presidenta do Lula	85
--	-----------

2.2.1 Direto ao assunto Episódio#01 – Família	86
2.2.2 Direto ao assunto Episódio#02 – Literatura.....	90
2.2.3 Direto ao assunto Episódio#03 – Meio Ambiente	95
2.2.4 Direto ao assunto Episódio#04 – Copa 2010	101
2.2.5 Direto ao assunto Episódio#05 – Ministério	108

CAPÍTULO 3

POR UMA HETEROGENEIDADE DISSIMULADA DO DISCURSO 114

3.1 A heterogeneidade enunciativa sob as lentes do primado do interdiscurso..... 115

3.2 Fundamentos para a heterogeneidade dissimulada 120

3.2.1 O Simulacro 120

3.2.2 A Derrisão 124

3.2.3 A heterogeneidade dissimulada 127

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 136

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR 144

Introdução

Há alguns anos, internautas estavam restritos a navegar pela *Web*, utilizando computadores presos a mesas que lhes eram próprias e sendo necessário, para acessá-los, deslocar-se a certos ambientes que os hospedavam. Atualmente, podemos entrar no mundo virtual por meio de *laptops*, *tablets* e celulares a qualquer momento do dia ou da noite, em qualquer lugar onde seja possível conectar-se à Internet, por banda larga e/ou *Wi-Fi* e, assim, registrar momentos e postá-los *online*, assim como interagir das mais diferentes maneiras. Algo mais do que comum, essas atividades virtuais são vistas como essenciais para se manter bem informado. Em razão da natureza dos novos suportes físicos, os limites para o ingresso no mundo virtual são poucos, uma vez que “estamos frente a um canal tão largo que não se tem ainda ideia do tipo de obras, de formas culturais, de agenciamentos de representações que poderiam circular nele” (LÉVY, 1993, p.111).

A partir dessas novas configurações midiáticas, pensamos no usuário da Internet que, ao buscar um determinado *site* em que pretende visualizar, por exemplo, textos jornalísticos, videoclipes de música, videomontagens, filmes, fotografias, pinturas, charges ou desenhos, entra em contato com um discurso ou um conjunto de discursos que, por sua própria natureza, não são neutros. O discurso, portanto, pode sugerir um modelo de compreensão de mundo, uma maneira de perceber a realidade num dado espaço de circulação social dos sentidos ou, ainda, uma – ou múltiplas a depender do caso – determinada perspectiva sobre o tema tratado (ABRIL, 2008).

Mas outro dado importante é aquele que, segundo Pêcheux (2006, p.53), trata da língua intrinsecamente exposta ao seu equívoco, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Esse deslocamento de sentido, que ocorre nas fissuras do “equívoco da língua” (PÊCHEUX, 2006), possibilitando, assim, que discursos derivem seus sentidos para outros sentidos é o que procuramos compreender em nossa investigação de doutorado. Quando acessamos a Internet, muitas vezes, supomos que os sentidos possíveis estão ali

presentes na superfície textual¹. Todavia, esses pontos de deriva possibilitam a formulação de sentidos que não estão em funcionamento somente na materialização textual, uma vez que eles podem orbitar e circular por espaços outros, que caminham conjuntamente a elementos de ordem histórico-ideológica.

O que faz os sujeitos, entre eles os internautas, muitas vezes, acreditarem que os sentidos estão postos única e exclusivamente na superfície textual é certo engendramento próprio aos discursos, qual seja, de se pretenderem transparentes. Entretanto, eles são opacos (PÊCHEUX, 1997), pois se sustentam num alhures, num já-dito, em algo que foi pensado antes, independentemente, em outro lugar, numa memória do dizer. O que nos interessa é explorar, portanto, esse alhures, esses pontos de deriva, esse discurso outro em videomontagens do YouTube² alojadas em um ciberespaço que, segundo Pierre Lévy (2010, p.113), seria a “encarnação máxima da transparência técnica que acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido”.

A temática central de nosso trabalho são os *discursos humorísticos derrisórios*, presentes nas videomontagens do YouTube que se pretendem não só como transparentes, mas como um discurso que denuncia e alerta os internautas/eleitores sobre a postura e competência dos candidatos à presidência. Contudo, como já dissemos, eles sustentam-se num alhures. Desse modo, esse alhures - ou pontos de deriva - é que permite a irrupção de diferentes possibilidades interpretativas na produção dos efeitos de sentido, fato que possibilita pensarmos o funcionamento discursivo desse outro discurso que se aloja enquanto materialidade nos discursos humorísticos derrisórios.

Nosso material de análise é composto por recortes de videomontagens do YouTube que foram postadas, circularam (e ainda circulam) nos anos eleitorais de 2006 e 2010. Respectivamente, elas têm como alvo os então candidatos Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores - PT, ambos na disputa pela presidência. Fizemos um levantamento de algumas videomontagens postadas e

¹ Tratamos texto aqui como elemento para além da superfície linguística, materializado em outros elementos e suportes semióticos, como, por exemplo, elementos da ordem mostrada nos vídeos: gestos, sons, imagens, cores etc.

² Endereço eletrônico: <www.youtube.com.br>.

selecionamos dez: cinco do ano de 2006 que tem como personagem principal o então candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva intituladas: (i) *Lula o analfabeto*; (ii) *Lula Bebum*; (iii) *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*; (iv) *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* e (v) *Pérolas de Lula 3 – O Retorno*.

As outras cinco videomontagens selecionadas são do ano de 2010 e têm como personagem principal a atual presidente da República Dilma Rousseff, na época candidata ao cargo: (i) *Direto ao assunto: Episódio #01 – Família*; (ii) *Direto ao assunto: Episódio #02- Literatura*; (iii) *Direto ao assunto: Episódio #03 – Meio Ambiente*; (iv) *Direto ao assunto: Episódio #04-Copa de 2010* e (v) *Direto ao assunto: Episódio #05 – Ministério*. Elegemos tais videomontagens por elas terem em comum o fato de que tornam em derrisão os seus alvos, isto é, Lula e Dilma.

Tomaremos, como um dos principais aparatos teóricos, as postulações de Authier-Revuz (1998) sobre a questão da heterogeneidade enunciativa que será trazida para emprendermos nossa reflexão acerca dos “equivocos da língua” (PÊCHEUX, 2006) em que a presença da voz do Outro no discurso do eu faz emergir sentidos que estariam na opacidade da materialidade linguística. Nesse espaço de produção, formulação e circulação de discursos, que é a Internet, acreditamos que o discurso humorístico derrisório³ seja constitutivamente construído por Outros – já que nenhum discurso é homogêneo na sua constituição (AUTHIER-REVUZ, 2004). É preciso considerar, no entanto, quando se trata de um Outro satírico, que é trazido para o fio do discurso do eu, como é o caso das videomontagens do YouTube, que a noção de Authier-Revuz deva ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada, distinta tanto da mostrada marcada quanto da mostrada não marcada, reflexão empreendida por Baronas (2005) em seu artigo intitulado *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*.

Desse modo, tentaremos descrever e interpretar os sentidos satíricos, derrisórios, trazidos pelos Outros constitutivos e que na opacidade do discurso apagam e/ou dissimulam seus enunciadores. Acreditamos que as videomontagens que tornam em derrisão atores políticos sejam um dispositivo de produção de sentidos

³ Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003, p. 35), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria.” Para Mercier (2001), a derrisão possui virtudes revolucionárias inegáveis porque afirma uma inversão simbólica e temporária da ordem política, é capaz de associar perspectivas de resistências sociais e individuais revelando uma dialética entre contestação e regulação.

que, por meio dos discursos derrisórios produzidos, possam representar a emergência de uma nova eloquência política da democracia brasileira, que se dá no limite entre aquilo que é da ordem do humorístico e aquilo que é da ordem do panfletário.

Portanto, circunscrevemos nossa investigação em torno das seguintes questões de pesquisa: Como se constrói o discurso humorístico derrisório na sua relação com o alhures que o constitui? Mais ainda, como ele é absorvido no discurso político em uma nova materialidade discursiva que é o espaço virtual, a Internet, especificamente, o YouTube? Nessa absorção do político pelo derrisório, como os atores políticos são dados a circular? Que tipo de relação interdiscursiva sustenta os discursos que tornam em derrisão os atores políticos?

Em nossa dissertação de mestrado, já havíamos nos deparado com esses e outros questionamentos, contudo, à época, não foi possível compilar todas as respostas; olhamos para alguns aspectos e deixamos outros para um momento posterior - este no qual estamos. Uma das hipóteses que mais nos instigava era poder confirmar (ou infirmar) a pertinência do conceito de heterogeneidade dissimulada e verificar o seu funcionamento, mas, diante de outros questionamentos acerca de nosso *corpus* que foram surgindo naquele momento, optamos por outros enfoques para que, depois da dissertação -de preenchidas algumas brechas -, pudéssemos nos debruçar mais acuradamente sobre nossa questão primeira.

As quatro primeiras videomontagens em que o alvo do discurso humorístico derrisório é o candidato Luiz Inácio Lula da Silva que compõem parte do *corpus* desta pesquisa compuseram também o *corpus* de pesquisa do mestrado. Nossos objetivos na dissertação foram basicamente: a) verificar como as videomontagens que se apresentam como humorísticas, encontradas em um espaço virtual, constituem-se em um gênero discursivo para, assim, analisarmos o modo de construção desse gênero por meio de alguns elementos, como, por exemplo, os relativos aos sentidos construídos nesse mecanismo singular de expressão verbal postado em *sites* como o YouTube; b) investigarmos como funcionam os processos discursivos derrisórios em uma nova materialidade discursiva e c) verificarmos como se constrói a derrisão, suas relações e delimitações com o discurso humorístico e seu funcionamento discursivo em torno do presidente Lula.

Os postulados teóricos-metodológicos de Bakhtin (2003) para tratar da questão do gênero videomontagem levaram ao seu conteúdo temático, aos seus

procedimentos composicionais, ao seu estilo, ao seu comportamento como gênero secundário e primário, à sua ativa compreensão responsiva no ouvinte, à alternância dos sujeitos, às réplicas, bem como aos demais aspectos que enriquecem a verificação deste e de outros gêneros produzidos incessantemente em um determinado grupo social.

Para discutir as relações e delimitações entre o humor, a ironia e a derrisão ancoramo-nos nas hipóteses teóricas de Dominique Maingueneau (2007) sobre universo, campo e espaços discursivos como procedimento teórico-metodológico. Logo após, tecemos algumas considerações mais específicas acerca do discurso derrisório tomando os estudos de Simone Bonnafous (2003) e Arnaud Mercier (2001). Cabe ressaltar aqui que, no segundo capítulo da dissertação de mestrado, buscamos elucidar o que é o YouTube, como se caracteriza o lugar onde estão abrigadas as videomontagens e quais as suas principais particularidades com base na obra *YouTube e a Revolução Digital* (BURGUESS, 2009).

Nesta pesquisa de doutorado, retomamos alguns aspectos importantes do funcionamento do YouTube - que já foi descrito e comentado na dissertação de mestrado -, os quais serão retomados de modo objetivo e algumas informações serão atualizadas, haja vista o dinamismo do ciberespaço e suas interconexões. Ademais, trataremos algumas postulações do que é cibercultura e ciberespaço (LÉVY, 2010; LEMOS, 2013), conceitos que influenciam a constituição de nosso *corpus* de análise: videomontagens do YouTube.

Quanto às discussões que desenvolvemos na dissertação, resumidamente, podemos afirmar que as videomontagens apresentaram-se como um gênero do discurso, pois todas delineiam os seguintes elementos de modo coeso: *o estilo, a estrutura composicional e o conteúdo temático*, ou seja, um gênero relativamente estável e que pressupõe regularidades constitutivas; assim foi possível diferenciar as videomontagens de outras produções discursivas (BAKHTIN, 2003).

Quanto ao discurso derrisório, diríamos que ele apresenta-se ora como um jogo, ora como algo que não se pode aprisionar, pois não é possível percebê-lo na sua totalidade, já que é mutante e, por isso, torna-se uma forma socialmente aceitável de exprimir a agressividade. De fato, “o humor permite dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas” (MERCIER, 2001, p.11, tradução nossa). O humor é um discurso abrangente, ou seja, é um *campo*

discursivo extenso e que pode abarcar o discurso irônico e o derrisório, assim como os chistosos, os de escárnio que compõem os *espaços discursivos*. Eles habitam o mesmo campo discursivo e podem construir uma relação de intertextualidade ao perpassar uns aos outros e de tal modo apresentar traços que os relacionem e traços que os diferenciem (ARAÚJO, 2011).

O trabalho que ora desenvolvemos objetiva, por um lado, dar conta epistemologicamente da noção de heterogeneidade dissimulada e, por outro, contribuir para a construção de uma *Web Memória* da política brasileira, constituída por textos menos nobres⁴. Ademais, o que nos parece fazer avançar é poder pensar os estudos das heterogeneidades não somente a partir da construção genérica-autoral, ou seja, um sujeito que se posiciona politicamente no espaço de postagens das videomontagens, mas sim, e mais amplamente, poder pensar o outro/Outro⁵ – seja enquanto sujeito, seja enquanto interdiscurso – no espaço de circulação dos discursos desses vídeos. Isso pode ser observado nas apreensões dos múltiplos sentidos ensejados pelos discursos. Esses discursos ocupam um lugar central na produção de discursividades em torno do que ocorre no cenário político brasileiro, já que se encontram na web, no ambiente virtual, um lugar de circulação que constrange a produção discursiva a ser distribuída em diferentes materialidades.

A Internet pode ser vista como um recurso para fortalecer o processo democrático, haja vista que ela é um meio de comunicação, informação, interação e de multifuncionalidades que se sustenta por meio de novas tecnologias advindas da fusão das telecomunicações analógicas com a informática, o que possibilita a

⁴ Esta pesquisa integra as reflexões desenvolvidas no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM. O laboratório está sediado no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar, é apoiado pelo CNPq e congrega pesquisadores dos mais diversos níveis (graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado) tanto da UFSCar quanto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Dentre os objetivos do laboratório estão analisar o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos multimodais, que se dão a circular como menos opinativos, constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. O laboratório elegeu como *corpus* de análise textos multimodais: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas e textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, *sites* e revistas brasileiras de grande circulação nacional, tais como: Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, revista Veja, revista Época e no *site* YouTube durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002; 2006, 2010 e 2014.

⁵ “Outro”: Reporta-se ao inconsciente, às manifestações do desejo e as injunções do inconsciente sob forma de linguagem e “o outro”: refere-se ao exterior que constitui o sujeito, vozes outras, sujeitos outros, discursos sócio-históricos, ideológicos e culturalmente constituídos, anteriores e exteriores ao sujeito.

veiculação de ideias sob um mesmo suporte – o computador –, de diferentes formatações de mensagens (LEMOS, 2013). Isso faz com que a internet possa comportar uma veiculação de ideias que em outro meio não suscitariam tanta polêmica, o que pode significar um potencial de interação inédito se comparado a um veículo de comunicação tradicional, “a virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...” (LÉVY, 1996, p.11). Um dos fatores mais instigantes é que o virtual só aparece com a entrada da subjetividade humana no circuito, ou seja, as diferentes formas de discursividades encontradas dão permissão para que se construa outras maneiras de se compreender o mundo, de construir outros sentidos. Por isso, não foi dado aos seres humanos a capacidade de pensar sozinhos ou sem ferramentas, são as instituições, as línguas, os sistemas de signos, as técnicas de comunicação, de representação e de registro que apoiam, que dão suporte às nossas atividades cognitivas e, nesse sentido, toda uma coletividade reflete em nós (LÉVY, 1996).

Isso tudo acontece em um espaço de comunicação repleto de potencialidades nos mais diversos planos - político, econômico, cultural e humano - e ao qual também podemos chamar de ciberespaço, lugar de interconexão mundial de computadores em que é possível encontrar um universo gigantesco de informações assim como o número de pessoas que navegam e alimentam esse universo. Isto porque ele oferece instrumentos para que se construa, de maneira cooperativa, espaços virtuais explorados por indivíduos geograficamente distantes. Não se trata apenas de uma troca de mensagens, mas de cada um poder modificar, estabilizar e apresentar significações de determinados fatos (LÉVY, 1996) - e o YouTube apresenta-se como um exemplo disso.

Juntamente com o crescimento do ciberespaço desenvolve-se a cibercultura, que pode ser entendida como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores” (LÉVY, 2010), em outras palavras, ela está no nosso dia a dia, presente nas atividades de lazer, de trabalho ou da vida privada, não se pode pensar em áreas específicas dentro de uma cibercultura, pois ela é o todo (LEMOS, 2013) e o YouTube faz parte desse todo, construindo-o e sendo construído por ele. Um dos fatores que contribuiu para que a cibercultura se constituísse enquanto um cotidiano foi a invenção do computador pessoal, que permitiu que uma corrente cultural espontânea e imprevisível impusesse um novo

curso ao desenvolvimento tecnoeconômico no mercado da informação do conhecimento (LÉVY, 2010).

Pierre Lévy (2010) sugere três princípios norteadores para o crescimento da cibercultura: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão pode ser entendida como a comunicação universal, cada computador tem um endereço na internet que o interliga a um canal interativo, um contínuo sem fronteiras, um meio informacional oceânico que proporciona diferentes modos de comunicação interativa e permite uma interconexão universal (LÉVY, 2010).

Apoiada na concepção de interconexão, há a criação das comunidades virtuais sob um processo de cooperação e de troca. Independentemente das distâncias geográficas e das instituições as quais estão ligadas, essas comunidades virtuais surgem por meio das afinidades de interesse, de conhecimentos, de projetos mútuos, de aprendizagem cooperativa desterritorializada, livre. A inteligência coletiva parte do princípio de que o que interessa a um grupo humano para constituir-se como comunidade virtual é acreditar que na coletividade existe mais inteligência, se é capaz de aprender e inventar mais, ou seja, a inteligência coletiva é o princípio último da cibercultura, sua “perspectiva espiritual”; e, desse modo, “a interconexão condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial” (LÉVY, 2010, p.133 e 135).

Nesse sentido, podemos entender o YouTube como uma dessas comunidades virtuais que constituem a cibercultura, pois os chamados *YouTubers* alimentam o *site* contribuindo com conteúdo, construindo e criando vídeos reciprocamente e tudo isso acontece dentro de uma arquitetura que, num primeiro momento, não foi pensada para abrigar perfis de usuários, grupos ou mensagens. Entretanto, ele oferece uma usabilidade explorada pelos *YouTubers* que, como agente culturais, não se prendem à arquitetura do *site* (miniaturas de vídeos e campo de busca) e integrados a outras redes sociais movem seu conteúdo e sua identidade para dentro e fora de vários *sites*.

Apesar desses fatos, o YouTube não é um depósito de conteúdo inatingível, ele é parte do cotidiano das pessoas reais e parte dos meios de comunicação que todos experimentamos em nossas vidas, já que um dos seus objetivos é permitir que seus usuários vejam, publiquem e compartilhem vídeos de inúmeros temas. Isto faz com que muitos se interessem e o número de acessos ao *site* aumente a cada dia, tornando-

o um dos mais acessados do mundo. Além disso, o fascínio causado pela imagem entra em ebulição quando os cidadãos mais comuns podem ser os protagonistas dos vídeos, permitindo que cada um seja seu próprio produtor midiático ao criar celebridades do cotidiano (BURGUESS, 2009).

Fundado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do *site* de comércio on-line Pay-Pal, o *site* YouTube foi lançado oficialmente sem muita divulgação em junho de 2005. Nessa história, o sucesso chegou em outubro de 2006, quando a Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube. Em 2007, ele já era o *site* de entretenimento mais popular do Reino Unido e, no começo de 2008, já figurava como um dos mais visitados do mundo (BURGUESS, 2009). Com mais de um bilhão de usuários que assistem diariamente a centenas de milhões de horas de vídeos que geram bilhões de visualizações, o YouTube está disponível em 61 idiomas e recebe a cada minuto 300 horas de vídeo e metade delas são visualizadas em dispositivos móveis segundo informações que constam no próprio *site*⁶.

Assim, o YouTube é uma plataforma discursiva que oferece um modo de circulação instantâneo, é tido como um dos mais populares portais de vídeos sobre qualquer tema, acrescentados ao acervo pelos próprios internautas como: trechos de filmes, seriados, novelas, filmagens históricas, cenas caseiras do cotidiano e videomontagens das mais diferentes espécies. No YouTube, muitos temas estão ao nosso alcance, desde que tenhamos, por exemplo, um celular ligado à internet, é possível filmarmos uma cena do cotidiano e postarmos no mesmo instante, o que torna o YouTube referência em interatividade, originalidade e variedade.

Além disso, ele também pode ser pensado como uma nova maneira de ver televisão, porque com a chegada dessas tecnologias o espectador tem a oportunidade de ver TV quando e onde quiser, é só pensar em qualquer político, compositor, cantor, ator, poeta, escritor ou uma celebridade e a chance de encontrar clipes inéditos são imensas, maior do que procurar em qualquer outra fonte. Nesse garimpo virtual, se procurarmos por vídeos do presidente Lula ou da atual presidente Dilma Rousseff, podemos encontrar registros de suas aparições recentes em telejornais assim como suas propagandas eleitorais de anos anteriores. É possível recuperar imagens do

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>> . Acesso em 1º. mai 2015.

passado, como as do debate das eleições de 1989 e diversos outros com uma enxurrada de sátiras.

No YouTube – você no tubo ou você na TV – acompanhado do slogan *Broadcast Yourself* – poste, insira você mesmo o seu vídeo – como o próprio nome já diz, pode-se ver e veicular diferentes vídeos capturados e configurados pelos seus integrantes; também é possível cadastrar-se, criar uma senha e moldar a página para que se possa assistir e selecionar os vídeos preferidos e não é preciso nenhum cadastro prévio para quem quer apenas visualizar determinados conteúdos. Outro aspecto atrativo é o fato de o *site* não exigir uma qualidade dos vídeos, não há condições técnicas específicas para que sejam postados, diferentemente das grandes produções que utilizam recursos com níveis altos de qualidade de som e imagem, isto permite uma participação em massa dos usuários como criadores de seus próprios vídeos (ABRIL, 2008). Mais uma vez, além de ser um espaço para quem gosta de ver e comentar vídeos, ele é também um espaço para quem gosta de fazer vídeos; no caso, as videomontagens.

Por ser de fácil acesso e envolver inúmeros internautas, o YouTube além de ser um meio de divulgação de diferentes produtos também é usado por alguns políticos como meio de propaganda de suas candidaturas. Isto porque os eleitores podem assim ver as propostas do candidato e produzir mídias apoiando ou se opondo a ele. Dessa maneira, se imaginarmos que a internet estará disponível a cada vez mais pessoas pelo mundo e que elas terão suas próprias câmeras de vídeo ou demais aparelhos para capturar e digitalizar imagens, tudo isso nos permite afirmar que a oferta de vídeos na Internet possa ser um ambiente de crescente divulgação e circulação de informações.

No entanto, o principal é que *sites* como o YouTube articulam novos mecanismos de expressão verbal, o que nos permite pensar que ele seja uma significativa ferramenta de construção de sentido. Segundo Burgess (2009, p.60), devemos entender o YouTube não somente como uma plataforma de conteúdo criada por usuários, mas “como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos e ideologias divergentes” voltados para o mercado, a audiência ou o usuário.

Tanto na esfera política como na cultural e na econômica, as formas de interação humana estão sendo (res-)significadas, isto gera um processo de discussão política e social modificada tanto na sua forma de produção, nos processos de distribuição e apropriação quanto nos modos como circulam na rede (ABRIL, 2008). O YouTube, para além do papel das atividades normais de seus usuários, como a postagem de discursos multimodais – em virtude de suas condições favoráveis –, constitui uma ferramenta de encontro de diferenças culturais, de exposição do pensamento político, de diversidades de crença e identidades (BURGUESS, 2009). Há todo um conjunto de saberes construídos e que o sujeito produtor consegue produzir uma unidade porque tem em suas mãos uma ferramenta que ordena todos os diferentes elementos constitutivos dos discursos multimodais de acordo com um propósito pré-determinado.

Dentro desse âmbito, acreditamos que, por tratar em nossa pesquisa de doutorado do estudo de um texto multimodal, esse fato possa trazer outras questões e reflexões para a Análise do Discurso⁷, cuja característica peculiar, desde sua epigênese, é a inquietante busca por novos materiais e as suas consequentes peculiaridades em analisá-los. Para teorizá-los, não importa onde eles estejam: dentro da ciência da linguagem ou fora dela. Com efeito, atrelado a este desejo, está o intento de refletir a expansão de um conceito como o de Jacqueline Authier-Revuz, uma empreitada singular dentro dos estudos do discurso, pois, do engendramento de suas ideias as de Dominique Maingueneau, a *heterogeneidade dissimulada* nasce com o intuito de dar conta desses outros objetos e discursividades, como o discurso humorístico derrisório. No entendimento de Jean-Jacques Courtine (1999, p. 12):

não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de *talk-shows* televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais [e na (re)criação de categorias conceituais] (Acréscimos nossos).

⁷ Doravante, vez ou outra, AD.

Portanto, refletindo sobre tais aspectos, pensamos que nosso trabalho possa ser mais um movimento nas formulações da AD - que sofre continuamente mutações, inserções e enriquecimentos histórico-analíticos. Consideramos que o humor, que tem sido explorado mais timidamente, possa ser ainda mais frequentado, uma vez que ele tem privilégios diante de uma “Ordem do Discurso” (FOUCAULT, 2003) quando diz o que não é “dizível”. Isto porque nem todos podem dizer qualquer coisa em qualquer lugar, mas, tratando-se do discurso de humor, pode haver alguns sancionamentos que possibilitam que esse discurso possa emergir em diferentes momentos, espaços e sujeitos, ou seja, quebrando expectativas e incitando ideias oportunas ou não.

De maneira sucinta, acrescentaríamos que o estudo da heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005) como um mecanismo de discurso só fará enriquecer os caminhos que percorre a Análise do Discurso no Brasil, pois é necessário reconhecer a capacidade de sedução de um texto de humor e os sentidos construídos por ele que escapam ao olhar dos sujeitos-internautas. Além de humorísticos, esses discursos que circulam em determinados espaços de acesso de milhares de pessoas possibilitam um modo de circulação singular em uma determinada cultura ao desempenhar um papel constitutivo e constituinte na sociedade e ao promover a emergência de uma discussão política e midiática como a que buscamos levantar neste trabalho.

Quanto à fundamentação teórica de nossa tese de doutorado, inicialmente, podemos dizer que Análise do Discurso de linha francesa, concebida a partir da “Análise Automática do Discurso” pelo filósofo Michel Pêcheux, é nosso alicerce teórico. Desse modo, situamos a entrada do discurso humorístico derrisório quando a Análise do Discurso se abre para novas discursividades e, epistemologicamente, vê-se na iminente necessidade de buscar outros objetos teóricos de análise na “história, em sociologia, em psicologia, por todo lugar onde haja textos, onde se produz o encontro da língua com o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 96), na abertura empreendida por Pêcheux e o grupo de pesquisa que colaborou após a construção e desconstrução da teoria.

Dessa maneira, o estudo de textos multimodais e da derrisão podem ser vistos como uma dessas aberturas para novas discursividades. Todavia, sempre que necessário, voltamo-nos a outros teóricos do discurso, tais como Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau, Simone Bonnafous e Arnauld Mercier. Cumpre destacar

que voltar-se a outras fontes dar-se-á sempre na perspectiva de um diálogo que busca alargar o raio de visão do nosso objeto.

Como mencionamos nos parágrafos anteriores, o humor reúne estratégias que conseguem dizer pelo sujeito aquilo que ele gostaria de ter dito, mas não teve força para isto – como se um Outro falasse por ele. Ou, ainda, nas situações em que se poderia num gesto de violência utilizar um tapa ou uma bofetada para derrubar o adversário, prefere-se usar um chiste, um enunciado de humor⁸ derrisório para destruí-lo. É desse modo também que se entende que a noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva, proposta por Authier-Revuz (2004) que trata do sujeito e do seu discurso sob dois grandes pilares, possa ser refletida e expandida ao ser mobilizada em nossas análises.

O primeiro pilar que sustenta a concepção de heterogeneidade é o da concepção bakhtiniana de dialogismo, ou seja, o discurso como palco de mediação, interação e constituição dos sujeitos em suas esferas de atividade e compreensão sócio-históricas. Em outras palavras, Bakhtin (2008)⁹ afirma que o sujeito precisa do seu outro para se constituir, e é esse outro quem estabelece as fronteiras discursivas que podem compor um sujeito e seu discurso, a partir de interações sociais, na arena cotidiana, em que esses sujeitos se inscrevem por meio da comunicação verbal ou não verbal humanas. Ele não seria “o seu duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.25, grifos do autor).

Diríamos que o dialogismo é a base da constituição do sentido que não vem construído sob um só pilar, mas *no e pelo* entrecruzamento de diferentes discursos que podem convergir ou divergir; é com o discurso outro que o discurso do sujeito se forma e *pelo* discurso outro também, os outros discursos seriam seu “exterior constitutivo” (AUTHIER-REVUZ, 2004). Isto porque o lugar do discurso outro não é

⁸ Reiteramos que o tema já foi largamente discutido em nossa dissertação de mestrado que será retomada em momentos oportunos: ARAUJO, Lúcia Mara Boin Menossi de. **Política e derrisão no YouTube: uma leitura discursiva**. 2011, 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

⁹ BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 341p. Contudo, salientamos que, para citar Bakhtin, Authier-Revuz, em sua obra *Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004, p.25), refere-se às proposições do autor a partir da edição francesa de 1963 como consta em nota e nas referências: “BAKHTIN, Mikhail. **Problèmes de la poétique de Dostoievski**, Moscou, 1963. (2a. ed. Mod. Por Bakhtine, 1929). Trad. Fr.: **La poétique de Dostoievski**. Seuil, 1970 e **Problèmes de la poétique de Dostoievski**. Lausanne, L ‘Age d’homme, 1970”.

em frente e nem ao lado, mas *no* discurso, o que pode ventilar nossas ideias quanto à questão da heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz pertencer a um discurso sem se mostrar de maneira explícita.

O segundo pilar no qual se apoia Authier-Revuz (2004) é uma releitura lacaniana de Freud, que aborda o sujeito e sua relação com a linguagem nos moldes da psicanálise, nos quais o discurso é atravessado pelo inconsciente, assim, o sujeito é dividido, não uno, e a sua fala é heterogênea. A autora lembra a afirmação de Freud de que a “ilusão do eu” propicia ao sujeito uma ilusão de que o seu discurso tem origem centrada em si mesmo e que é a fonte da sua enunciação, pois

nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a linguística, esquecer (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

O sujeito esquece os outros constitutivos presentes em seu discurso e acredita ser a fonte de sua enunciação. Como nos esclarece Pêcheux (1997), ao afirmar que o sujeito se constitui a partir de dois esquecimentos: o segundo é da ordem da enunciação, pois quando falamos escolhemos um modo e não outro, formamos famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre pode ser outro, assim essa ilusão referencial possibilita que o sujeito acredite em uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, e tudo o que é dito só poderia ser dito daquela forma e não de outra. O primeiro esquecimento é o ideológico, da instância do inconsciente, resultado de como somos afetados pela ideologia, dizendo de outro modo, temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, todavia, quando enunciamos, retomamos sentidos pré-existentes, mobilizamos palavras outras, já ditas em outros contextos sócio-históricos e carregadas de sentidos, portanto, os discursos já estão em processo em nós, eles não se originam em nós. Esses esquecimentos não são voluntários, mas uma necessidade para a existência dos sujeitos da produção de sentidos.

Logo, quando o sujeito se mostra como o centro da enunciação, crendo que ele é a fonte única de seu discurso, não há a lucidez de que o seu discurso nada mais é do que uma possibilidade discursiva, oriunda do momento histórico e do espaço em que vive e produz sua enunciação, e que o sujeito é efeito da linguagem e do discurso e

não a causa de ambos. Um dos principais postulados da psicanálise é a possibilidade de se interpretar certo número de fenômenos demonstrados pelos sujeitos como manifestações do inconsciente, sendo a tarefa do analista reconstruir o discurso ausente a partir das pistas deixadas por esses esquecimentos (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Authier-Revuz (2004) denomina “heterogeneidade constitutiva” como a presença velada da fala do outro no discurso que se enuncia, criando a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, com raízes no inconsciente. Além disso, a heterogeneidade constitutiva pode ser explicitada por meio de uma heterogeneidade mostrada, em que, no fio do discurso, o sujeito produz formas que inscrevem o *outro* na cadeia discursiva. Portanto, o conceito de heterogeneidade enunciativa comporta duas concepções: a de *heterogeneidade constitutiva* e a de *heterogeneidade mostrada (marcada ou não marcada)*, ambas implicando a presença do outro na produção do discurso do eu.

Construímos a fundamentação teórica baseados nas principais ideias-força anteriormente empreendidas por Authier-Revuz (1990, 1998, 2004); as concepções expostas acima serão melhor explanadas e alguns pontos aclarados. Todavia, entendemos que, nas videomontagens, a heterogeneidade pode ser pensada de outro modo, pois o sujeito-enunciador produz o seu discurso e ao trazer para o fio do seu discurso, o discurso do Outro/outro e, no mesmo processo enunciativo, apontar que esse discurso outro apresenta algum tipo de problema, muitas vezes, de ordem linguística: sintática, lexical etc.; não se pode caracterizar somente como uma negociação em que o discurso do Eu delimita ou denega o discurso do Outro/outro, mas trata-se principalmente de uma tentativa de apagamento desse discurso do Outro/outro que se dá legitimado pelo interdiscurso, o que nos permite pensar em uma heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005). Isso acontece por meio de uma interincompreensão regrada do discurso do Outro/outro, discurso esse que é traduzido para o discurso do Mesmo, o próprio Eu que se defronta com o Outro/outro, por meio da construção de um *simulacro* do discurso primeiro (MAINGUENEAU, 2007).

Com base na análise discursiva de videomontagens que circularam (e ainda circulam) no YouTube e que tem como alvos derrisórios os atores políticos Lula e Dilma, durante as eleições 2006 e 2010, nosso objetivo central, nesta tese, é atestar e

verificar o funcionamento da heterogeneidade dissimulada, que se difere da heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. Mais especificamente:

(i) compreender como se constrói o discurso político humorístico em textos multimodais, tidos como não oficiais, mas opinativos, pois produzem em alguma medida um ponto de circulação de sentido, em que sujeitos-internautas podem acessar e se inscrever, de acordo com suas filiações históricas, políticas e ideológicas, nos discursos engendrados por essas videomontagens que dissimulam o Outro/outro. E assim, analisar como se constroem novas formas de representar discursivamente um fenômeno social que é o discurso político;

(ii) verificar em que medida o funcionamento discursivo das videomontagens do YouTube contribui para a escrita da história da política brasileira, uma vez que a grande acessibilidade, e por que não dizer, a fácil operação em termos de edição, postagem dos dispositivos etc., traz novas relações, mediadas discursivamente, entre os atores políticos, seu possível público-eleitor almejado e esse espaço virtual, dissimulado, por meio do humor, em seus sentidos, no qual existem outros elementos: circulação, edição, atribuição de falas etc., que podem direcionar os efeitos de sentidos numa campanha eleitoral, por exemplo;

(iii) compreender o papel social das novas mídias, sobretudo a do YouTube, na produção e circulação de discursos que engendram uma espécie de espetacularização da política e uma consequente despolitização do político, ou seja, “papel social” no sentido de função mediadora e construtora de discursos possíveis de serem os legítimos de seu tempo e espaço, bem como elemento de coadunação entre os múltiplos sentidos em uma direção unívoca marcada por um forte matiz ideológico que lhe é intrínseco.

Diante dos objetivos expostos, temos duas hipóteses principais de trabalho. A primeira é o fato de que quando um Outro discurso satírico é trazido para o discurso do Eu possibilita a emergência de uma heterogeneidade dissimulada em videomontagens do YouTube que se caracterizam por sua multimodalidade discursiva; a segunda é a de que esses textos tidos como “marginais”, tendo a particularidade de estarem abrigados em um espaço virtual e serem derrisórios, podem supostamente construir uma história da política brasileira de modo distinto daquele veiculado oficialmente, pois, de modo satírico, eles podem dizer aquilo que

um artigo de opinião não poderia, já que sua grande acessibilidade pode trazer novas relações e direcionar efeitos de sentido.

Por conseguinte, é possível afirmar que os discursos estão constituídos por múltiplas materialidades significantes – semioses – como, por exemplo, som, imagem, cores, recursos de edição, a organização sintática discursiva, entre outras, e que elas podem se combinar em formatos distintos, promovendo o surgimento de diversas formas de significação e construindo outros sentidos possíveis diferentes daqueles já trazidos pelos chamados “textos oficiais”. O sentido seria dado a partir da fusão das múltiplas modalidades que se constituiriam por meio das formas de representar a realidade discursivamente (ABRIL, 2008).

Nossa tese está estruturada em três capítulos: o capítulo 1 é intitulado *Heterogeneidade enunciativa como primado teórico*; o capítulo 2 *Lula e Dilma em videomontagens do YouTube: humor, derrisão e heterogeneidade* e o capítulo 3 tem como título *Por uma heterogeneidade dissimulada do discurso*. A introdução, como vimos, abarca questões sobre a cibercultura e retoma alguns pontos da dissertação de mestrado, do projeto de pesquisa que desenvolvemos e da projeção dos capítulos da tese, tudo isso permeado por reflexões acerca do material de análise.

No capítulo 1, tecemos um breve percurso histórico da Análise do Discurso no qual demos maior enfoque ao encontro teórico de Michel Pêcheux e Jaqueline Authier-Revuz. Em seguida, trouxemos o desenvolvimento da teoria empreendida por Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004) sobre a heterogeneidade enunciativa do discurso, constructo teórico fundamental para nossa pesquisa - que tem como um de seus objetivos primordiais a expansão do conceito de heterogeneidade quando se propõe um diálogo com a questão do simulacro de Maingueneau (2007).

Nesse caminho, para o capítulo 2, construímos a análise do material, ou seja, tecemos uma transcrição dos recortes das videomontagens; em seguida, uma descrição de outros aspectos, como som e imagem; lançamos mão da técnica de congelamento das imagens e dos *slides* para proceder às análises das videomontagens e empregá-las no corpo da pesquisa, a fim de que o trabalho pudesse ser ilustrado e facilitasse a observação do leitor.

Além disso, temos o capítulo 3 no qual construímos uma reflexão sobre as proposições de Maingueneau acerca da concepção de heterogeneidade, buscamos compreender de que maneira suas ideias se aproximam e divergem das ideias de

Authier-Revuz sobre a noção de que tratamos. O conceito que ambos estudiosos utilizam são homônimos, porém apresentam pontos que se aproximam e distanciam e, para sustentar essa reflexão, tomamos as obras *Novas Tendências em Análise do Discurso* (1997) e *Gênese dos Discursos* (2007).

Ao pensar a questão da metodologia em *Análise do Discurso*, Dominique Maingueneau assevera:

Os analistas do discurso podem ainda construir *corpus* de elementos de diversas ordens (palavras, grupos de palavra, frases, fragmentos de textos, [charges, caricaturas, videomontagens, etc.]) extraídos do interdiscurso, sem buscar construir espaços de coerência, ou seja, sem procurar constituir totalidades. Nesse caso, deseja-se, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas por meio da definição de *percursos* inesperados: a interpretação se apoia, assim, sobre a explicitação de relações imprevistas no interior do interdiscurso (2007, p.32 e 33, grifos do autor).

O objeto considerado são os discursos do sujeito-enunciador; contudo, observamos esses outros aspectos como som, imagem e recursos de edição que delineiam traços inerentes ao discurso derrisório e que, conseqüentemente, nos abrirão a possibilidade de identificar as regularidades que trarão uma memória discursiva imbricada às videomontagens assim como as vozes que se sobrepõem dialogicamente para construir sentido. Para isso, temos de resgatar alguns juízos que circulam em nossa sociedade sobre os candidatos à presidência e observar que alguns sentidos construídos podem estar cristalizados de alguma maneira em vários meios de comunicação como jornais, revistas e internet. Para trabalhar com essa forma de discursividade do discurso humorístico derrisório o qual, supostamente, contém uma mensagem política no *corpus* selecionado, fizemos um levantamento de forma comparativa das regularidades e singularidades apresentadas.

Por fim, mobilizamos as reflexões de Dominique Maingueneau (2007) sobre a questão da polêmica como interincompreensão, que abarca os conceitos de simulacro e regramento da abordagem do Outro pelo Mesmo. Esses conceitos são tecidos pelo autor e são primordiais para o desenvolvimento da concepção de heterogeneidade dissimulada que foi aclarada no último subtópico do capítulo; nele, tentamos empreender uma discussão mais aprofundada sobre a expansão e importância da heterogeneidade dissimulada para os estudos de objetos multimodais.

Capítulo 1

A heterogeneidade enunciativa como primado teórico

Es denkt in mir

Nietzsche, Jenseits von Gut und Böse, 1886, § 17.

Iniciamos este primeiro capítulo com a epígrafe em alemão do respeitado pensador e filósofo do século XIX Friedrich Nietzsche.; o aforisma pode ser encontrado na obra em português intitulada *Além do bem e do mal* (2001, § 17) e foi traduzida como “Algo pensa em mim”. Ainda no mesmo parágrafo, o filósofo acrescenta que seria uma alteração dos fatos pretender que o sujeito eu seja a condição do atributo “eu penso”. Alguma coisa pensa e acreditar que esse algo é o antigo e famoso eu, seria pura suposição.

Essa premissa nietzschiana permite nosso entendimento sobre o pensamento ser muito maior do que podemos nos dar conta, há outras vozes alocadas dentro de nossas cabeças e elas produzem ideias que nem sempre percebemos: é o que podemos chamar de “inconsciente”. A conhecida metáfora sobre a ponta do iceberg pode ser um exemplo interessante, o que está visível é nossa consciência e o que está imerso no nosso inconsciente. Portanto, se “Algo pensa em mim”, não somos nós que pensamos, mas sim algo que pensa, não somos senhores de nossos pensamentos, pois é uma atividade que transcende o controle consciente, como uma força que pensa e está fora do nosso controle, da nossa deliberação.

Quando nos deparamos com esse aforisma de Nietzsche, estabelecemos duas relações: a primeira com a própria produção de aforizações que vai sendo construída ao longo de suas obras e nos remetem ao trabalho de Dominique Maingueneau (2014) sobre o tema que hoje, em virtude de outras e novas produções discursivas mais instantâneas, suscitaram as mais diferentes formas de discursividades a partir da

produção de enunciados rápidos e curtos que, muitas vezes, se consolidam ou não. A segunda relação, a que mais nos chamou atenção por ser contundente para a pesquisa, foi a ligação com as proposições de Authier-Revuz (2004) que tratam de maneira decisiva a presença de outras vozes no discurso do eu no âmbito dos estudos discursivos com o conceito de que há muitos outros pensamentos em nossa cabeça, nosso inconsciente e, portanto, existe um Outro que comanda a presença deles.

Não é nosso intuito aqui dizer que a pesquisadora, Authier-Revuz, teria entrado em contato com as ideias de Nietzsche, mas reiterar que, ao levar para os estudos do discurso a questão da existência de outras vozes, de haver um Outro que funciona de modo independente e que o eu tem a ilusão de ser o comandante, a pesquisadora francesa compila a heterogeneidade enunciativa do discurso como a admissão de um algo que pensa em mim, o Outro/outro que pensa no discurso do Mesmo/Eu.

Logo, a teoria da heterogeneidade enunciativa empreendida por Authier-Revuz mostra-se extremamente rica para nossa pesquisa, já que por meio desse aporte teórico engendramos neste capítulo o que mais poderá enriquecer nossa fundamentação sem perpassar, pormenorizadamente, por todos os aspectos que envolvem a questão. Assim, ficaremos atentos aos principais pilares, sem enveredar para questões circulares ou demasiadamente pontuais relacionadas ao tema. Para isso, descreveremos o encontro de Authier-Revuz com Michel Pêcheux no âmbito dos estudos do discurso e, em seguida, apresentaremos as postulações acerca da heterogeneidade constitutiva e mostrada, suas aproximações, relações e diferenciações para atingirmos nosso principal objetivo: estudar com afinco a questão que alicerça nosso trabalho: a heterogeneidade.

Para tanto, é imprescindível salientar o trabalho de fôlego idealizado pela autora que se tornou precursora nos estudos do discurso, mesmo não sendo uma analista do discurso, já que ela se definia como pertencente à linguística da enunciação, mas com afinidades teóricas com a Análise do Discurso de linha francesa. Segundo Brait (2001), Authier-Revuz trouxe uma contribuição semântico-linguística para a Análise do Discurso:

Authier-Revuz se coloca como linguista e não como analista do discurso; o que faz com que ela permaneça no nível linguístico, na materialidade linguística, no que a autora chama de “fio do

discurso”, e que pode ser entendido como enunciado não no sentido da frase modelo, mas no ato de enunciação (BRAIT, 2001, p. 9, grifos da autora).

Ao descrever mecanismos linguísticos do sujeito da enunciação, Revuz instaura um novo objeto do conhecimento que ocupa um lugar próprio, abrindo uma nova via para os estudos da linguagem e “a partir dos fatos que ela configurou, e novos fatos se apresentam e demandam novos aportes de conhecimento” (ORLANDI, 1998), fato que instiga nossa investigação e enriquece nosso ponto de partida teórico para discutir as questões referentes à heterogeneidade dissimulada.

1.1 O encontro discursivo de Authier-Revuz e Michel Pêcheux

Antes de iniciarmos nossa explanação acerca da questão da heterogeneidade enunciativa e explorarmos os aspectos que mais nos mobilizam na construção desta pesquisa, cabe tecer uma reflexão sucinta acerca do encontro das ideias de Authier-Revuz e a Análise do Discurso de linha francesa empreendida por Michel Pêcheux.

É sabido que a Análise do Discurso surgiu na década de 1960, na França. Seu objeto de estudo era exclusivamente o discurso político e os fundamentos que compunham seu quadro epistemológico estavam ligados à Linguística, ao Materialismo Histórico e à Psicanálise. Segundo o próprio Pêcheux, em seu texto de 1983, *A Análise de Discurso: três épocas* (2010), a Análise do Discurso pode ser dividida em três grandes épocas: a primeira delas tem como marco o livro inaugural a teoria de 1969, *Análise Automática do Discurso*, em que o teórico desenvolve alguns conceitos basilares como discurso, condições de produção, formação discursiva, formação imaginária. Contudo, cabe destacar que ainda não havia nenhuma reflexão mais verticalizada a respeito da natureza heterogênea do discurso já que, naquele momento, “um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma” e “o ponto de partida de uma AD-I é um *corpus* fechado de sequências discursivas, selecionadas num espaço discursivo

supostamente dominado por *condições de produção* estáveis e homogêneas (PÊCHEUX, 2010, p.307-308, grifos do autor).

Na segunda fase da AD, em *Semântica e Discurso*¹⁰, obra de 1975, Pêcheux revê algumas ideias pertencentes ao quadro teórico da AD engendradas em 1969 (MALDIDIER, 2003); há as primeiras reflexões acerca da noção de heterogeneidade do discurso por meio da reordenação e do reexame do conceito de formação discursiva¹¹ (FD) que não será mais vista como

um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (PÊCHEUX, 2010, p.310).

A concepção de máquina estrutural fechada começa a ser dissolvida na medida em que se nota a relação da formação discursiva com um exterior; desse modo, há a introdução da noção de interdiscurso para designar esse “exterior específico” da formação discursiva, ““o todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997, p.162).

Na terceira fase da AD (AD-3), no início do anos 1980, houve a incorporação das ideias de Jacqueline Authier-Revuz. A pesquisadora já havia conhecido Michel Pêcheux, na ocasião em que a pesquisadora se interessava pela questão do sentido e da enunciação no Centro de Estudos e Pesquisa Marxistas (CERM), em 1976 (MALDIDIER, 2003). Todavia, foi o colóquio “Materialidades Discursivas” que marcou sua recepção.

O procedimento de Jacqueline Authier colocava em evidência as rupturas enunciativas no “fio do discurso”, o surgimento de um discurso outro no próprio discurso. Linguista externa propriamente dita ao campo da análise de discurso, trazia elementos decisivos à problemática da heterogeneidade do discurso (MALDIDIER, 2003, p.73).

¹⁰ Título original: *Les vérités de la Palice*.

¹¹ Naquele momento, a noção de formação discursiva era tomada como: “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p.160, grifos do autor).

A heterogeneidade passa a ser parte constitutiva da noção de formação discursiva, em que ambas – a heterogeneidade pela incorporação e admissão da existência do Outro e a formação discursiva pela discrepância, embates ou aliança entre as classes sociais – apontam para a natureza heterogênea do discurso. A heterogeneidade aparece na reelaboração da noção de formação discursiva, porque esta será vista sempre em interação com outras formações discursivas, de modo que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança (PÊCHEUX, 1997). Em outras palavras, é possível dizer que no interior do discurso há saberes vindos de outros discursos, o que faz com que uma formação discursiva se defina na sua relação paradoxal com outras formações discursivas que a atravessam trazendo o outro para o seu interior.

Já o sujeito que antes era considerado como puro efeito de assujeitamento ao dispositivo de uma formação discursiva com que ele se identificava, agora passa a ser clivado, atravessado constitutivamente pelo outro e pelo Outro, sendo envolvido pela ideia de que há um exterior que pode constituir o interior discursivo e perderá sua univocidade (BRANDÃO, 2012).

O discurso será reconhecido como um objeto heterogêneo, não será mais fechado nele mesmo, pois está a todo momento remetendo ao outro e a outros discursos produzidos no alhures, “um além discursivo não identificado, o espaço do interdiscurso” (MALDIDIER, 2003, p. 84); é possível entender, dessa maneira, que todo discurso é produto de um interdiscurso. Nas palavras de Pêcheux,

Mas também e sobretudo a insistência de um “além” interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena “sua” sequência, *estruturar* esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o “ego-eu” se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa) (PÊCHEUX, 2010, p.313).

Fica evidente que o encontro intelectual de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz foi de grande valia para ambos, já que a heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz entrelaça questões do interdiscurso de Pêcheux, sendo que o discurso Outro reencontra a ideia central trazida pelo conceito de interdiscurso (MALDIDIER, 2003). Constatamos que diante da noção de heterogeneidade

enunciativa, é possível vislumbrar o interdiscurso funcionando na língua de maneira marcada ou opacizada (AUTHIER-REVUZ, 2004), por exemplo, para identificar a heterogeneidade constitutiva que não está marcada na superfície do discurso, pode-se formular algumas hipóteses por meio do interdiscurso. Esta seria uma das maiores contribuições para a Análise do Discurso, pois, ao repensar, ao reelaborar seus conceitos e abarcar a questão da heterogeneidade, a linguagem não seria mais vista como transparente (PÊCHEUX, 1997), ela será marcada por uma opacidade que pode abrigar diferentes sentidos em um mesma palavra.

Cabe acrescentar ainda que Pêcheux faz menção ao trabalho de Authier-Revuz em seu último texto, *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2006), quando se refere a certas marcas de distância discursiva, como veremos no trecho que segue:

Esses espaços [...] repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação, implicando o uso regulado de proposições lógicas com interrogações disjuntivas e, correlativamente, a recusa de certas marcas de distância discursiva do tipo “em certo sentido”, “se se desejar”, “se podemos dizer”, “em um grau extremo”, “dizendo mais propriamente”, etc. (PÊCHEUX, 2006, p.30-31).

Fato que para nós marca definitivamente a inserção da ideia-força da presença do outro/Outro, da heterogeneidade constitutiva do discurso, sendo ela marcada ou não, nos estudos teóricos engendrados por Pêcheux e, assim, ela passa a ser vista como mais uma categoria analítica, um instrumento para os estudos discursivos.

1.2 O sujeito e seu(s) outro/Outro: elementos e abordagens

A heterogeneidade constitutiva tem como alicerce a manifestação de outras vozes no fio do discurso, conceito que se completa com a ilusão do sujeito ser a fonte-primeira da enunciação. Esse modo de inscrição de outras vozes no discurso, segundo Jacqueline Authier-Revuz (2004), se manifesta constitutivamente, isto é, de modo intrínseco e, para que o discurso se constitua, é necessário o exterior, o outro. A

heterogeneidade mostrada exprime os diferentes tipos de *negociação* do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva inerente ao discurso.

Para que se possa discutir sobre essa *negociação*, é preciso entender as postulações que fundamentam o conceito de heterogeneidade constitutiva do discurso. A primeira é a de dialogismo do círculo de Bakhtin (2006) em que o autor afirma ser a interação com o outro a lei constitutiva de todo e qualquer discurso; a segunda, a psicanálise, traz a perspectiva de que sob as palavras do discurso, outras palavras além daquelas inscritas na materialidade discursiva também são ditas, é possível ouvir uma espécie de polifonia discursiva.

Bakhtin afirma que o sujeito precisa do seu outro para se constituir, e é esse outro quem estabelece as fronteiras discursivas que podem compor sujeitos e discursos. Ele não seria “o seu duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.25, grifo do autor). Assim, o sentido de um texto não estaria pronto, já que ele se constrói nas relações dialógicas ilimitadas que possibilitam suas leituras.

Bakhtin contempla o funcionamento dialógico ao descrever os gêneros literários do dialogismo, isto é, determinados gêneros apoiam-se no dialogismo discursivo interno, próprio para permear um estilo em uma sociedade em movimento, é o que Authier-Revuz (2004) nomeia como “movimentos de reconfiguração social”, que contribuem ativamente no nível ideológico. O que reforça esse processo é uma ruptura radical com o monologismo e a ingenuidade verbal (ponto que suscita a autora em suas postulações). Assim sendo, somente o “Adão mítico” pode não ter sido influenciado pela orientação dialógica inevitável, pois vivenciava um mundo ainda não questionado; portanto, nesse mítico e hipotético cenário, não havia um já-dito (BAKHTIN, 2002, p.88¹² *apud* AUTHIER-REVUZ, 2004, p.35), isto é, o fato de que toda palavra já estaria impregnada de inúmeros sentidos, ela é empregada em um contexto vindo de outro trazendo sentidos dados por outros.

“As palavras são ‘carregadas’, ‘ocupadas’, ‘habitadas’, ‘atravessadas’ por discursos” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.36 e 1990, p.27), fato que o autor-russo

¹² BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. In: _____. O discurso no romance. 5a. ed. Editora Hucitec: São Paulo, 2002. 71- 210 p. Contudo, salientamos que, para citar Bakhtin, Authier-Revuz, em sua obra *Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004, p.35), refere-se à seguinte edição como consta em nota e nas referências: “BAKHTIN, Mikhail. **Questions de littérature et d’esthétique**. Moscou, 1975. Trad. Fr.: **Esthétique et théorie du roman**. Paris, Gallimard, 1978”.

chama de “saturação da linguagem” que irá se exprimir segundo determinadas intenções e significados. Em outras palavras, diríamos que, na concepção bakhtiniana de dialogismo, o discurso se apresenta como produto da inter-relação ativa entre discursos e sujeitos. O sujeito teria a ilusão de que é fonte de sentido e se comunica por intermédio da língua; entretanto, toda fala é determinada pelo exterior já que nenhuma palavra seria ‘neutra’, mas está carregada de outros discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27), todas elas estariam carregadas dos sentidos adquiridos durante toda sua existência.

Assim, diríamos que o dialogismo é a base da constituição do sentido, sentido esse que não vem construído sob um só pilar, mas *no* e *pelo* entrecruzamento de diferentes discursos que podem divergir; é com o discurso outro que o discurso do sujeito se forma e *pelo* discurso outro também, os outros discursos seriam seu “exterior constitutivo” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.36). Isto porque o lugar do discurso outro não é em frente nem ao lado, mas *no* discurso, o que pode ventilar nossas ideias quanto à questão da heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz pertencer a um discurso sem se mostrar de maneira explícita. Já quando se pode apreender o discurso outro ou até mesmo representá-lo em seu discurso, dos discursos direto e indireto, isto é, maneiras diferentes de apreensão e representação da palavra do outro. No discurso indireto livre, há um entremisturar das vozes do herói e do autor expostas em uma única construção linguística que ao mesmo tempo deixa “ressoar as entonações de duas vozes diferentes” (BAKHTIN, 2006, p.184) - é o que comenta a autora sobre as postulações de Volochinov¹³ em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 38).

Outro mecanismo para entendermos o dialogismo é o da hibridação da linguagem, algo que seria mesmo uma fusão entre diferentes linguagens; seria possível ainda por essa via pensar que se explica um fato tomando um outro¹⁴. A linguagem pode ser esclarecida utilizando outra, fato observável em formas bivocais –

¹³ Na obra *Entre a transparência e a opacidade* (2004, p.38), Authier-Revuz nomeia como sendo de Volochinov a citação extraída por ela de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 2006).

¹⁴ É preciso salientar que essa ideia de que na linguagem algo pode ser sempre “reescrito” não é um fato novo. Uma das teorias de aquisição da linguagem mais bem-sucedidas e arquitetadas aborda essa questão de forma lapidar: falamos aqui do conceito de recursividade dentro do escopo das teorias gerativistas, de base chomskiana. A recursividade, segundo os gerativistas, trata do fator primordial que distingue a linguagem verbal humana à linguagem de outros animais. A capacidade de uma sentença ser reescrita em outra sentença é o ponto crucial e peculiar de nossa recursividade na linguagem.

essa vocalidade entendida pelo conceito de polifonia – das paródias, por exemplo. Além desse mecanismo base, temos a dialogização do discurso, assim é necessário pensar na interlocução que é construída no processo de comunicação quando se forma a mensagem. Em outras palavras, “todo o discurso é *dirigido* a um interlocutor” e a mensagem nasce no momento do diálogo como uma “ponte ideológica”, é possível compreender o outro a partir de seu próprio discurso, pois há um diálogo interno (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 41).

Desse modo, o dialogismo ainda comporta um fator mais específico que é o interlocutor. Ou seja, todo discurso dirige-se a um interlocutor. Já que o diálogo está como cerne da questão, é possível presumir que sempre haverá um interlocutor sem apresentar necessariamente dois pólos simétricos, pois não há mensagem estritamente clara, pronta e homogênea. Assim como o discurso constitui-se em contato com seu meio “exterior”, o seu norte é o destinatário que está marcado no tecido do discurso que está sendo produzido. O outro é sempre apreendido como um discurso que dialoga por meio de um contra-discurso e não simplesmente como um processo de “decodificação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.42).

A heterogeneidade constitutiva do discurso também está alicerçada na psicanálise que, segundo a interpretação lacaniana de Freud, tem como uma de suas ideias principais a possibilidade de se interpretar certo número de fenômenos demonstrados pelos sujeitos como manifestações do inconsciente. Esses fenômenos de manifestação do inconsciente são identificados nos atos falhos, nos sonhos, na fala do corpo, na irrupção de Outros históricos e latentes na sintaxe enunciativa, por meio de palavras, metáforas, alusões, intertextualidades, interdiscursividades, humor, ironia, entre outros, e escapam da vontade consciente do sujeito; a fala, então, seria heterogênea por comportar ideias do discurso consciente permeadas pelo discurso do inconsciente (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Authier-Revuz (1990) lembra a afirmação de Freud de que a “ilusão do eu” propicia ao sujeito a ilusão de que o seu discurso tem origem centrada em si mesmo e de que é a fonte da sua enunciação, pois “nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a linguística, esquecer” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). O sujeito, quase sempre, esquece a heterogeneidade presente em seu discurso e ele acredita ser o

criador de sua enunciação. Assim, quando o sujeito se mostra como o centro da enunciação, crendo que ele é a fonte única de seu discurso, não há a lucidez de que esse discurso nada mais é do que uma possibilidade discursiva, oriunda do momento histórico e do espaço em que vive e produz sua enunciação, e que o sujeito é efeito da linguagem e do discurso e não a causa de ambos.

O trabalho psicanalítico tem como objetivo fazer surgir esses conflitos escondidos que causam sofrimento e agem sem que o indivíduo conheça na sua vida presente. Muitas informações dos sujeitos estão guardadas no inconsciente e podem ser restabelecidas pelo sujeito na continuidade de seu discurso: “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um vazio ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (LACAN, 1998, p.260¹⁵ apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p.50). A tarefa do analista é reconstruir o discurso ausente, a partir das pistas deixadas por esses esquecimentos.

O espaço de investigação para o analista buscar essas pistas é a linguagem; contudo, o que se pretende não é buscar sentidos escondidos em uma palavra manifestada, mas o trabalho é de escuta dos ecos dos recortes, da pontuação que se faz na materialidade da cadeia falada, o que se quer é comprovar o inconsciente por meio da materialidade da língua. Mesmo quando há um momento instituído para que o paciente se manifeste, não há uma fala do inconsciente, mas ele irá se manifestar no discurso corriqueiro, naquele que transcorre naturalmente durante uma conversa (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Em suma, é preciso executar um trabalho de escuta sobre o discurso, o recorte, a pontuação, o eco produzido sobre a *materialidade da cadeia falada*. A linguagem, desse modo, não era objeto da psicanálise, porém ela é instrumento para investigação de seu objetivo, o inconsciente, cujo trabalho se dá por meio da materialidade linguística, do discurso. Tendo a linguagem um duplo, ela permite que se construam ideias desconhecidas pelo sujeito habitadas no seu inconsciente e é “nessa articulação de um discurso com seu avesso pela localização de seus traços na cadeia falada que a análise pode tentar fazer aparecer para o sujeito aquilo que é dito, sem que ele saiba, de seu desejo, em sua fala” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.54). Esse avesso pode ser

¹⁵ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto di Psicologia della Università di Roma, em 26 e 27 de setembro de 1953. In: *Escritos* (1966). Trad. Vera Ribeiro. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998, p.238-323.

investigado, segundo as proposições da autora, olhando para o material linguístico mais de perto, como uma escuta analítica atenta e minuciosa.

As pistas existentes no discurso sobre o discurso do inconsciente permitem afirmar que todo discurso é polifônico, composto por diferentes vozes que o analista deve ouvir. O que permite essa polifonia é a estrutura material da língua que constrói a linearidade de uma cadeia (AUTHIER-REVUZ, 2004). Ela possibilita ao sujeito expressar por meio dessa estrutura da cadeia significante algo completamente diferente do que ela diz. Assim, na fala se constata um pensamento que o próprio sujeito pode desconhecer; por isso, “a linguagem é a condição do inconsciente e o sujeito é, pois, colocado como um efeito de linguagem” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.64), como se as formas de linguagem pudessem enunciar o sujeito que não homogêneo, um sujeito advindo de uma estrutura complexa.

Esse ponto de vista teórico acerca da linguagem mostra-se diverso daquele apresentado por Bakhtin nas suas proposições sobre dialogismo, todavia, ambos são bases teóricas que suportam a questão da heterogeneidade enunciativa na qual o sujeito não é dono do seu dizer, ele não detém total controle sobre o que fala. O que interessa para a autora quanto ao dialogismo é a presença da “palavra dos outros” no discurso, pois nenhuma palavra é neutra, ela está sempre carregada dos sentidos que traz dos discursos que vivenciou; a língua, desse modo, só desempenha seu papel num “jogo inevitável de fronteiras e interferências” e esse processo dialógico se completa por intermédio de um parâmetro dialógico específico que é o interlocutor (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.68).

Na psicanálise, o conceito de que por meio da linearidade de uma única voz é possível ouvir outras vozes caracteriza uma polifonia, uma *heterogeneidade da palavra* que pode articular a teoria do *descentramento do sujeito*; teoria que apresenta a ideia de que para o sujeito dividido (consciente e inconsciente) não há um centro de onde provem fala e sentido, porém ele acredita ilusoriamente que haja esse centro e que existe uma *posição de exterioridade*. Contudo, o sujeito é fundamentalmente *efeito de linguagem*. Authier-Revuz, neste caso, olha para Bakhtin e Lacan

sem homologar as duas teorias, aproveita-se delas para conferir aos estudos enunciativos o estatuto de lugar da verificação das confluências e interferências existentes entre sentido, sujeito e discurso, surpreendidas na materialidade linguística que expõe ideologia e inconsciente (BRAIT, 2001, p.23).

Por meio do burilamento teórico, voltamos nossos olhares para constatação da hipótese de trabalho de que uma só voz é substituída por comprovações que manifestam que há *outras vozes que falam não só antes independentemente em outro lugar*, mas no fio do discurso propriamente. Sob essa perspectiva, a autora empreende o célebre excerto sobre a composição discursiva:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.69, grifos da autora).

Quanto às contribuições da Análise do Discurso, a qual destitui o sujeito do domínio do seu dizer em sua relação com o interdiscurso, Authier-Revuz acrescenta que

podemos nos apoiar em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer – ao modo da teoria do discurso e do interdiscurso enquanto lugar de constituição de um sentido que escapa a intencionalidade do sujeito, desenvolvida por M. Pêcheux e, de forma central, da teoria elaborada por J. Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente –, quer dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma não-coincidência consigo mesmo, um sujeito radicalmente separado de uma parte de si mesmo [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.186).

O que Authier-Revuz (2004) denomina de heterogeneidade constitutiva é uma presença velada e/ou uma alusão da fala do outro/Outro no discurso que se enuncia, criando a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, com raízes no inconsciente; e mais ainda, criando as próprias condições de produção para o discurso desse outro/Outro, ou seja, sem essa heterogeneidade não há constituição dos discursos. A heterogeneidade constitutiva pode ser explicitada por meio de uma heterogeneidade mostrada, em que, no fio do discurso, o sujeito produz formas que inscrevem o outro na cadeia discursiva. Portanto, Authier-Revuz expõe que o conceito de heterogeneidade enunciativa comporta duas concepções: a de heterogeneidade

constitutiva e a de heterogeneidade mostrada, ambas implicando a presença do outro/Outro na produção do discurso do eu. No item a seguir, daremos atenção especial a cada uma delas.

1.3 Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada

A heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004) é apresentada como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada, sendo a última marcada ou não marcada. Consideradas como processos distintos, mas não separados, a heterogeneidade constitutiva concerne os “processos reais de constituição dum discurso”; já a heterogeneidade mostrada refere-se “aos processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32), ambas objetivam mostrar como o discurso ora é visto como transparente ora como opaco, fato que iremos constatar nos parágrafos que seguem.

Mais especificamente, a heterogeneidade mostrada traz o outro para a cadeia discursiva e deixa-se ver com mais clareza pelo seu caráter de não “ocultamento” – por meio da análise, esse outro pode ser recuperado de maneira explícita. Ela tem como característica não somente a presença do discurso do outro no discurso do locutor, mas também a percepção por este locutor dessa presença e o desejo de que ela seja percebida. Contudo, ela pode não se apresentar com marcas visíveis em um discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), mesmo conscientemente produzida pelo sujeito, podendo, assim, constituir-se de duas formas: *marcada e não marcada*.

A heterogeneidade mostrada marcada é da ordem da enunciação, visível na materialidade linguística e assinalada de maneira unívoca. Ocorre quando o sujeito, além de perceber a presença do outro em sua fala, é levado a optar por deixar claro que é o outro que está falando, são os chamados “pontos de heterogeneidade” que denunciam o lugar do Um e do outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.14).

A heterogeneidade mostrada marcada pode ser entendida a partir de duas categorias: a primeira assinala explicitamente as formas que inserem, na linearidade do fio do discurso, o outro, sendo esse outro o do discurso relatado como no discurso

direto e no indireto com seus delineamentos sintáticos, que apontam para o fato de que há um outro ato de enunciação discursiva. No discurso indireto, o sujeito comporta-se como tradutor indicando o outro como fonte de sentido do que está sendo dito (uso dos conectivos “que” e “se” ou expressões que sugerem de onde procede a voz: segundo, conforme, ponto de vista de); no discurso direto, o sujeito dá lugar às próprias palavras do outro, trazendo com fidelidade, funcionando como um “porta-voz” (verbo de dizer + dois pontos).

Já as que denominamos por segunda categoria apontam para um alteridade enunciativa que sinaliza um sentido especial ou um outro sentido que vem conotado por um enunciador outro. Assim, as formas marcadas de *conotação autonímica* em que o locutor, mesmo não mencionando o discurso do outro, integra-o à cadeia discursiva numa continuidade sintática, ele “faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.13) e, assim, o faz por meio de aspas, itálico, bold, parênteses ou por uma entonação que mostra um *estatuto outro* em relação ao resto do discurso.

É o que podemos observar nos exemplos abaixo: dois slides retirados das videomontagens intituladas *Direto ao assunto: Episódio #01 – Família* e *Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura*. Ambos supostamente representam perguntas feitas por um internauta à candidata Dilma Rousseff em seu blog *Dilma na Web* durante a pré-campanha presidencial.



figura 1 (00:09)



figura 2 (00:09)

Após visualizarmos as duas imagens (figura 1 e 2), é possível entendermos que se trata de uma forma de conotação autonímica, em virtude de o sujeito produtor trazer o discurso do internauta para a videomontagem sem sua reprodução fiel, já que ele é trazido como uma inscrição, uma continuidade sintática no fio do discurso do

sujeito produtor. À época, Authier-Revuz não se ocupou em olhar para matérias multissemióticas, o enfoque estava nos enunciados, nos discursos produzidos, na materialidade linguística; desse modo, transcrevemos os enunciados aspeados: “Ex-ministra do Presidente Lula, qual será o nome de seu neto?”, “Ex-ministra do Presidente Lula, quais são seus livros preferidos?”. Notamos que ao inscrever o internauta, o sujeito-produtor marca a presença desse discurso outro por meio de aspas.



figura 3 (00:55 – 01:03)

Outro exemplo de heterogeneidade mostrada marcada que faz uso das aspas para revelar a voz do Outro/outro está na figura 3, extraída da videomontagem *Pérolas de Lula – O retorno*. Nela, observamos a reprodução do discurso de Lula em uma continuidade sintática, haja vista que o sujeito produtor não diz em qual conjuntura essa frase foi proferida, ou seja, qual a origem desse recorte discursivo e, ao inseri-lo, o sujeito-produtor marca por meio de aspas que se trata do discurso outro e para atestá-lo há a inserção de um comentário sobre o discurso de Lula, o discurso outro que funcionaria como uma legenda.

Assim, temos o recorte trazido para o centro do slide: “A ministra Matilde apenas cometeu um erro administrativo...” e o comentário do sujeito-produtor logo abaixo: “Após a ministra ter gasto dinheiro público em compras pessoais em um free-shop” (que não está aspeado no *slide*). Como plano de fundo, observamos a imagem da referida ministra Matilde que, de algum modo, é trazida para atestar a veracidade dos enunciados sobrepostos. Há, portanto, uma heterogeneidade mostrada marcada em que se identifica claramente o outro/Outro, porém não se trata de um Outro Satírico, pois não foi possível identificar nenhum indício de construção de um discurso de humor especificamente nesse *slide*.

Quanto às proposições de Authier-Revuz, há também, nessa segunda categoria, os comentários, as glosas metaenunciativas que indicam uma não coincidência do dizer - que podem ser de quatro tipos - e serão explicitadas pormenorizadamente em momento posterior, quando nos enveredarmos para as questões referentes à modalização autonímica do discurso. Resumidamente, diríamos que essas glosas ocorrem quando se insere em uma língua ou variedade de língua utilizada por determinado grupo ou situação com uma glosa que nomeia esse outro estrangeiro, o traduz, ou explicita como sendo uma palavra ali inserida: “Feijões verdes, *al dente*, como dizem os italianos” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.14, grifos da autora).

Outra ocorrência ocorre quando se quer promover a concordância entre dois interlocutores quanto à palavra, coisa ou situação; a significação da palavra “normalmente” óbvia nasce a partir de minuciosas instruções sobre esta, exemplo: “o campo recoberto por aquilo que, própria ou imprópriamente, chamamos de “ciências humanas” e “ciências sociais” (HENRY, 1977, p. 90¹⁶ *apud* AUTHIER-REVUZ, 2004, p.15).

Uma terceira ocorrência para trazer o outro seria inserir uma instrução sobre como interpretar e significar determinada palavra apontada no discurso, ou seja, apontar as diferentes formas de metalinguagem que tentam ajustar a palavra à situação discursiva em que está inserido o exemplo: “o que é necessário reconhecer como uma contradição *no sentido materialista do termo*” (HENRY, 1977, p.4 *apud* AUTHIER-REVUZ, 2004, p.16, grifos nossos). E, como último exemplo, o modo de dar pertencimento a determinadas palavras ou expressões que estão em curso quando insere expressões, tais como: “X, como diz x, para usar as palavras de x, o que X chama de x...” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.17).

A heterogeneidade mostrada não marcada manifesta-se em discursos em que não há uma fronteira prontamente delimitada entre o Um e o outro, como no discurso indireto livre, na ironia, na antífrase, na imitação, na alusão, no pastiche, na reminiscência e no estereótipo; caracteriza-se por instaurar a presença do outro de maneira mais diluída no discurso, não é possível apreendê-la no fio do discurso, só é possível reconhecê-la e interpretá-la “a partir de *índices recuperáveis* no discurso em função de seu exterior” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifos da autora).

¹⁶ HENRY, Paul. **Le mauvais outil; langue, sujet et discours**. Paris: Klincksieck, 1977.

Como exemplos para a questão da heterogeneidade mostrada não marcada, consideraremos o enunciado presente em dois slides (figuras 4 e 5). O primeiro foi extraído da videomontagem *Direto ao assunto: Episódio#02 - Literatura* transcrito: “Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula”. O sintagma no qual nos prendemos é “Direto ao assunto”, isto porque entendemos que os demais componentes simbólicos e semióticos presentes também constroem sentido, entretanto eles serão trazidos nos capítulos que seguem. Aqui, especificamente, nosso enfoque é refletir, por meio de exemplificações, sobre os funcionamento da questão da heterogeneidade mostrada não marcada em nosso material de análise.

A figura 4 representa o slide que carrega a expressão “Direto ao assunto”, ela, como será possível constatar, aparece em todas as videomontagens que têm como alvo a candidata Dilma Rousseff, de modo recorrente, repete-se no início e no final das montagens. Ademais, nos títulos de todas as videomontagens sobre Dilma consta a expressão “Direto ao assunto”. Entendemos que se trata de uma marca de heterogeneidade mostrada não marcada no discurso, pois recupera por meio de uma memória discursiva a alusão construída acerca do programa de rádio diário, na Rádio Jovem Pan, “Direto ao Assunto” do jornalista José Nêumane Pinto¹⁷, crítico do governo Lula e dos aliados ao Partido dos Trabalhadores. Essa menção de forma implícita caracteriza uma heterogeneidade mostrada não marcada em que a voz do outro, um opositor ao partido da candidata, pode ser restaurada quando se tem conhecimento do programa de rádio; caso o internauta não conheça, essa ideia não estará mostrada.



figura 4 (03:00)

¹⁷ Fonte: <<http://neumane.com/novosite/categoria/direto-ao-assunto/>>. Acesso em 2 abr. 2014.

“Mais pérolas de Lula da Silva” é o enunciado do slide representado pela figura 5. Assim como no exemplo anterior, observamos que o vocábulo “pérolas” pode constituir uma heterogeneidade mostrada não marcada pelo fato de fazer alusão às “Pérolas dos Vestibulares e do Enem”¹⁸, ou seja, assim como os vestibulandos que cometem os chamados “erros de português”, Lula também estaria equivocando quando proferiu alguns discursos e cometeu alguns “impropérios”.

O título da videomontagem da qual extraímos esse slide é *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, como vemos, o vocábulo “pérolas” também está no título e corrobora com a ideia de que Lula comete “erros” ao proferir seus discursos, as chamadas “pérolas”. Logo, trata-se de uma heterogeneidade mostrada não marcada, pois a analogia construída entre “erros” acerca do uso da norma culta e “pérolas” só pode ser recuperada caso o internauta conheça a expressão utilizada nos vestibulares, não é uma expressão marcada como pertencente a outros campos discursivos.



figura 5 (00:09)

Além desses indícios já citados, há alguns também inseridos em sequências discursivas que conduzem o olhar para que se identifique o outro em uma remissão explícita de um determinado trecho de um acróstico ou trocadilho, na justaposição por incursão/invasão de uma palavra-valise, além da inversão de sílabas e palavras, ou seja, transformações em trocadilhos e também nas metáforas; nas palavras de Authier-Revuz, essas formas de heterogeneidade mostrada não marcada são “o das *outras palavras, sob as palavras, nas palavras*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifos da

¹⁸ Pérolas do Enem diz respeito aos supostos erros cometidos pelos candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) na prova de redação. Após o exame, anualmente, alguns *sites* e blogs divulgam esses “erros” dos candidatos, fato que corroborou para a cristalização da expressão.

autora). Logo, cabe salientar que se a fronteira entre os discursos de um e de outro se apresenta mais diluída, é preciso, para entender esses discursos em que encontramos a heterogeneidade mostrada não marcada, recorrer a um exterior linguístico, a diferentes contextos e à memória discursiva (PÊCHEUX, 2007) que nos engendra.

Entretanto, muitas vezes, a diluição do outro é tão acentuada que se torna arriscada, pois se aproxima das “fronteiras” da heterogeneidade constitutiva a ponto de poder perder-se diante dela e acabar por ser dissolvido; assim, a heterogeneidade mostrada seria “um modo de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26). Authier-Revuz acentua que

(...) representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição. Não se trata de assimilar um ao outro, nem de imaginar um relacionamento simples, de imagem de tradução, nem de projeção de um no outro; essa relação de correspondência direta é interdita tanto porque ela faria supor uma transparência do dizer em suas condições reais de existência quanto pela irredutibilidade manifesta das duas heterogeneidades (...) (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32).

Essas formas de heterogeneidade mostrada na cadeia discursiva chegam a um ponto em que se esgotam, exigindo, da análise e interpretação, a identificação da presença do outro no fio do discurso por meio da heterogeneidade constitutiva; por isso, há “o ponto-limite da heterogeneidade constitutiva onde esgotaria a descrição linguística”. Haveria uma busca pelo ponto-limite entre as duas formas de heterogeneidade que se extenuaria quando tomadas pelo fato de não se poder “articular a *realidade linguística* das formas mostradas de heterogeneidade à *realidade* da heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.21, grifos da autora). A heterogeneidade mostrada em suas formas de descrição linguística, de inscrição do outro no discurso, estaria ancorada na heterogeneidade constitutiva por meio de modalidades incertas de seu resgate e também, mais frequentemente, pelos modos mais explícitos de fazer emergir a presença do outro.

1.4 Constitutiva e Mostrada: uma relação intrínseca

Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada são reconhecidas por Authier-Revuz como duas ordens de realidade “irredutíveis, mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidárias” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.33). Igualmente, essas duas formas de heterogeneidade não estão desvinculadas, mas estabelecem uma *negociação* do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. Esse mecanismo de negociação apontado por Authier-Revuz (2004) é a “denegação”. O sujeito, ao marcar explicitamente o espaço do outro na sua fala, expressa o desejo de um domínio sobre o que diz, e “empenha-se em fortalecer o estatuto do um” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.74), contudo, sem negar que a fala seja heterogênea. Assim, entendemos porque a heterogeneidade mostrada pode ser vista como mecanismo de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva, já que ela quer localizar o outro e circunscrevê-lo como um outro do discurso, isto é, ela é um modo de denegação do discurso da heterogeneidade constitutiva que entrelaça o “outro no um”.

Como exemplos de discursos que apresentam mais claramente mecanismos de denegação, a autora apresenta o discurso científico e a escritura poética que podem não apresentar marcas de heterogeneidade mostrada (discussão que será retomada a seguir), os discursos dogmáticos e os totalmente formalizados que tentam apagar qualquer traço mostrado do outro e negar a heterogeneidade constitutiva. Portanto, ao olharmos a realidade da linguagem por meio da heterogeneidade constitutiva, é possível pensar que “o sujeito desaparece para deixar o lugar a um discurso que liberado do outro ou invadido por ele, de qualquer maneira, não lhe dá “um lugar” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.78).

É importante citarmos que ao utilizar o mecanismo de negociação com a heterogeneidade constitutiva – a denegação –, a heterogeneidade marcada aponta os pontos de heterogeneidade da fala do outro em seu discurso e, ao mesmo tempo, afirma que esse outro está em toda parte. A heterogeneidade constitutiva seria uma *realidade incontornável*, porém o sujeito a faz refletir, muitas vezes, em algumas formas da heterogeneidade mostrada.

As formas da heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial – da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva dos discursos; elas são elementos da representação – fantasmática – que o locutor (se) dá da enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.70).

Ao estudarmos o funcionamento da heterogeneidade mostrada no discurso – como pudemos retomar de maneira mais detalhada no item anterior –, é possível observar como são construídas as formas de negociação entre a heterogeneidade mostrada e a constitutiva. Logo, como vimos e retomaremos a seguir, a heterogeneidade mostra-se nas diversas formas de *conotação autonímica*, ou seja, o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso e apresenta-as. Contudo, simultaneamente, ele se propõe observador dessas próprias palavras. A palavra citada pode ser entendida como um metadiscurso ingênuo que explica o elemento referido e o especifica ou esclarece, por exemplo, quando se usa o itálico, as aspas, a entonação ou uma forma de comentário que marque o estatuto do outro como um controle-regulagem do processo de comunicação (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Em suma, diríamos que essas glosas carregam, muitas vezes, o uso de expressões de outra língua, o emprego de um registro formal em um discurso informal ou vice-versa, o uso de gírias ou expressões técnicas que não pertencem àquele meio referido e as diferentes formas de metalinguagem que tentam ajustar a palavra à situação discursiva em que está inserido (digamos, X no sentido de P, para usar as palavras de X, isto é, etc.).

Essas marcas explícitas seriam uma ameaça para o desejo do falante em deter o domínio sobre o dizer, portanto, ele se vê de modo a não conseguir escapar ao fato de que a fala é heterogênea e, ao localizar o outro no seu dizer, ele fortalece o estatuto do UM e, como já dissemos, entra no processo de denegação (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Outro ponto que iremos retomar é a afirmação de que o discurso científico e a escritura poética não apresentam marcas da heterogeneidade mostrada e constituem-se apenas pela constitutiva. Nas palavras da autora, “ambos testemunham uma ruptura com essa modalidade ‘normal’ do discurso que articula a heterogeneidade mostrada à heterogeneidade constitutiva ao modo de denegação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, 74) e acrescenta que esse processo se dá por meio dos discursos que se apresentam como verdades, como os dogmáticos - discurso que Bakhtin denomina monológicos. O que

o caracteriza como um modo de negar a realidade, pois a ausência do outro se assemelha a uma recusa que proíbe, apaga e dissimula negando qualquer manifestação em relação a sua heterogeneidade discursiva. Assim, o discurso científico e poético caracterizam-se por duas bases: por serem “constitutivamente monológicos” e por apagarem qualquer manifestação de determinações heterogêneas em sua “lógica interna” (2004, p.76). Tanto no discurso científico quanto no poético, há um rompimento com o modo de negociação, com a queda por suprimir uma distância existente entre o indivíduo e a realidade exterior para que se possa produzir uma lei interna ou secreta que não seria visualizada, haveria um controle sobre o sentido produzido pelo outro; todavia, tanto na lei interna quanto na secreta o discurso sempre escapa ao suposto controle do falante (ilusão eu-sujeito-uno) assim como o seu projeto de consciente de significação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.77).

Entendemos, desse modo, que no processo de negociação entre a heterogeneidade constitutiva e a mostrada, em que o sujeito busca, por meio de aspas, glosas e outros recursos enunciativos, mostrar o processo de alteridade ao localizar um ponto de heterogeneidade, e, ao atentar para este ponto, ele o opõe aos demais e o exhibe como um defeito local, pontual e particularmente acidental do discurso. Concomitantemente, há menção a um alhures, a um exterior em que é possível especificar e ao marcar esse exterior emerge “uma operação de constituição de identidade para o discurso”, o que a autora denomina de “solidariedade constitutiva” entre um discurso em relação ao outro (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.31). De modo objetivo, o sujeito integra o outro à cadeia discursiva para constituir-se, entretanto, muitas vezes, não permite que ele apareça, outras vezes permite, mas sem deixar de mostrar que ele pode ter ilusoriamente o controle do espaço que ocupa, já que ele pensa ser único, dono de seu próprio dizer.

Assim, a atenção às formas, concretas da representação da enunciação que são, entre outras, as formas da heterogeneidade mostrada, pode contribuir, no âmbito do discurso, para manter a distinção entre o eu pleno e o sujeito que, ele atropela e para evitar de denunciar o domínio como ilusão do sujeito, para recolocar tal distinção no nível dos mecanismos produtores dessa ilusão (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.36).

Tendo em vista, portanto, que o eu não é produtor único do seu dizer, elencaremos, no próximo tópico, os recursos enunciativos que caracterizam o processo de inscrição do outro na cadeia discursiva num processo complexo de alteridade discursiva.

1.5 Um e outro/Outro: as não coincidências

As não coincidências do dizer podem ser entendidas como formas de heterogeneidade mostrada em que é possível notar a emergência de outro plano enunciativo, o da heterogeneidade constitutiva como “condição de existência desse fato enunciativo” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 175). Essas não coincidências acontecem nas formas *metaenunciativas* e *opacificantes* encontradas no fio do discurso, no processo de interlocução em que “os enunciadores duplicam a enunciação com um elemento e com uma representação reflexiva deste” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174), formas estas sobre as quais iremos tecer uma descrição nos parágrafos que seguem.

Para tratar da representação metaenunciativa da interlocução, é preciso nos voltarmos para o funcionamento da enunciação e da produção do sentido por meio das *glosas reflexivas* num processo de não coincidência interlocutiva, isto é, os enunciadores no decorrer de seu discurso duplicam a enunciação de um elemento. Exemplo: “Ele o convidou, *enfim, convidou modo de dizer,... melhor, aceitou!*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 81, grifos da autora).

Elas são *formas isoláveis* na cadeia e referem-se a um segmento já dado na cadeia em que se encontram; são *formas estritamente reflexivas* e caracterizam-se como um comentário simultâneo do dizer, num ato único, como um desdobramento e as *formas opacificantes* da representação do dizer, ou seja, um elemento da cadeia associa significado e significante de modo a bloquear a sinonímia em que outros vocábulos são usados e não os sinônimos, são formas explicitadas que especificam as *formas metaenunciativas* que fundamentam o que a autora denomina de modalização autonímica (AUTHIER-REVUZ, 2004).

É possível afirmar que as modalizações autonímicas dizem respeito à capacidade do sujeito de opacificar o discurso durante a enunciação, isto é, há uma reflexão do próprio uso que se faz da linguagem no momento de colocá-la em funcionamento. Assim sendo, a modalização autonímica visa interromper a ilusão de que aquele enunciado é absoluto, inquestionado, e, conseqüentemente, permite que haja um modo de dizer relativizado. Ela atribui a um elemento do dizer o estatuto de uma maneira de dizer *relativizada* e a enunciação pode ser representada como comprometida com o não um por um fato pontual de não coincidência (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 182). Nas palavras da autora:

Duplicando o uso de um termo por um comentário reflexivo opacificante sobre esse uso, tal modalização suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o “óbvio” vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “maneira de dizer”, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras. Fazendo isso, a enunciação *representa-se localmente* como afetada por não-um, como alterada – no duplo sentido de alteração e de alteridade – em seu funcionamento por um fato pontual de *não-coincidência* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 82-83, grifos da autora).

Assim, as não coincidências ou heterogeneidades trazidas pelo não um alternam o seu modo de aparição:

(1) nos pontos de não coincidência do discurso com ele mesmo, que são aqueles em que há glosas sobre a presença de palavras as quais pertencem ao discurso de outro, por exemplo: *X como diz fulano, no sentido empregado por fulano*. Essa *não coincidência do discurso com ele mesmo* está baseada no dialogismo de Bakhtin em que toda palavra é habitada pelo discurso do outro por ser engendrada no “meio” do *já-dito* dos outros discursos e também retoma o interdiscurso da análise do discurso que se refere ao “eu falo” aqui e agora ao “algo fala em outro lugar, antes e independentemente”¹⁹ (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.22);

(2) nos pontos de não coincidência entre as palavras e as coisas que aparecem na produção de comentários acerca da palavra certa que se queira empregar, por exemplo: *X, por assim dizer, como diria? X*. Essa *não coincidência entre as palavras e as coisas* é posta como constitutiva dentro de uma dupla perspectiva: a das “infinitas

¹⁹ PÊCHEUX, 1997, p.162.

regularidades do real a nomear” e a do “real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.23);

(3) nos pontos de não coincidências das palavras com elas mesmas, que são comentários feitos sobre a rejeição ou a integração de algum sentido atribuído à palavra empregada, por exemplo: *X, no sentido próprio, figurado, X, não no sentido de...* Quanto as *não coincidências das palavras consigo mesmas*, resumidamente, ela é alocada como consubstancial e cultiva “o sistema linguístico de unidades distintas, e os enunciados, ao equívoco de uma homonímia generalizada” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.25);

(4) e nos pontos de não coincidência interlocutiva que aparecem em comentários quando um elemento não é compartilhado pelos dois participantes da enunciação, por exemplo: *como você diz, x, se você quiser* (AUTHIER-REVUZ, 2004). Em outras palavras, a *não coincidência interlocutiva*, amparada na concepção pós-freudiana de sujeito, é vista como não coincidente consigo mesma pelo fato da existência do inconsciente, a “comunicação” seria tida como “produção de ‘um’ entre os enunciadore” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.22).

Como pudemos notar, a autora denomina os três primeiros tipos de não coincidência ou de heterogeneidade como “não coincidência representada”, já o tipo de número quatro, como “não coincidência interlocutiva”. Todas são reconhecidas no processo enunciativo como “não-coincidências fundamentais, irreduzíveis, como condições inevitáveis e permanentes da constituição do dizer e do sentido” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.84, grifos da autora), isto é, o dizer estaria constitutivamente afetado pelos quatro campos de não coincidências (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Essas não coincidências fundamentais expostas acima funcionam no plano real da enunciação²⁰; no plano da representação, elas são formas que indicam localmente “*pontos* de não-coincidência do dizer”; e, numa operação central de formas, “constituem diferencialmente o resto como dependente do UM” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.85, grifos da autora). Desse modo, essas formas atestam uma “*função positiva de desconhecimento* das não-coincidências fundamentais”, podemos revê-la em um

²⁰ Segundo Authier-Revuz, é importante “*não confundir* o plano das *representações* do dizer pelo locutor e o de seu funcionamento real, confusão que equivaleria a acreditar no enunciador sob a palavra e a reconduzir, no plano da descrição objetiva, desconhecimentos que são consubstanciais à subjetividade dos enunciadore” (2004, p.84, grifos da autora).

duplo plano: no primeiro plano, elas negociariam com os pontos de não UM por meio de “estratégias comunicacionais”; em um segundo, elas negociariam com o não um, porém como modo de denegação que preservaria a ilusão da unicidade do UM.

Para tratar da questão do conjunto das glosas metaenunciativas, Authier-Revuz (2004) também propõe uma clivagem do sujeito e uma clivagem teórica para mostrar as bases/camadas que articulam a distância entre os sujeitos falantes que produzem figuras de não coincidência interlocutiva. Assim,

1. Na primeira abordagem apresentada por Authier-Revuz (2004), que faz funcionar explicitamente a distância entre os sujeitos falantes, há um esquema de transmissão de sentido de uma codificação que foi realizada pelo emissor e decodificada pelo receptor, o “tu interfere na representação reflexiva do eu”, ou seja, ao emitir o eu sofre interferência do outro promovendo uma clivagem a partir dessas não coincidências produzidas pelo eu oriundas também do outro;

2. Na segunda abordagem, a autora expõe que há um sentido comum compartilhado no funcionamento interativo que sofre interferências de estratégias interacionais que produzem as figuras das glosas metaenunciativas marcando um ponto de não UM interlocutivo. Essas estratégias, as glosas podem parecer sofisticadas, mas são apenas colocações, respostas para um problema no funcionamento da comunicação;

3. A próxima abordagem é diferente das demais que estão ancoradas na concepção do sujeito não coincidente com ele mesmo, mas pelo inconsciente, isto é, a não coincidência é vista como fato estrutural e não acidental. Assim sendo, a não coincidência interlocutiva seria estrutural pelo necessário desconhecimento da presença do não UM, para que se possa produzir enunciados abrigados no anseio do distanciamento que ele teria (como se houvesse sempre uma coincidência interlocutiva) e da “falha que o atravessa” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.88). Diríamos que, nessa abordagem, se toma o UM como produtor de um enunciado coincidente e a não coincidência interlocutiva é vista como apenas parte da estrutura do enunciado e não como manifestação do inconsciente, como um não UM;

4. As glosas metaenunciativas ligadas ao não UM interlocutivo seriam mais do que uma resposta clara a um momento de comunicação difícil mais localizado, elas

seriam a *marca* e a *máscara* do não UM constitutivo da relação interlocutiva fazendo aflorar uma fenda própria do dizer que também, e proporcionalmente, delimita quais serão esses pontos de não coincidência que mascaram o dizer por meio das glosas metaenunciativas.

Após essa explanação, a autora passa para o que denomina *Panóplia das figuras de não-coincidência interlocutiva* afirmando que não será possível fazer uma descrição minuciosa desses comentários metaenunciativos, contudo, ela faz uma breve explanação de alguns pontos e aprofunda-se em outros para tratar desse conjunto de figuras de não coincidência interlocutiva. Para nosso texto, trouxemos, de maneira geral, como ocorrem essas respostas do enunciador ao não UM por meio de dois movimentos nos quais estão inseridas essas figuras de não coincidência dentro da panóplia citada.

O primeiro movimento está ligado ao fato de planejar a reinstalação do UM, sua reafirmação no dizer quando este é percebido e atravessado pelo não UM. O UM observa-se “ameaçado” já que supõe a interferência do não UM como algo que atue negativamente na co-enunciação, fato que ocorre por meio de diferentes modalidades e níveis e pode ser observável ao se prevenir uma recusa de co-enunciação de uma maneira de dizer, ou seja, o compartilhamento das *maneiras de dizer* e do *sentido* dessas maneiras entre os co-enunciadores pode ser recusado, porém é possível prevenir esse fato ao prever seu acontecimento e inserir glosas, tais como: *não falemos mais nisso, basta, recuso esta palavra* que restaram o UM e previnem a recusa do co-enunciador.

Outro comentário seria o de injunção em que o enunciador extingue a presença do eu e do tu e instaura o outro em seu próprio dizer, *digamos X, suponhamos*. Além disso, também se pode prevenir um risco de não transmissão do(s) sentido(s) quando a não coincidência interlocutiva é a do não UM, ou seja, no nível do sentido se previne o desentendimento entre o que UM “quer dizer” e o que o outro compreende; insere-se a glosa para que a transmissão ocorra e, para isso, é possível que haja a construção de uma senha que pode conduzir o dizer ou a construção de uma suspensão na enunciação na realização da coincidência dos sentidos.

O segundo movimento é o de constatar a não coincidência, porém não há um posicionamento em que, na atividade de recepção, o portador do discurso toma as palavras em uma rede de maneiras de dizer que não é idêntica a do enunciador;

dizendo de outro modo, a não coincidência ocorre quando se aponta as palavras do enunciador e do outro. Assim, ao inserir glosas tais como: *eu sei que você não gosta dessa palavra ou X, como você não diz, X, você diria Y*, o enunciador aponta essas palavras como não suas. Diferentemente de inserir glosas como: *X como você diz* ou *X como você acaba de dizer* e ainda *X, como eu sei que você disse* que retomam um termo já enunciado pelo outro e marca as palavras do outro instauradas no fio do discurso que, portanto, está sendo mantido a dois.

Nessa perspectiva, Authier-Revuz (2004) acrescenta que o conjunto de formas reflexivas apontam para os pontos de não coincidência interlocutiva que são inerentes ao discurso, ou seja, “qualquer enunciação se realiza obrigatoriamente com o não UM que, sendo sua “co-enunciação”, a perpassa constitutivamente” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.103). Além disso,

posições enunciativas de sujeitos, de discurso, de gênero, aparecem através de *imagens* de não coincidência que eles produzem reflexivamente, testemunhas de seu modo específico de negociação com o fato da não-coincidência enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.188, grifos da autora).

Ainda pensando nos conjuntos de formas reflexivas de não coincidências metaenunciativas do dizer, trataremos de alguns pontos mais específicos acerca das glosas reflexivas que desdobram o dizer pela explicitação de determinado sentido. Há um empenho do enunciador, ao construir as glosas, em conter os outros sentidos possíveis que estão ali presentes – em virtude do seu potencial constitutivo de pluralidade em um ponto X do dizer. Segundo Authier-Revuz (1998), essas glosas podem fixar explicitamente *um* sentido para X ou desdobrar X em uma *pluralidade* de sentidos.

No primeiro caso, em que se impõe explicitamente um sentido para X, o enunciador acaba por afirmar uma potencialidade de um sentido outro que pode ser encontrado nas palavras em contexto e do qual quer proteger o seu dizer. Desse modo, essa fixação torna-se também uma

atestação da realidade enunciativa do não-um do sentido, ao qual essa operação opõe o trabalho ativo de especificação de *um* sentido, preenchendo, no plano segundo, metaenunciativo, do desdobramento do dizer, a falha do primeiro plano, através de uma

operação contextual de eliminação em X de um sentido inoportuno que, no entanto, X autoriza ou favorece (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.31, grifos da autora).

Ao desdobrar X explicitamente em uma pluralidade de sentidos por meio de formas diversas – como por exemplo, *também no sentido p* – se dá lugar a interpretação que pode ser encontrada *no sentido p*. Além disso, quando se solicita vários sentidos para um elemento, é atribuído a esse elemento X glosado um “caráter insubstituível”, já que essa pluralidade de sentidos da polissemia e da homonímia que podem lhe ser atribuídos correspondem a um “bloqueio absoluto da sinonímia” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.48). Portanto, o que a autora salienta é que no funcionamento do gesto metaenunciativo de explicitação do sentido por meio de glosas em determinada cena enunciativa em relação a uma unidade lexical a faz desembocar um trabalho de interpretação oriundo de um contexto X que pode ou não ser suficiente para determinar o sentido desse elemento X.

Ainda na mesma obra, *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer* (1998), Authier-Revuz traz um artigo que trata também das figuras metaenunciativas, porém aquelas figuras do “bem dizer”. Nosso texto não nos permite pormenorizações excessivas além daquelas que podem contribuir para compilação teórico-analítica do material, acrescentamos, contudo, que essas figuras do “bem dizer” dizem respeito ao momento em que o enunciador identifica as não coincidências do dizer que constitutivamente afetam o seu discurso e impõem-se a ele, há então a produção das glosas metaenunciativas para marcar o espaço do não UM e essas glosas ou respostas metaenunciativas podem estar em concordância com o que o próprio enunciador produziu; em outras palavras, nem todas as respostas metaenunciativas apontam para um “mal dizer” que emerge em algum ponto do dizer do enunciador, elas podem apontar para um momento de concordância com seu próprio dizer, produzindo um “bem dizer”. Há no “bem dizer” uma coincidência do dizer – a falta de concordância, o mal dizer seria a não coincidência – que pode ser explicitada em comentários metaenunciativos do modo de dizer (*eu posso dizer, eu digo bem, eu diria de boa vontade*) ou nas palavras ditas (*a palavra é forte, é a melhor palavra*) (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.54).

Outro fator importante que estabelece relação com as formas de reflexividade opacificante do dizer é o tempo. Toda a atividade enunciativa, todo processo de dizer

demanda um tempo para acontecer, pois está submetido à “restrição física da materialidade linear do significante linguístico”, ao desenvolvimento e construção linear do enunciado enquanto materialidade linguística na cadeia enunciativa contrariamente à imagem (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.86) que em materiais multimodais, por exemplo, permitem o funcionamento das diferentes materialidades de modo simultâneo e até condicionado. Não há uma “monolinearidade do fio do enunciado ao longo do desenvolvimento sintático no qual a estrutura reflexiva deve se inscrever” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.99), este é um dos pontos que pretendemos mobilizar nos capítulos que seguem esta pesquisa. A configuração metaenunciativa inscreve-se nesse jogo de temporalidade da enunciação como formas que suspendem o desenvolvimento sintático do enunciado; em sua linearidade, os comentários metaenunciativos retem o desenrolar dos enunciados, como em uma “suspensão” do temporal.

Assim, essas formas, no mesmo lugar em que apresentam as falhas de não-coincidências enunciativas, restauram a imagem ilusória de um sujeito mestre de seu dizer; da mesma maneira, no plano do tempo, no mesmo lugar em que apresentam a inevitável dimensão temporal do dizer, elas produzem a imagem ilusória de um sujeito e de um dizer capazes de suspender momentaneamente esse desenvolvimento temporal, em um ‘extratempo’ fictício (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.86-87, grifos da autora).

Característica relevante desse processo de desdobramento metaenunciativo da modalidade autonímica no ato de enunciação linear concretizado é que o tempo de enunciação pode não coincidir com o de emissão, ou seja, o comentário pode vir antes ou depois de X ou em ambos os lados, por exemplo, o que caracteriza o fato do espaço de tempo ser percorrido de maneira não homogênea pelos movimentos e tempos de enunciação por meio de comentários que podem produzir micro movimentos de antecipação, de recepção e de retorno (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Com base no exposto, passaremos à proposta de expansão do conceito de heterogeneidade, uma vez que, como dito anteriormente, este não dá conta do discurso político marcadamente derrisório em materiais multimodais. Sendo assim, cabe propor um capítulo próprio para o alargamento da noção teorizada por Authier-Revuz. Reiteramos que as teorizações da autora vão muito além do que tratamos aqui, a estudiosa traz inúmeros exemplos de modalizações autonímicas, por exemplo, que julgamos não ser de extrema relevância neste momento. Portanto, buscamos explicar

com mais afinco as ideias de Bakhtin (2002) e Lacan (1998), uma vez que foram tão caras para a autora; procuramos também esclarecer sobre o funcionamento da heterogeneidade constitutiva e mostrada marcada e não marcada, suas relações, aproximações e diferenciações e, por fim, trouxemos algumas proposições sobre as não coincidências do dizer que implicam as modalizações e conotações autonímicas do discurso.

Capítulo 2

Lula e Dilma em videomontagens do YouTube: humor, derrisão e heterogeneidade

“O meio é a mensagem”

Marshall McLuhan

Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem

2002, p. 10

Este capítulo representa nosso contato com o *site* YouTube, suporte que abriga as videomontagens e permite sua existência ao colocá-las em circulação no ambiente virtual. Esse suporte é o patrocinador deste trabalho porque possibilita a criação de materiais multimodais enriquecidos por recursos de edição, como imagem e som; ele é o *meio*. McLuhan em seu trabalho visionário intitulado *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2002) afirma que o *meio* é essencial para a comunicação, mas que não pode ser visto apenas como um veículo de transmissão, um mero suporte ou efeito perante o conteúdo; ele propõe que as diferenças entre os suportes sejam observadas, pois cada um deles tem suas características próprias que incitam efeitos específicos.

Desse modo, o mais importante não seria o conteúdo da mensagem, mas o veículo por meio do qual a mensagem é transmitida, ou seja, o *meio*. Assim, o YouTube ao (re)processar outros ambientes como a televisão e agregar outras possibilidades de criação, passa a ser visto também como um meio que desempenha a função das artes ao promover a reflexão em torno das consequências psíquicas, sociais e políticas que uma tecnologia pode promover. Para McLuhan (2002), o meio é uma extensão do homem, do seu próprio corpo, das suas ideias, pois consegue promover uma mudança e influenciar nas relações humanas. É neste percurso de

sentido que tomamos o YouTube como uma ferramenta singular de expressão do pensamento político e social dos internautas.

Para construir este capítulo e comprovar nossa proposição de pesquisa, buscamos verificar o funcionamento da heterogeneidade dissimulada em cada videomontagem do nosso *corpus* de pesquisa. Nossa hipótese, diante de uma análise superficial e prévia, era de que todas apresentassem um caso de heterogeneidade dissimulada e, ao olharmos exclusivamente para a materialidade linguística, encontrássemos também as heterogeneidades de Authier-Revuz (2004); tínhamos como base norteadora para a análise o fato de tratarmos de um objeto multimodal e abrigado no YouTube. Logo nas primeiras análises, notamos que nossa suposição foi válida e, então, partimos para a transcrição atenta, acompanhada da descrição e interpretação.

Com o intuito de facilitar a leitura, retomamos o *corpus* discursivo que compõe esta pesquisa e está abrigado no *site* YouTube; assim, o material de análise é composto por videomontagens que foram postadas nos anos eleitorais de 2006 e 2010. Respectivamente, elas têm como alvo os então candidatos Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores - PT, ambos na disputa pela presidência. Fizemos um levantamento de algumas videomontagens postadas e selecionamos dez, cinco do ano de 2006 que tem como personagem principal o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva intituladas: *Lula Bebum*; *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*; *Lula o analfabeto*; *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* e *Pérolas de Lula 3 – O Retorno*. As outras cinco videomontagens selecionadas são do ano de 2010 e tem como personagem principal a atual presidente da República Dilma Rousseff, na época candidata ao cargo, são elas: *Direto ao assunto: Episódio #01 – Família*; *Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura*; *Direto ao assunto: Episódio #03 – Meio Ambiente*; *Direto ao assunto: Episódio #04 – Copa 2010* e *Direto ao assunto: Episódio #05 – Ministério*.

Para recolher o *corpus* de análise, lançamos mão de um programa disponibilizado na Web denominado *Real Player Downloader*, que pode ser extraído gratuitamente do *site* de programas *Baixaki*²¹, e, com ele, pudemos arquivar as

²¹ Disponível em: < <http://www.baixaki.com.br/busca/?q=real+player+downloader&buscar=>>. Acesso em 30 de abr. de 2015.

videomontagens mesmo não tendo pretensões de analisá-las somente *offline*. Ou seja, nas análises, pretendemos acessar com frequência o *site* para descrever/interpretar o material, pois acreditamos que ao observá-lo no seu ambiente virtual possamos nortear nosso olhar. Armazenar as videomontagens seria, antes de tudo, uma medida de precaução caso alguma seja retirada do *site*.

Para as análises, fizemos uma transcrição das videomontagens conjuntamente observando e descrevendo aspectos como som e imagem; para isso, dispusemos da técnica de congelamento das imagens e dos slides para proceder às análises das videomontagens e empregá-las no corpo da pesquisa a fim de que o trabalho possa ser ilustrado e facilite a observação do leitor. Os objetos considerados foram os discursos do produtor das videomontagens; contudo, observamos outros aspectos como som, imagem e recursos de edição que delineiam traços inerentes ao discurso derrisório e que, conseqüentemente, nos abriram a possibilidade de identificar as regularidades que trazem uma memória discursiva imbricada às videomontagens assim como as vozes que se sobrepõem dialogicamente para construir sentido.

2.1 A desconstrução de um político do povo

Desde a primeira de suas cinco candidaturas²², os eleitores conhecem o resumo da história de vida do ex-presidente Lula: nascido de uma família pernambucana, migrou para o estado de São Paulo aos setes anos em cima de um *pau de arara* – como ele mesmo se refere ao modo como chegou ao sul do Brasil. Começou a trabalhar cedo e tornou-se metalúrgico, chegou à presidência de seu sindicato até ser um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores – PT – e, assim, durante toda sua trajetória política, seu comportamento naturalmente foi sempre vigiado, registrado e algumas de suas atitudes ressaltadas, como nestas videomontagens.

²² 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006. Disponível em: <www.presidencia.org.br/presidente>. Acesso em 3 abr. 2014.

Nelas, encontramos imagens em movimento que são intercaladas por algum tipo de música ou som. Seu produtor faz recortes de debates, discursos, festas, viagens e outras aparições e, posteriormente, insere uma observação com tom irônico ou direto sobre o que foi mostrado. Constatamos que, em todas as videomontagens, o que se quer é desconstruir a imagem de Lula como presidente, deixar claro que ele não tem competência para ocupar esse lugar no cenário político atual e, para comprovar isso, é mobilizada uma memória que pode atestar sua incompetência.

Logo na leitura do título das videomontagens, já notamos a finalidade da descaracterização presente em todas elas: *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum*, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*, *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva e Pérolas de Lula – O retorno*. O que dá suporte a esse escopo que tem os produtores das videomontagens de descaracterizar a figura do homem político é a via de mão dupla sustentada por informações de que o sujeito-enunciador e o espectador compartilham.

A *memória social* promove esse *acordo de olhares* (DAVALLON, 2007) e, por isso, as videomontagens tornam-se inteligíveis e podem levar ao riso. A reprodução de enunciados, o recorte e a construção do entrelaçamento de imagem mais materialidade linguística promovem os implícitos que podem ser trazidos para a superfície interdiscursivamente.

2.1.1 Lula Bebum²³

Em muitos de seus discursos e pronunciamentos, Lula utiliza de fatos e/ou acontecimentos de sua própria experiência de vida para argumentar sobre algum projeto ou ideia que está defendendo, ou seja, Lula sempre recorre à narrativa de vida para sensibilizar o auditório. É comum o político fazer uso do *storytelling*²⁴ (SALMON, 2007) e, igualmente, ele constrói metáforas acerca do tema que discute de maneira própria, nas quais dá a entender que algumas atitudes lhe são características do cotidiano. Em virtude dessa postura, Lula possibilita a emergência de discursos

²³ Data da postagem: 29/03/2006. Legenda: Lula bebe sim...

²⁴ Cristian Salmon em sua obra *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits* (2007) defende a ideia de que a narrativa de vida consolidou-se como um método de argumentação e persuasão nos discursos políticos, há uma nova ordem narrativa que traz “exemplos” da vida pessoal do candidato que podem influenciar e/ou seduzir os eleitores.

outros acerca de sua postura como presidente e permite que esses mesmos discursos apoiem-se no interdiscurso sobre sua figura pública e, assim, propagem ideias que possam denegrir (ou não) seu governo.

Uma crença do imaginário popular – corroborada pelos meios de comunicação – é a de que Lula consome muita bebida alcoólica a ponto de comprometer seus pensamentos e atitudes, fato este sustentado pelo interdiscurso, já que o próprio Lula cita em suas falas o consumo da “caninha” como ferramenta para criar uma proximidade com a população, um clima de simbiose entre ele e o público (MACHADO, 2012). Além disso, algumas de suas aparições permitem que esses discursos outros possam se apoiar em imagens e/ou nas próprias atitudes e corroborar com a ideia de que Lula faz uso demasiado de bebida alcoólica, Lula seria cachaceiro, seria “bebum”. É o que podemos constatar na videomontagem *Lula Bebum*, selecionada para esta pesquisa.

Como já citamos, faremos uma breve descrição da videomontagem para, em seguida, engendrarmos o recorte do material e tentarmos empreender a análise que pode (ou não) atestar nossa hipótese inicial sobre a possibilidade de uma heterogeneidade dissimulada. Com o título de *Lula Bebum*, a videomontagem – composta por 17 slides – traz diversas imagens, sendo a maioria delas do presidente envolto em alguma situação informal com ou sem clareza do que realmente ele estaria fazendo. Durante a visualização de cada imagem, na maioria delas, há a inserção de uma tarja vermelha que carrega o discurso do produtor da videomontagem, o qual tem como objetivo afirmar que Lula consome bebida alcoólica demasiadamente e, por isso, mostra-se incapaz de governar o país.

A inserção desta tarja vermelha sugere a construção do sentido de proibição, o que Lula faz é inaceitável devido ao posicionamento e às responsabilidades assumidas por um presidente da República, portanto, ele não deveria embebedar-se. Essa sequência de imagens que tem o tempo total de três minutos e seis segundos é composta por fotos do ex-presidente em diferentes momentos, com garrafa de bebida alcoólica, charges, imagens de seus supostos opositores e montagens fotográficas, enquanto a montagem é exibida, é executada a música *Eu bebo sim*²⁵, interpretada pela cantora Elizeth Cardoso.

²⁵ Música: Eu bebo sim, intérprete Elisete Cardoso: Eu bebo sim! /Eu tô vivendo /Tem gente que não bebe /E tá morrendo /Eu bebo sim! /Eu tô vivendo /Tem gente que não bebe /E tá morrendo /Tem gente

Portanto, em *Lula Bebum* o foco da descaracterização, como nas cinco primeiras videomontagens deste trabalho, é Lula. Cabe salientar que essa montagem também é composta por outras descaracterizações, tais como: analfabeto, burro, desonesto, corrupto; desse modo, ela além de construir sentido em torno do uso de álcool, permeia outros campos que podem descaracterizá-lo, diferenciando-se das demais, como em *Lula o analfabeto* que, como veremos, tem como foco principal o uso indevido da língua e perpassa por outros pontos de modo muito sutil, assemelhando-se as demais que enfocam a descaracterização, mas resvalam em outros temas (ARAÚJO, 2011).

Debruçando-nos de maneira mais atenta, o terceiro, sexto, sétimo e oitavo slides foram recortados, pois, como supomos, constroem o discurso do sujeito-produtor caracterizado por uma heterogeneidade constitutiva do discurso que lhe é inerente para existir e uma heterogeneidade dissimulada. Observemos o terceiro slide²⁶ (figura 6), que é composto por uma fotografia do presidente Lula em um palanque juntamente com outras duas pessoas; do lado esquerdo, a primeira dama Marisa Leticia usando um adorno na cabeça que parece ser de flores nas cores vermelho e branco, do lado direito, o prefeito de Blumenau em 2003 – quando a foto foi batida – Décio Lima. Tanto Lula quanto Décio trajavam camisa de manga curta, o primeiro azul clara e o segundo amarela clara; além disso, usavam chapéu vermelho decorado em verde e branco, típico da região Sul do país (chapéu tirolês), usado em festas como a *Oktoberfest*²⁷ em Blumenau, onde se serve barris de *chopp* e muita comida aos participantes. Podemos inferir, diante da imagem, que o presidente participa da festa, já que ele parece estar em um palanque segurando uma caneca cheia de *chopp* ou cerveja; ademais, há uma alça verde pendurada para que se possa transportá-la com mais facilidade durante os festejos.

que já tá com o pé na cova /Não bebeu e isso prova /Que a bebida não faz mal /Uma pro santo, bota o choro, a saidera /Desce toda a prateleira /Diz que a vida tá legal /Eu bebo sim! /Eu bebo sim eu tô vivendo /Tem gente q não bebe /E tá morrendo /Eu bebo sim! /Eu tô vivendo /Tem gente que não bebe e tá morrendo /Tem gente q detesta um pileque /Diz que é coisa de moleque /Cafajeste ou coisa assim /Mas essa gente quando tá com a cara cheia /Vira chave de cadeia /Esvazia o botequim /Eu bebo sim! /Eu bebo sim eu tô vivendo /Tem gente que não bebe e tá morrendo /Eu bebo sim! /Eu tô vivendo /Tem gente que não bebe e tá morrendo /Bebida! /Não faz mal a ninguém /Água faz mal a saúde. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/elizeth-cardoso/eu-bebo-sim/371254>>. Acesso em 21 jan. 2014.

²⁶ A numeração refere-se ao número total de *slides* que compõe a videomontagem, ela não indica a sequência dos *slides* trazidos para a análise; portanto, há a indicação de sua numeração na videomontagem acompanhados das figuras que os representam neste trabalho de pesquisa.

²⁷ Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/noticias/2003/10/04/Para-Lula-Oktoberfest-e-ouma-aula-de-cultura-726.html>>. Acesso em 21 jan 2014.



figura 6 (00:15 -00:21)



figura 7 (00:38 – 00: 45)

O sujeito-produtor tece o seu discurso ao trazer para o limiar deste a imagem de Lula com a caneca de *chopp* acompanhado da música *Eu bebo sim*. Essa junção de diferentes materialidades discursivas possibilita a construção do sentido pretendido: afirmar que Lula bebe demasiada e inadequadamente para um presidente. É possível entendermos que durante os seis segundos que a imagem permanece congelada, o produtor do vídeo simula a opinião de Lula, que ergue com certo afincamento a caneca de *chopp* ao inserir o trecho: “(...) *tem gente que não bebe e está morrendo (...)*”.

O momento em que a foto foi tirada não é citado, o que produz uma tentativa de apagamento desse discurso outro que se dá legitimado pelo interdiscurso. Essa interdição pode ter sido construída para que o recorte fosse re-significado e outras possibilidades interpretativas e de sentidos fossem evitados (ORLANDI, 2007) para atestar o que diz o sujeito-produtor por meio dos implícitos: Lula está bêbado, é alcoólatra, consome bebida alcoólica com frequência. Todavia, é apagado o sentido de que Lula estaria em uma das maiores festas típicas da região sul do país, que atrai turistas do Brasil e de países vizinhos, gerando riqueza para aquela região; sua atitude de brindar à festa, seus participantes e provar do *chopp* como forma de promover os costumes é interdita de forma que essas interpretações feitas não sejam possíveis de existir.

A figura sete – sétimo slide – mostra Lula e Marisa na festa junina de 2004 na Granja do Torto em Brasília. Eles estão trajados de caipiras²⁸, traje típico do mês de junho, quando se comemora as Festas Juninas no Brasil. Após dois segundos, aparece uma tarja vermelha com o seguinte enunciado: “*então Lula, uma pessoa séria...*”.

28

Disponível em:
<<http://noticias.terra.com.br/brasil/fotos/0,,OI10661EI306,00Festa+junina+na+Granja+do+Torto.html>>
Acesso 22 jan 2014.

Aqui a ironia²⁹ é arquitetada na junção imagem mais materialidade discursiva, já que sob a condução interpretativa do sujeito-produtor é possível entendermos que uma pessoa séria não usa trajes “inadequados” tais como os de Lula e Marisa, entretanto, a referência ao uso demasiado de bebida alcoólica é trazida por meio da inserção do seguinte trecho da música: “...*não bebeu e isto prova que a bebida não faz mal...*”

Desse modo, ao recortar a imagem e inseri-la no vídeo, isto é, trazer o outro para o discurso do Mesmo, há a construção de um simulacro sob a atitude de Lula, haja vista que para desmoralizar sua atitude o produtor conduz o internauta para a construção da ideia de que Lula não teria uma postura séria e condizente com seu cargo, a vida seria uma brincadeira, sem a preocupação que deve ter o presidente da república. A emergência dessa imagem acerca do então candidato é produto do apagamento de outros discursos, como o de que Lula, por exemplo, estaria exaltando, promovendo a cultura brasileira ao comemorar suas bodas com uma festa caipira em sua residência oficial e na presença de familiares, amigos e outros políticos.



figura 8 (00:46 – 00:50)



figura 9 (00:51 – 00:57)

Nas figuras 8 e 9 – oitavo e nono slides – também há o processo de recorte da imagem mais som e o enunciado na tarja vermelha: “*então Lula, uma pessoa séria...*”. No primeiro, houve a inserção do seguinte trecho da música: “...*não bebeu e isto prova que a bebida não faz mal/ uma pro santo, bota o choro... a saideira, desce toda prateleira...*”, nele, vemos Lula de perfil supostamente tocando um berrante ao lado

²⁹ Entendemos ironia como uma estratégia argumentativa que compõe um discurso de caráter transgressivo, como o derrisório, que abre caminho para o riso ao romper com as convenções e apresentar críticas ácidas a determinados discursos e gêneros do discursos tidos como inatacáveis (MACHADO, 2014).

do cantor sertanejo Zezé de Camargo³⁰; no segundo, ouvimos: “...*diz que vida tá legal, eu bebo sim...eu bebo sim...*” e visualizamos Lula em cima de um skate ao lado de Sandro Dias, campeão mundial de skate³¹. É possível entender que ambas imagens trazidas carregam um gesto simbólico sobre o ato de beber.

Na primeira, ao levantar o berrante como quem levanta uma caneca de *chopp* e na segunda, quando em cima do skate o presidente parece perder o equilíbrio como uma pessoa que bebe em demasia e não consegue equilibrar-se ao caminhar; esses gestos trazidos para o discurso do produtor é traduzido sob suas categorias, isto é, ao inserir o som e o enunciado já citados completa o sentido pretendido de que Lula é “bebum”. Há, portanto, nos quatro recortes a produção de uma heterogeneidade dissimulada sustentada pelo interdiscurso de que Lula consome bebida alcoólica em demasia e, por isso, não deveria ocupar um cargo importante como o de um presidente da República.

Cabe salientar ainda que a inserção do enunciado “*então Lula, uma pessoa séria...*”, acompanhado das reticências, permite interpretarmos que seu objetivo é deixar o sentido da frase em aberto, possibilitando que o sujeito-co-enunciador faça sua interpretação pessoal, pois a junção de imagem e materialidade discursiva pode induzir a interpretação desejada pelo sujeito-enunciador, isto é, ela direciona o olhar em consonância com o objetivo do sujeito-enunciador que corrobora com a construção de sentido pretendida, afirmar que Lula não adota uma postura séria e adequada a um chefe de Estado já que se fantasia, toca berrante e sobe em um skate.

³⁰ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI324120-EI1194,00-Presidente+Lula+recebe+carro+de+boi+de+GO.html>> e <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2004-06-12/12-de-junho-de-2004>>. Acesso em 22 jan 2014.

³¹ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/noticias/0,,OI239783-EI2246,00.html>>. Acesso em 02 fev 2014.

2.1.2 Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula³²

Com o tempo de dois minutos e 45 segundos, *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula* é composta por cinco filmagens do presidente em momentos distintos. Essas filmagens são recortes de determinadas falas e aparições do presidente que foram registradas por uma máquina filmadora. Sua *construção composicional* (BAKHTIN, 2003) caracteriza-se pela inserção desses recortes de momentos distintos intercalados por slides que carregam a fala do produtor da videomontagem.

Mais especificamente, iremos nos ater ao primeiro vídeo recortado pelo sujeito-enunciador, que atesta o título da montagem ao mostrar Lula supostamente “rejeitando” a comida que lhe é oferecida no avião em que ele viaja. Antes de partimos para a análise, cabe ressaltar que nos demais trechos dessa montagem há a exposição de outros temas como corrupção, desonestidade, falta de decoro, preconceito que também são trazidas ao longo das demais videomontagens deste trabalho.



figura 10 (00:01)

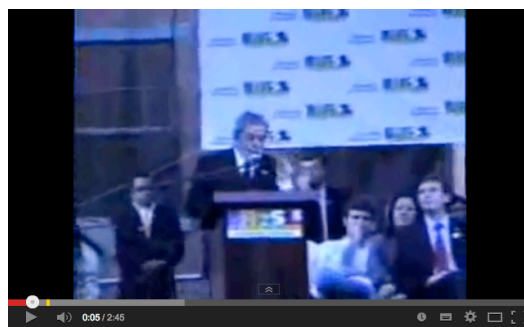


figura 11 (00:22 – 00:24)

Na figura 10, visualizamos o primeiro slide com a palavra “fome” em destaque; notamos que o contraste das cores faz com que a palavra fome em vermelho chame a atenção do internauta. Logo, é possível afirmar que não só há contraste entre

³² Data da postagem: 23/10/2006. Legenda: Como pode o presidente chamar o povo de pelotas de viado??? Rejeitar comida em seu jatinho luxuoso depois de falar que pobre não precisa de muito!!! Diz que vai ao debate afirmando que responde a qualquer tema e depois avisa 1h antes que não irá!!! Diz que andou em cima de pau de arara quilômetros e quilômetros a vida toda e depois desmerece os esforços das pessoas que o acompanharam o dia inteiro (repórteres ou não) que querem tirar algumas fotos, desabafando com um curto e grosso "PORRA!"!!! O mais intrigante é o tamanho do ego dele que patrocina a gravação da própria vida dentro e fora dos bastidores e guarda tudo "no cofre"... deve ser um cofre feito papel, pois os vazamentos das gafes e escândalos não param.

o vermelho de “fome” e o branco do restante do texto, mas também há a tentativa de ênfase da palavra, já que o vermelho é considerado uma cor quente, enquanto o branco, convencionalmente, uma cor neutra. O destaque ainda pode ser observado quanto à escolha pelo uso de letras maiúsculas, opondo-se às letras minúsculas do restante do texto; tal destaque é acordado entre os usuários da Web como forma não só de realce, mas também de expressar que se está falando alto ou gritando. Ainda é preciso sublinhar o fato de que as cores utilizadas – branco e vermelho - recuperam, por meio do interdiscurso, as cores do partido ao qual o sujeito em questão está filiado – o Partido dos Trabalhadores.

Sendo assim, imageticamente, há a retomada de outros enunciados que sustentam a produção do sentido na montagem, o sujeito-produtor traz elementos multimodais quando fala da fome, por exemplo. Além disso, a palavra destacada ocupa posição inferior no slide, criando novamente oposição com o restante do texto; tal construção adversa se dá pelo fato de que a palavra “primeiro” ocupa a primeira posição do slide, enquanto “fome” a última, criando, entre outros sentidos, o de que a fome ocuparia o último lugar de preocupação daquele sujeito. O mesmo não ocorre com “esnoba”, já que agora é preciso mostrar que o fato do presidente esnobar comida é um ponto central da questão, pois contradiz diretamente o que vem sendo enunciado por ele. Desse modo, a palavra em destaque passa a ocupar lugar focalizado e não mais periférico.

Logo após o slide da figura 10, visualizamos um pequeno vídeo de Lula em que o candidato está em um palanque em frente a um púlpito, atrás dele há outras pessoas sentadas e ele fala para um público que está na sua frente. Logo abaixo a transcrição da sua fala (o vídeo está representado pela figura 11):

E2³³: “o que a gente faz para o povo pobre, custa tão pouco neste país, custa tão pouco, (*o público aplaude*) porque o pobre não tem megalomania (*enquanto alguns aplaudem, ouvimos uma buzina*) o pobre ele quer coisas simples, ele quer ter o direito de morar, ele quer ter o direito de tomar café almoçar e jantar” (00:02 – 00:21).

³³ E1: Sujeito-produtor

E2: Lula

E3: Garçon – Adriano

E4: Antônio Palocci

E5: Um dos passageiros.

Em seguida, há a inserção de outro slide – figura 12 – e a palavra em destaque é “esnoba”, que está em vermelho assim como “fome” no slide anterior. Podemos entender que se trata de um contraste de ideias, de pensamentos contrários numa mesma frase, a antítese existente é atestada com a inserção da transcrição acima, em que o candidato frisa que pessoas pobres querem o mínimo: alimentar-se para poder ter uma vida melhor.

Ademais, esse destaque dado a determinadas palavras caracteriza o *estilo* da montagem que é arquitetado pela utilização dessas palavras colocadas em destaque que conduzem a pensamentos contrários a cada sequência de slides mais vídeos (ARAÚJO, 2011). Essa escolha lexical corrobora para a construção do efeito de sentido produzido, pois ao alternar esses slides com pequenos vídeos, há uma suposta comprovação de que Lula é um político desonesto, de que ele fala, mas não faz, não cumpre com suas promessas.



figura 12 (00:22 – 00:24)



figura 13 (00:22 – 00:24)

O slide representado pela figura 12 é então retirado e dá lugar a um vídeo curto (figura 13) e nele, diferentemente dos anteriores, o sujeito-produtor insere legendas para as falas dos participantes do diálogo registrado. Em todo o vídeo, Lula está de frente para câmera e é constantemente focalizado, já Antônio Palocci está de costas, como se o cinegrafista estivesse atrás dele e, por isso, visualizamos apenas seu perfil. Em nenhum momento é mostrado quem são os demais passageiros do voo e as imagens não têm boa definição, em virtude disso, detalhes e pormenores não podem ser levantados. Na fala transcrita a seguir, é focado apenas Luiz Inácio, que fala e, ao mesmo tempo, mexe em um recipiente de alumínio o qual não podemos identificar claramente, isto porque a câmera focaliza apenas por dois segundos o recipiente e logo mostra o rosto de Lula.

E2: “É só isso aqui que tem, Adriano?”
“A única coisa que está quente aqui é o alumínio” (00:25 – 00:32).

Há um corte na filmagem e o que aparece em seguida é a imagem de Lula entregando o recipiente de alumínio para alguém que está atrás na fileira de poltronas. Enquanto a pessoa que podemos chamar de “garçom” diz:

E3: “O seu está quente, seu Palocci?”
E4: “Está” (*Não aparece legendado*)
E2: “Quente nada Palocci”
E4: “Médio, né? Digamos que está médio.”
E3: “Dá cinco minutos que... esquenta mais.”
“O presidente hoje recusou cerveja, sanduíche, [churrasco]...”
“Está certo, o serviço não está bom.”
(*Risos*)
E5: “Ô, gente, eu não sei como vai ser o governo desse moço aí, mas que vai ser engraçado, vai” (00:34 – 01:02).

Lula passa o recipiente onde estaria sua refeição para o garçom e Palocci continua comendo a sua. O vocábulo “churrasco” não está na legenda introduzida no vídeo, mas é possível notar sua existência. A descrição do vídeo mostra o escopo do sujeito-produtor em desvendar o político que estava em um palanque discursando sobre a fome, mas que na verdade esnoba, faz pouco, age com desdém com o que lhe é oferecido; onde estaria o presidente do povo nesse momento, que era pobre?

É o que traz os implícitos suscitados na montagem, pois o que se espera de Lula é que se compadeça com aqueles que não têm o que comer e por ter passado fome valorize todo o alimento que lhe é oferecido. Lula ascendeu socialmente, portanto, o sujeito-produtor estaria autorizado a dizer que o candidato esnoba a comida em virtude de essa atitude ser vista como comum em determinadas posições sociais, tais como a que Lula ocupava por ser presidente da República - o cargo político mais importante do país. Agora, presidente, poderoso e rico, ele esnobaria a comida.

A construção do efeito de sentido concretiza-se na inserção da segunda sequência, é ela que alicerça o objetivo do sujeito-produtor em apontá-lo como mentiroso e falso, já que é nesse momento em que Lula supostamente “esnoba” a refeição servida a bordo. Notamos o apagamento do discurso outro, de Lula quando é

feito o recorte e inserido o slide promovendo um encadeamento de sentido, isto porque o internauta constrói essa interpretação primeira ao assistir a montagem.

Podemos notar que não há uma rejeição clara da comida servida, ou seja, Lula não a rejeita, ele questiona a sua quantidade e também a temperatura, vejamos o enunciado: “*É só isso aqui que tem, Adriano? A única coisa que está quente aqui é o alumínio*” (00:25 – 00:32). Além disso, entre os enunciados: “O presidente hoje recusou cerveja, sanduíche, [churrasco]...”; “Está certo, o serviço não está bom” e “Ô, gente, eu não sei como vai ser o governo desse moço aí, mas que vai ser engraçado, vai”, é possível observar com clareza os risos de Lula, Palocci e dos demais companheiros, um detalhe da modalidade imagética que permite que se interprete o momento como descontraído e de humor, já que uma das características de Lula presentes no imaginário social é a de um sujeito que fala espontaneamente e de improviso, trazendo sempre algo inesperado e, esse fato, muitas vezes, o compromete e permite a irrupção de outros discursos e possibilidades interpretativas.

Essas conjecturas permitem a possibilidade interpretativa de que Lula possa ter feito uma piada ou uma brincadeira e isto ter sido apagado por meio da montagem, da criação de um simulacro no encadeamento dos slides e do vídeo. Nesse sentido, seria possível interpretarmos que essa atitude de desdém em relação à comida possa não ter existido e que o efeito de sentido produzido (Lula esnoba a comida que lhe é oferecida) se dá por meio da sintaxe engendrada entre os recursos multimodais mobilizados pelo sujeito-produtor, o *Youtuber* (BURGUESS, 2009).

Diríamos ainda que a palavra “esnoba”, em destaque no *slide* (figura 12), corrobora para o direcionamento da interpretação do internauta, já que ela constrói uma antítese com a palavra “fome” do primeiro slide, ambas vêm ancoradas em recortes de discursos do Lula; desse modo, o produtor do vídeo traz para o seu discurso o discurso outro, o de Lula, ao fazer o recorte e inseri-lo, ele o traduz sob suas categorias a partir do seu interdiscurso (quando insere o primeiro e segundo slides da sequência com as palavras “fome” e “esnoba” em destaque). O que se dá a interpretar é a ideia de um homem falso e mentiroso, discurso que diverge daquele que circula e afirma que Lula é um homem do povo e que conhece *o flagelo da fome*.

Há um apagamento das ideias do discurso da humildade, da pobreza, ocorrendo a supressão de qualquer resquício que possa fazer emergir aspectos situacionais e/ou momentâneos que tragam uma explicação lógica ou contundente à

colocação feita, todos os outros sentidos são apagados para que se possa passar a mensagem trazida pelo simulacro do discurso de Lula: Lula é mentiroso. Apaga-se qualquer já-dito por meio da construção de uma heterogeneidade dissimulada do discurso que se sustenta na junção de diferentes recursos, já que tratamos de textos multimodais, o que possibilita a construção de sentido desejado. Cabe salientarmos, aqui, o recurso visual utilizado na materialidade linguística e que edifica o discurso do Mesmo ou, nas palavras de Authier-Revuz, o discurso do UM.

2.1.3 Lula o analfabeto³⁴

Em *Lula o analfabeto*, encontramos pequenos vídeos compostos por recortes da fala do presidente Lula que são intercalados por slides nos quais aparecem os discursos derrisórios – estes, por sua vez, se utilizam da linguagem escrita, das cores e do som para produzir sentido: após cada edição de enunciado *mal formulado* ou *mal pronunciado*, soa uma suposta campanha, o que sugere a inserção do discurso na configuração de um *Quizz Show* (programa de perguntas e respostas em que os acertos valem prêmios e os erros “desclassificam” o participante), permitindo a construção do discurso humorístico.

No total, somam-se 33 *slides* que estão inseridos entre sequências de imagens constituídas por recortes do debate eleitoral realizado pela TV Bandeirantes para o segundo turno das eleições de 2006. Nesse debate estavam presentes os então candidatos Geraldo Alckmin e Luiz Inácio Lula da Silva. Cada slide permanece por aproximadamente quatro segundos, sendo o tempo total do vídeo de quatro minutos e quarenta segundos, o que nos permite pensar que se trata da *construção composicional* (BAKHTIN, 2003) dessa videomontagem. Como um gênero de caráter secundário, a videomontagem acima descrita comporta os elementos retirados do debate televisivo e do *Quizz Show* que, desvinculados do meio onde circulam e os demais enunciados que com eles interagem, passam a fazer sentido na construção de enunciados que suscitam polêmica.

Nos recortes que podemos visualizar do discurso de Lula no debate da TV Bandeirantes, observamos que o candidato se utiliza da variação oral da língua – que,

³⁴ Data da postagem: 22/12/2006. Legenda: Se ele que é o Presidente está desse jeito.... O que será do País.

além de ser distinta da variação escrita, dado que a pronúncia altera alguns sons de palavras, se assemelha à linguagem informal – e produz o que parece não se tratar de um discurso previamente elaborado (como acontece no discurso político televisivo³⁵); ao contrário, o enunciado aparenta ser espontâneo, produto de uma réplica ou tréplica, quando o candidato deve defender-se de possíveis acusações do discurso adversário.

Desse modo, o sujeito-enunciador, além de recortar e editar determinados enunciados, ignora algumas variações fonéticas e evidencia outras, mais especificamente, tende a focar a elisão da letra “s” na formação do plural, fato que ele denomina como “Escorregadas” no primeiro slide (figura 14), o que nos remete ao ato de perder o equilíbrio, pode também, no imaginário social³⁶, nos permitir pensar no fato de alguém cometer um erro, um deslize. A justificativa aparece logo na sequência dois, quando há a comprovação desse deslize sugerido. Fica clara a finalidade da escolha lexical “Escorregadas” com o objetivo de desqualificar o candidato por meio da língua nos slides representados pelas figuras a seguir.



figura 14 (00:01)

Neste primeiro recorte do discurso de Lula³⁷ no debate na TV Bandeirantes, ele aparece vestido de terno e gravata (figura 15), no fundo do vídeo há um painel azul com algumas letras brancas, não está nítido, mas se pode inferir – já que essa configuração se repete nos slides subsequentes – que se trata das palavras “economia”

³⁵ O horário gratuito político eleitoral (HGPE) é um exemplo de discurso previamente elaborado, contudo essa questão não será tratada neste trabalho porque não se trata de um discurso de humor abrigado em um suporte não oficial, ele é transmitido pela televisão e rádio em horários nobres durante o período eleitoral, outros trabalhos sobre sua produção discursiva verbal e não verbal estão sendo desenvolvidos; ver MANZANO, 2014.

³⁶ Segundo Charaudeau, “imaginário social é um universo de significações fundador da identidade de um grupo [...] constituído pela soma das relações que os indivíduos estabelecem entre si, relações que, ao se auto-regularem, terminam por construir o universo de valor, portanto, imaginários comuns. [...] ele reflete a visão que o homem tem do mundo social, o imaginário é da ordem do verossímil, isto é, do que sempre é possivelmente verdadeiro” (CHARAUDEAU, 2008, p. 204 e 205).

³⁷ Nos demais *slides*, a descrição das vestimentas e do plano de fundo é a mesma. Quando esta configuração mudar, será feita sua descrição detalhada.

e “justiça”. Logo abaixo, no canto esquerdo do vídeo, há o logotipo da TV Bandeirantes e a indicação de que o debate está sendo transmitido *Ao Vivo*. O recorte é inserido, soa a campainha e ele é retirado somando-se quatro segundos para a entrada do slide, que carrega o discurso de humor do sujeito-produtor em questão.

Quando se assiste a um *Quizz Show*, em geral, ninguém torce para que o jogador erre e seja desclassificado, mas sim, que ele acerte e receba o prêmio. Na videomontagem, esse sentido é deslocado, já que, a cada trecho de fala do presidente, o produtor insere um enunciado que aparece após a campainha, criando uma expectativa em torno do “erro”. A partir da primeira campainha em que surge o slide “faltou um esse”, é aberta essa expectativa – todas as demais vezes em que a imagem de Lula aparece, esperamos que ele cometa o suposto “erro”. A campainha que soa após cada fala atesta esse “erro”; assim, depois de dois ou três enunciados, não se espera mais o texto, ele não precisa entrar, não é mais essencial mostrar o “erro” para levar ao riso. Diríamos, portanto, baseados nestas observações, que o conteúdo temático trata da desqualificação do presidente (na época, candidato a reeleição); contudo, nesta videomontagem, a desqualificação é feita predominantemente acerca do modo como ele utiliza a linguagem (ARAÚJO, 2011).

Há a associação de uma incompetência linguística a uma incapacidade administrativa ao demonstrar durante toda a videomontagem os supostos “erros” de português cometidos pelo presidente. Abaixo, podemos visualizar uma imagem congelada do momento no qual Lula profere seu discurso no debate e que, neste trabalho, representa os recortes do debate feitos pelo sujeito-enunciador. A seguir, as sequências discursivas 2, 6 e 23³⁸ com a transcrição do discurso de Lula acompanhado do slide que carrega o discurso humorístico derrisório do sujeito-produtor.

³⁸ A numeração diz respeito à totalidade das sequências da videomontagem, e não somente àquelas aqui descritas.



figura 15 (00:05)

Sequência 2 (00:08 – 00:11)
E2³⁹: “*mas como nós somos vítima(s)*”⁴⁰”
Soa a campainha

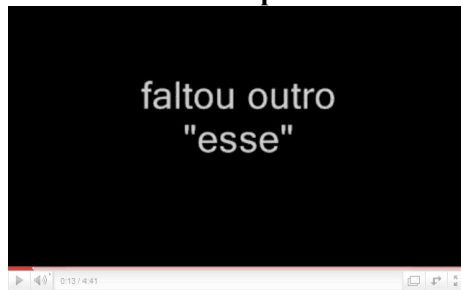


figura 16

Sequência 6 (00:25 – 00:28)
E2: “*esses ministros cometeram erro(s)*”
Soa a campainha

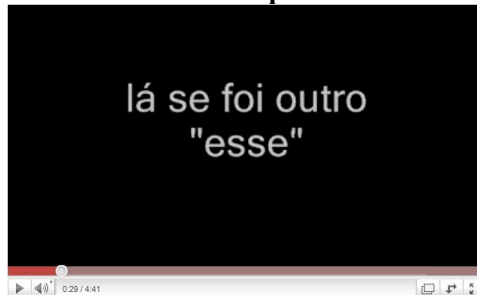


figura 17

³⁹ E1: Sujeito-produtor e E2: Lula.

⁴⁰ Buscando manter uma posição analítica exclusiva sobre o discurso, optamos por transcrever semanticamente entre aspas o discurso primeiro – do Lula – e descrever as orientações interpretativas do discurso do produtor do vídeo que estarão entre parênteses, visando a não provocar outros possíveis discursos, já que, em muitos recortes, determinados sons produzidos pelo enunciador primeiro não nos parecem tão nítidos. Assim, não enfocaremos a fonética dos enunciados primeiros, mantendo a ortografia original das palavras.

Sequência 23 (03:13 – 03:18)
E2: “*de todos os crimes de quadrilha(s)*”
Soa a campainha



figura 18

Na sequência dois, notamos que o enunciado “mas como nós somos vítimas” não nos permite perceber se há/houve tempo para uma possível articulação da letra *s*, já que seu recorte se dá imediata e bruscamente após a pronúncia da sílaba “ma”, de “vítima”; nesse momento, *soa a campainha* e materializa-se na tela, em letras brancas sobre um fundo negro, o enunciado “faltou outro ‘esse’”. Assim como o enunciado da sequência seis, “esses ministros cometeram erro” que também é bruscamente interrompido com o som da campainha e a materialização do enunciado “lá se foi outro ‘esse’”.

É possível inferir que faltando ou não a letra “s”, ela será enfocada para o objetivo pretendido, para isso o sujeito-produtor direciona o sujeito-co-enunciador ou internauta todas as vezes em que supostamente há a falta do plural; dito de outro modo, a indução da interpretação derrisória impede a aceitação da *validade* de um enunciado que segue a norma culta da língua, visto que, nesse caso, o sujeito e o predicado plural podem ser acompanhados de objeto em singular – é possível interpretar também, na mesma sequência, o fato de que os ministros tenham cometido um único erro, em conjunto. Ademais, por haver descontextualização, não se pode reconhecer a hipótese de que entre o verbo e o objeto possa haver artigo definido ou indefinido: a contextualização permitiria reconhecer o respeito ou o desvio da norma linguística.

Nas sequências dois e seis, o sujeito produtor do discurso derrisório recorta, destaca a fala de Lula e insere-a na videomontagem para produzir sentido e sedimentar a ideia já trazida interdiscursivamente de que Lula é iletrado, analfabeto, não utiliza a norma culta. Em outras palavras, diríamos mais discursivamente que o sujeito-produtor, ao traduzir o discurso de Lula sob suas categorias e trazer esse

discurso sob a forma de um simulacro do discurso proferido no debate, produz uma heterogeneidade dissimulada.

Semelhante processo ocorre na sequência 23, “de todos os crimes de quadrilha”, em que o discurso derrisório orienta (“notaram???” faltou um ‘S’”) a condição do plural da palavra “quadrilha” para a sua aceitação na norma culta, quando esta permite a articulação de uma locução adjetiva que caracterize um substantivo no plural. Nesta orientação interpretativa, o sujeito-enunciador constrói uma heterogeneidade dissimulada embasada numa interincompreensão produzida a partir da construção de um simulacro que afirma a falta do “s” no enunciado.

O sujeito-produtor, tratando-se do estilo do gênero videomontagem humorística derrisória (BAKHTIN, 2003), utiliza-se da linguagem oral (“lá se foi outro ‘esse’” (figura 17)) para que se possa construir a ideia de proximidade com o internauta a fim de buscar um acordo, uma adesão ao que está sendo dito; há também a repetição do que disse Lula e, muitas vezes, a escrita de algumas palavras com alguns “erros” ortográficos, além das perguntas retóricas (“notaram???” faltou um ‘S’” (figura 18)) que aparecem na maioria dos *slides*, marcando uma suposta interlocução entre o sujeito-produtor e o espectador/internauta.

Essas associações fazem funcionar a relação entre as noções de ignorância linguística e incapacidade de bem governar o país – o que culmina em uma das últimas materializações do enunciado do sujeito-produtor (dessa vez, após toda a edição de imagens e verbalizações de E2), que evidencia os efeitos de sentido aspirados pelo discurso derrisório: “ou a gente acaba com o ‘S’ nesse país ou a gente acaba com o LULA⁴¹”. O sujeito-produtor do discurso derrisório constrói o outro/Outro (E2) a partir de um interdiscurso que associa a falta do “s” à falta de competência. Nas palavras de Baronas (2008, p.148):

Fica evidenciado na materialidade linguística um diálogo maximamente polêmico entre o suposto discurso do “eu” e o discurso do Outro. Ao “rasurar” o discurso primeiro corrigindo-o, o discurso segundo além de marcar a sua inscrição num espaço discursivo distinto daquele em que o discurso primeiro se inscreve, o desautoriza. A “rasura” [a correção] nesse caso tem um valor claramente metadiscursivo, isto é, o enunciador divide o seu enunciado em dois sublinhando para o destinatário por meio da “rasura” que o enunciado primeiro está errado, portanto precisa de

⁴¹ Discurso do sujeito-produtor (E1) inserido no último slide da videomontagem.

correção. Há um uso e uma menção sutil sobre esse uso, justamente pelo fato de o enunciador não se identificar com o uso. A menção funciona como uma espécie de discordância com o uso.

Considerando que a derrisão está na descaracterização do candidato por meio da utilização que ele faz da linguagem, não se trata de desfigurar suas propostas ou plano de governo, mas o escopo é associar incompetência linguística a uma incompetência política, uma aproximação dissimulada. Tal recurso, contudo, é trazido sutilmente para o fio do discurso. Esse discurso do Outro é que estamos tratando, hipoteticamente, como uma forma de heterogeneidade dissimulada que erige de um simulacro construído pelo sujeito-enunciador sobre o discurso produzido por Lula, visto que o discurso do enunciador sustenta-se no alhures, em algo que foi pensado antes independentemente em outro lugar. É justamente esse alhures que autoriza a descaracterização do discurso de Lula. É como se o sujeito-enunciador fosse um mero porta-voz do interdiscurso. Interdiscurso este que além de sustentar, autorizar o discurso de Lula, o protege da responsabilidade pela sua enunciação.

Cabe ainda acrescentar que, na linguagem oral, o uso de pleonasma é recorrente, pois por se tratar de uma fala não ensaiada, um discurso que não foi previamente preparado, julgamos que a ideia apenas reproduz o que mais ouvimos no senso comum “O Lula não sabe falar, é burro”⁴².

Tal raciocínio, embora veiculado e cotidianamente alimentado pela mídia, povoa o imaginário linguístico da grande maioria da população brasileira a qual considera qualquer manifestação linguística que esteja fora do que é concebido pelas gramáticas e dicionários como correta como algo feio, deturpado, deficiente, não-língua e, principalmente, como sinônimo de *atraso mental* (BARONAS, 2008, p. 149, grifo nosso).

Em *Lula o analfabeto*, o objetivo de descaracterizá-lo como iletrado é constante, como nas sequências trazidas e em outros momentos; na maior parte dos

⁴² Em uma de suas crônicas, o professor Sírio Possenti comenta: Nos extremos, estão os que o consideram um fenômeno de comunicação e os que o consideram um iletrado. Aqueles levam em conta basicamente sua capacidade de dizer convincentemente o que quer ou precisa dizer, ou seja, a eficácia de seus pronunciamentos. Estes catam pecados de concordância e de regência, sempre os mesmos, sem análise mais cuidadosa, sem considerar nem mesmo que se trata de fala, não de escrita (certamente, acrescentariam, se isso lhes ocorresse, que, no caso dele, a escrita nem está em questão...) e gafes ou erros (de história, por exemplo). (POSSENTI, Sírio. **Falas de Lula**. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2009/09/10/falas-de-lula/>>. Acesso em 7 fev 2014).

casos, é vinculada a ideia da utilização “equivocada” da língua com a burrice e ignorância de Lula. Há “um raciocínio falacioso de que escrever de acordo com a norma ortográfica de uma língua é sinônimo de inteligência” (BARONAS, 2008) socialmente aceita. É importante registrar que o fato do presidente não utilizar a norma culta da língua também vem associado a outras questões como a incompetência, a corrupção, a falsidade.

2.1.4 Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva⁴³

Com o tempo de dois minutos e cinquenta e nove segundos, a videomontagem intitulada *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* é composta por uma sequência de *slides* que se alternam e trazem imagens de diferentes momentos do ex-presidente. Sobre elas são inseridos trechos de alguns de seus discursos e/ou pronunciamentos sobre diversos temas. Tais discursos vêm acompanhados de títulos - como “*Lula Psiquiatra*” ou “*Lula Oportuno*” - situados no topo do *slide* e que atestam de maneira irônica o recorte feito pelo sujeito-produtor.

Durante sua visualização, podemos escutar uma música que auxilia na construção do sentido pretendido de horror, de espanto, de medo que juntos - imagens, som e texto - levam ao riso derrisório. A música colocada é instrumental, característica de filmes policiais que exprimem terror, suspense ou perseguição; em alguns momentos são inseridas, na música, risadas masculinas que transmitem soberba ou maldade e gritos estridentes femininos que transmitem pavor.

Lula, diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que favorece a construção de um discurso humorístico derrisório porque ele não observa seus próprios atos, é como se ele não utilizasse uma filtragem do chamado bom senso ou o que espera o senso comum de um presidente. Assim, é possível instalar a contestação e instaurar a derrisão, pois quem é vítima da derrisão geralmente “cometeu” algum ato que é considerado falho diante da sociedade; o efeito de sentido construído é, muitas vezes, consequência dos implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor (ARAÚJO, 2011).

⁴³ Data da postagem: 07/08/2006. Legenda: Dono de um linguajar e cultura singulares, Lula da Silva brilha com suas pérolas de sabedoria.

Sequência 3⁴⁴



figura 19 (00:26 – 00:28)

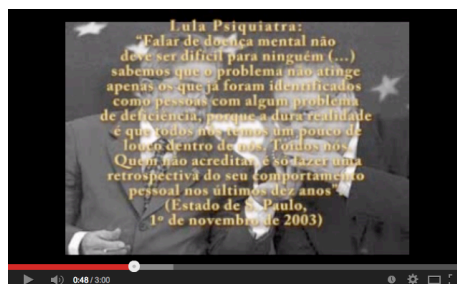


figura 20 (00:27 – 00:55)

No primeiro *slide* selecionado (figura 19), visualizamos Lula em uma imagem em preto e branco ao lado de José Dirceu, os dois trajam terno e gravata e usam óculos de grau. O presidente tem um objeto ovalado pequeno nas mãos e mostra-o a José Dirceu, que está ao seu lado como se estivesse pedindo a ele que cheire o objeto, o que seu companheiro faz; então, na imagem, vemos José Dirceu curvado para o lado direito (à esquerda do presidente) em uma posição que simula o ato de aspirar ou cheirar o objeto segurado por Lula que, supostamente, deve ter algum aroma.

A imagem sozinha, sem a sobreposição do discurso que entrará nos segundos seguintes, permanece por apenas dois segundos (00:26-00:28), desse modo, a dinâmica da videomontagem pode não permitir que o espectador observe com atenção o que estão fazendo Lula e José Dirceu, só há tempo para identificar que são os dois políticos que estão na imagem. Em seguida, é inserido o trecho de um dos discursos selecionados pelo sujeito-produtor do vídeo, mantido por vinte e oito segundos, o que possibilita sua leitura rápida. Em letras amarelas, sobre a imagem que foi descrita acima, podemos fazer a leitura do seguinte trecho:

E1: Lula Psiquiatra:

E2: “Falar de doença mental não deve ser difícil pra ninguém (...) sabemos que o problema não atinge apenas os que já foram identificados como pessoas com algum problema de deficiência, porque a dura realidade é que *todos nós temos um pouco de louco dentro de nós. Todos nós*. Quem não acreditar é só fazer uma retrospectiva do seu comportamento pessoal nos últimos dez anos. (Estado de S. Paulo, 1º de novembro de 2003) (00:27 – 00:55, grifos nossos).

⁴⁴ A numeração diz respeito ao número total das sequências da videomontagem, e não somente aquelas aqui descritas.

No primeiro momento, a imagem aparece rapidamente e sozinha, o que permite uma construção despreziosa acerca de sua inserção, já que ela e os enunciados que a completam não surgem conjuntamente, portanto, em virtude de ser a segunda imagem a ser mostrada na totalidade do vídeo, há uma possível expectativa do internauta sobre o discurso que será inserido, fato que pode não prender muito sua atenção acerca da imagem que aparece nesses primeiros segundos do trecho. Como vimos, o recorte do discurso de Lula é trazido e inserido sob a imagem, ele vem acompanhado do título que caracteriza o alvo do discurso derrisório – Lula Psiquiatra. É importante salientarmos que, enquanto visualizamos o trecho, ouvimos gritos de medo, pavor ou loucura semelhantes aos do filme *Psicose*⁴⁵.

A heterogeneidade mostrada marcada dá-se quando o sujeito-produtor recorta o discurso de Lula e traz para seu discurso – videomontagem – ao abrir as aspas. Todavia, quando ele insere esse mesmo discurso sobre a imagem de Lula e José Dirceu “cheirando” algo acompanhado de uma música de perseguição com gritos estridentes, diríamos, segundo as proposições teóricas de Maingueneau (2007), que esse movimento ocorre a partir de uma interincompreensão regrada que o sujeito-enunciador tece do discurso de Lula, o qual é alvo da descaracterização derrisória.

Assim, ele traduz o discurso de Lula a partir de suas categorias quando insere o título carregado de ironia⁴⁶ “Lula Psiquiatra”, pois é possível entender que ele objetiva afirmar que Lula não seria o médico, mas sim alguém desequilibrado e à beira da loucura, entendemos que há a irrupção da quebra de expectativa presentes nos discursos humorísticos. Desse modo, o título irônico pode funcionar como uma estratégia argumentativa muito sutil possibilitando a quebra da estabilidade discursiva esperada, possibilitando a emergência do humor (BRAIT, 1996).

Retomando a questão da heterogeneidade, a imagem de fundo pode corroborar com a produção do simulacro do discurso de Lula, pois ao colar os enunciados sobre a imagem é possível silenciar outras possibilidades interpretativas e direcionar os significados que devemos fixar da imagem. Nessa toada, pensamos que a heterogeneidade discursiva presente seria mostrada e marcada, todavia, como se trata de um Outro satírico que movimenta o discurso e faz uso dos recursos multimodais

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4KbFR-xTQuU>>. Acesso em 12 fev 2014.

⁴⁶ Aqui entendida como um discurso que “joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla decodificação, isto é, linguística e discursiva” (BRAIT, 1996, p.96).

desse novo suporte discursivo, reiteramos que se refere à construção de uma heterogeneidade dissimulada do discurso.

Em outras palavras, a materialidade linguística “todos nós temos um pouco de louco dentro de nós. Todos nós” em que Lula estaria admitindo sua própria insanidade com o uso da primeira pessoa, somada à imagem (descoberta pelo olhar no meio da leitura dos enunciados ou logo após), carrega o possível implícito de que “cheirar” algo desconhecido ou tóxico é atitude de loucura e que também mobiliza o interdiscurso sobre o uso de drogas que faz circular enunciados como: “O cara está *noiado*, louco na droga” acompanhados da música composta por gritos estridentes femininos como em um filme de terror e perseguição. Tudo isso reforça o direcionamento do olhar e dos sentidos para a construção da ideia de que Lula seria louco.

Sequência 8

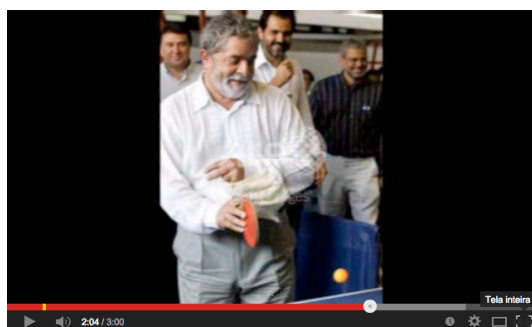


figura 21 (02:04 – 02:05)

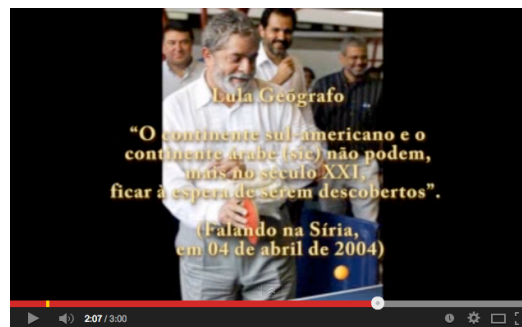


figura 22 (02:06 – 02:11)

A figura 21 pode ser visualizada por apenas um segundo; nela, notamos que Lula, usando camisa branca e calça social cinza, joga pingue-pongue, pois está com uma raquete vermelha pequena na mão direita posicionando-a como quem rebate uma bolinha próxima a uma mesa. Atrás dele, vemos três homens que sorriem para sua atitude, como se estivessem achando muito engraçada. Em seguida, há a inserção do seguinte trecho sobre a imagem:

E1: Lula Geógrafo

E2: “O continente americano e o continente árabe (sic) não podem, mais no século XXI, ficar à espera de serem descobertos”. (Falando na Síria, em 04 de abril de 2004).

Observamos que o sujeito-produtor da videomontagem ironicamente intitula o *slide* como *Lula Geógrafo*, mas, no trecho que segue, constatamos que Lula comete um equívoco quando se refere ao território árabe como um continente. O título, então, colabora para a construção do humor derrisório acerca do suposto erro de Lula, já que se espera que um geógrafo saiba quais são os continentes. Ainda para apontar esse equívoco e atribuí-lo a Lula, o produtor utiliza o (sic)⁴⁷ após a expressão “continente árabe” para, segundo nosso entendimento e baseando-nos nas proposições de Alice Krieg (1999)⁴⁸, desqualificar o alvo do discurso derrisório, uma vez que, em um primeiro momento, a função do (sic) seria de sinalizar algo estranho no discurso impresso de modo metalinguístico, entretanto, aqui, ele assume a função metadiscursiva, pois aponta um uso e um comentário sobre esse uso, ele não aponta apenas o “erro” do outro, mas o descaracteriza derrisoriamente a partir de um posicionamento do sujeito-produtor de que ele é o detentor daquela informação, daquele saber.

Em outras palavras, o (sic) vem carregado por outros sentidos que possibilitam determinados sentidos produzidos pelo conjunto dos elementos, ou seja, isoladamente a imagem não refletiria determinados dizeres acerca da figura de Lula assim como seu discurso desacompanhado do (sic) (BARONAS; KOSCIURESKI, 2006). Podemos inferir que o senso comum observa o erro de geografia do candidato à presidência e logo permite a emergência dos implícitos como os de que Lula “não estudou, é analfabeto”, quem não frequentou a escola não sabe sobre mapas e localizações, por consequência, está inapto a bem governar uma nação, assim como administrá-la. O (sic), portanto, surge como uma maneira de demarcar o dizer do outro como incongruente (diríamos “demarcar”, pois consideramos a possibilidade do leitor/espectador não notar o equívoco de Lula caso este não fosse apontado), por isso não merece crédito o dizer e, muito menos, o produtor desse dizer.

⁴⁷ Sic: segundo o dicionário eletrônico Michaelis, é um advérbio: assim. Emprega-se entre parênteses no curso de uma citação, após uma palavra ou expressão que possa parecer estranha ou errada, ou para indicar que o texto original está reproduzido exatamente. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=sic>>. Acesso em 03 abr 2014.

⁴⁸ A Profª. Alice Krieg, em seu artigo intitulado *Vacances argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême-droite contemporaine* (1999), defende a ideia de que o (sic) funcionaria como uma espécie de metaenunciação em que o enunciador não se apresenta, ele mostra que ali existe um “erro” ao retomar o dizer do outro sem se exhibir.

Quanto à imagem de fundo, que mostra Lula em um momento descontraído ou de brincadeira acompanhado da música de tensão, diríamos que ela é um dos pilares para emergência de uma heterogeneidade dissimulada. O primeiro pilar seria o próprio (sic) e o segundo a imagem que possibilita a construção do discurso de humor, pois há uma quebra de expectativa quanto às atitudes de um presidente que, trajado de camisa e calça sociais para o trabalho, joga ou brinca de pingue-pongue, fato que pode evidenciar um descompromisso com o cargo que assumiu, como quem *brinca em serviço* e está ali *a passeio*.

A partir dessa compreensão, podemos dizer que se espera que um presidente, ao visitar determinado país, saiba onde está localizado ou tenha o mínimo de informações sobre o lugar, afinal ele não viaja a passeio, não está de brincadeiras. O alvo da videomontagem é salientar a postura inadequada de Lula, postura essa incompatível com a de um governante.

Desse modo, há o apagamento de algumas possibilidades interpretativas como sabemos que Lula utiliza frequentemente analogias e metáforas tidas, muitas vezes, como simplistas e de baixo nível com o intuito de construir a imagem de um político próximo do povo.

2.1.5 Pérolas de Lula 3 – O Retorno⁴⁹

A construção composicional de *Pérolas de Lula 3 – O Retorno* é semelhante a da videomontagem analisada anteriormente, trata-se de uma sucessão de imagens com ou sem a presença do ex-presidente Lula acompanhadas da sobreposição de trechos de suas falas e pronunciamentos, supomos que essa estrutura semelhante se dê em virtude do pseudônimo do produtor ser o mesmo nas duas videomontagens (*Novas Pérolas de Lula da Silva e Pérolas de Lula 3 – O Retorno*): marcello22002. Averiguamos que o sujeito-produtor ou *YouTuber* das duas videomontagens postou outros vídeos tendo como tema principal as “pérolas” de Lula; desse modo, inferimos, tomando como base a data da postagem de alguns deles, que *Pérolas de Lula 3 – O Retorno* é o terceiro ou quarto vídeo postado sobre o tema.

⁴⁹ Postado em: 02/08/2008. Legenda: Mais uma coletânea de pérolas lulista para o deleite da platéia brasileira.

A diferença pontual entre *Novas Pérolas de Lula da Silva e Pérolas de Lula 3 – O Retorno* ocorre nos primeiros segundos desta, em que temos a inserção de uma paródia das propagandas de cartões de créditos e nos últimos segundos a inserção de uma charge e uma montagem seguidas da despedida do sujeito-produtor ao evidenciar que outros vídeos serão produzidos, já que as pérolas de Lula seriam inúmeras. Ademais, diferentemente da videomontagem anterior, notamos que os discursos recortados não têm referência, ou seja, em *Novas Pérolas* havia a indicação de algum jornal ou revista do qual foram retirados aqueles enunciados, já em *Pérolas de Lula 3* não há nenhuma referência à situação de emergência daquele discurso ou do registro de algum jornal ou revista sobre a fala transcrita. O sujeito-produtor, após a inserção do trecho, tece uma descrição da ocasião em que Lula proferiu aquele discurso; e as imagens – assim como na videomontagem anterior – também não apresentam nenhum tipo de referência ou autoria. Portanto, diferentemente da montagem antecedente, em que o produtor insere títulos para as falas de Lula, aqui ele esclarece (a partir da sua formação discursiva) o momento que cercava o candidato.

É importante salientar que, especificamente nesta videomontagem, como veremos na compilação das análises, o caso de heterogeneidade dissimulada não ocorre de modo pontual, ela é mais perspicaz. Supomos que isso se dê em virtude da imagem de Lula aparecer muito menos. O produtor recorta os seus discursos, traz para a montagem, porém as imagens de fundo, na maioria dos casos, apresentam os políticos sobre os quais Lula – no recorte – tece seu discurso.

Nos primeiros segundos, deparamo-nos com a montagem que realiza uma paródia das propagandas de cartões de crédito; em seguida, entra um *slide* com o título da videomontagem para, então, iniciar a sequência de *slides* que são compostos por imagens e trechos dos discursos de Lula sobrepostos; simultaneamente, ouvimos a música do filme *Missão Impossível*⁵⁰. A sequência que recortamos para nossa análise é a de número 7; nela, observamos, nos primeiros segundos, a imagem (figura 23) de uma manifestação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra⁵¹) a qual pudemos identificar em virtude das camisetas vermelhas usadas pelos

⁵⁰Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Missão_Impossível>. Acesso em 14 fev 2014.

⁵¹Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/10201?size=_original>. Acesso em 13 març 2014.

inúmeros participantes, assim como a bandeira também com o símbolo do movimento⁵².



figura 23 (01:14 – 01:15)

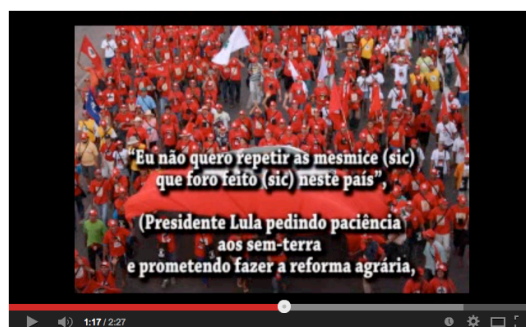


figura 24 (01:16 – 01:24)

Em seguida, sobre a imagem, é inserido um trecho do discurso de Lula e, logo abaixo, encontramos a descrição tecida pelo sujeito-produtor acerca do discurso recortado. Observemos a transcrição do *slide*:

E2: “Eu não quero repetir as mesmice (sic) que foro feito (sic) neste país”,
E1: (Presidente Lula pedindo paciência aos sem-terra e prometendo fazer a reforma agrária,

Em *Lula o analfabeto*, a questão sobre o uso da língua não padrão nos discursos de Lula já foi comentada. Em suma, diríamos que este é um tema recorrente na mídia, já que ele permite que se construa uma ponte entre o não uso da norma e a falta de competência administrativa; dizendo de outro modo, como alguém que “não” sabe falar o português “correto” poderia governar o país.

No *slide* representado pela figura 24, ao apontar os supostos “erros” cometidos por Lula acerca da norma culta, o produtor insere o (sic) para assinalar que há uma “inadequação” sobre o uso da língua e atribuir aquele “desvio” ao enunciador do discurso – Lula – e, assim, eximir-se do suposto “erro”. Em *Férias argumentativas: o uso do ‘sic’ na imprensa de extrema-direita contemporânea*, Alice Krieg (1999) pontua que o uso do (sic) não é uma simples sinalização do erro, é uma lacuna deixada pelo autor para que o leitor a preencha e atribua sentido, um modo dissimulado do sujeito enunciador eximir-se das responsabilidades sobre esse dizer,

⁵² O momento em que a foto foi tirada e onde ela pode ter sido divulgada não pôde ser recuperado com algumas pesquisas realizadas na Web.

assim há a criação de uma oportunidade para o espectador compartilhar da construção de sentido daquele discurso.

Ademais, ao apontar o suposto “erro”, o sujeito-produtor posiciona-se como superior, pois ele detém o saber e as regras da norma culta da língua, fato que marca a descaracterização do Outro sustentada pelo interdiscurso sobre o uso da língua em nossa sociedade. Igualmente, se o objetivo seria desqualificar o discurso Outro e permitir um deslizamento de sentido, é possível dizer que se trata de um (sic) derrisório. Nas palavras de Baronas e Kosciureski (2006, p.230):

No nosso entendimento, o “sic” tem no discurso político uma função derrisória, isto é, sua utilização é realizada com o objetivo de desqualificar o discurso do Outro, uma vez que essa textualização é produzida a partir de uma relação polêmica entre discursos, um embate verbal entre diferentes enunciadorees num mesmo espaço discursivo. Longe de ser apenas um advérbio que significa “tal qual”, “assim” como definem os dicionários, o “sic” no discurso político se constitui num gesto de desqualificação da palavra do Outro, numa espécie de enunciação pejorativa.

A função do (sic) derrisório é de natureza metalinguística, mas, sobretudo, de natureza metadiscursiva, já que temos um uso e um comentário derrisório sobre esse uso. O sujeito-produtor da derrisão não é contestado, pois quem sofre um comentário derrisório cometeu um erro e ele deve ser corrigido (BARONAS; KOSCIURESKI, 2006). No caso do recorte que fizemos do nosso *corpus* de análise, temos o seguinte enunciado trazido pelo sujeito-produtor e acrescido à imagem de uma manifestação do MST (figura 24): “Eu não quero repetir **as mesmice** (sic) que **foro feito** (sic) neste país”.

O primeiro (sic) refere-se à variante não-padrão utilizada na palavra *mesmice*, que não concordou com o artigo que a acompanha como rege a norma culta da língua; o segundo diz respeito, novamente, à falta de concordância, só que agora verbal, pois *foro feito*, que também apresenta um “equivoco” quanto a sua flexão, deveria concordar com *mesmices*. Desse modo, fica assinalado na materialidade linguística que o (sic) explicita, mostra a voz do outro no discurso; todavia, pensamos que não se trata de uma heterogeneidade mostrada marcada, trata-se de uma heterogeneidade dissimulada em virtude do (sic) marcar a voz do outro derrisoriamente, já que ele assinala a desqualificação que se objetiva. Além de se posicionar como uma marca do discurso do outro, ele funciona como um marcador da “tomada de posição do

enunciador citante sobre o discurso” de Lula (BARONAS; KOSCIURESKI, 2006, p.233). O sujeito-enunciador assume um posicionamento de superioridade, é ele quem conhece a norma, ele pode mostrar esse saber sobre a língua e mostrar que o dizer do outro está incoerente, inadequado, logo, o outro não merece confiança.

A heterogeneidade enunciativa do discurso vem explicitada pelo uso do (sic), o sujeito-produtor aponta a voz do outro no seu próprio discurso; contudo, quando o faz, ele traduz esse discurso sob suas próprias categorias, isto é, a partir de seu interdiscurso, o de quem se posiciona contrário a eleger Lula para presidente, já que ele faz “mau” uso da língua e, de algum modo, teria também “má” conduta administrativa. Desse modo, o (sic) surge para descaracterizar o candidato e não somente para distanciar o sujeito-produtor da fala de Lula, a união do (sic) com os demais elementos multimodais comporta que o sujeito-produtor aponte a voz do outro e traduza esse discurso sob suas categorias negativas, produzindo um simulacro do discurso outro/Outro ao explicitar a heterogeneidade que se constrói, e, desse modo, produzir uma heterogeneidade dissimulada.

É interessante observarmos também que o sujeito-produtor, ao trazer o discurso de Lula, insere o (sic) derrisório juntamente com a música que remete ao filme *Missão Impossível*, como se fosse impossível que Lula governe e se posicione adequadamente, além da introdução da imagem na qual visualizamos um momento não preciso da marcha dos sem-terra, imagem que surge para atestar que esse discurso possa ter sido realmente direcionado ao MST, já que não há nenhum tipo de referência de tempo ou espaço desse pronunciamento; o produtor logo abaixo a fala de Lula trazida por ele tece a seguinte explanação: *Presidente Lula pedindo paciência aos sem-terra e prometendo fazer a reforma agrária*.

Se olharmos com atenção para o *slide* em questão (figura 24), que tem como foco o não uso da norma culta da língua, isto é, tem como objetivo apontar os “erros” sobre as normas gramaticais acerca da concordância, notaremos que o produtor também comete duas “faltas” quanto à pontuação, pois encerra seu discurso com uma vírgula e não fecha o parênteses que abriu no início do enunciado.

Ainda nos apoiando nas teorizações de Baronas e Kosciureski (2006) sobre o (sic), podemos dizer que seu uso não tem como finalidade, somente, apontar um problema na fala ou nos propósitos de governo do candidato, uma vez que não leva em consideração a situação em que ela foi produzida (discurso de improviso, fala

espontânea ou algo ensaiado, preparado, espaços diferentes para o emprego na norma culta da língua), mas sim há a construção de uma tensão discursiva entre diferentes vozes dentro de um mesmo discurso (UM e NÃO UM) que produzem efeitos de sentido que associam um “mau” uso da língua a uma falta de competência administrativa.

2.2 Dilma adestrada: a presidenta do Lula

Dilma Vana Rousseff é a atual presidenta do Brasil e a primeira mulher a ser eleita para o cargo, sua imagem política está ligada estreitamente a do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No governo de Lula, foi Ministra de Minas e Energia e, posteriormente, da Casa Civil; a partir daí, o Partido dos Trabalhadores escolheu-a para se candidatar à Presidência da República no ano de 2010 - ela seria a “sucessora de Lula”. Após o anúncio de sua candidatura, os veículos midiáticos oficiais e não oficiais passaram a voltar seus olhares para a relação política de Lula e Dilma - um dos temas mais recorrentes durante a campanha -, o que nos permite afirmar que a presença de Lula seria constitutiva para que o ator político Dilma pudesse surgir e tomar posse do seu lugar no cenário nacional.

É o que podemos constatar quando assistimos as cinco videomontagens que serão analisadas a seguir nesta pesquisa, todas têm como alvo do discurso humorístico derrisório a então candidata às eleições de 2010 para Presidência da República. O sujeito-produtor de todas as cinco videomontagens utiliza o pseudônimo de *Exilados na Rede*, diferentemente das montagens anteriores nas quais encontramos pseudônimos diversos. Portanto, as que selecionamos sobre Dilma têm um único produtor (é o que presumimos já que encontramos apenas um pseudônimo). *Exilados na Rede* possui um canal no YouTube no qual podemos encontrar diversas videomontagens humorísticas, a maioria tem como ator principal a presidente Dilma ou o ex-presidente Lula e seus aliados.

Acrescenta-se mais algumas anotações sobre o material escolhido: são cinco episódios de seis que foram postados no YouTube, mas que não configuram uma

sequência lógico-matemática do tipo 1, 2, 3 etc., podendo ser compreendidos se vistos em momentos diferentes. *Direto ao assunto: Episódio #01 – Família; Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura; Direto ao assunto: Episódio #03 – Meio Ambiente; Direto ao assunto: Episódio #04 – Copa2010 e Direto ao assunto: Episódio #05 – Ministérios* é como foram intituladas. É possível notar a repetição da expressão “Direto ao Assunto”, a qual pensamos ser uma retomada do programa de rádio diário, na Rádio Jovem Pan, *Direto ao Assunto* do jornalista José Nêumanne Pinto⁵³, crítico do governo Lula e dos aliados do Partido dos Trabalhadores.

Outra característica comum a todas as montagens, como descreveremos mais acuradamente a seguir, é a repetição do *slide* no qual vemos a imagem de Dilma no centro de um relógio ladeado por um ponto de exclamação e outro de interrogação. Nele, é possível ler o seguinte enunciado: “Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula” e a expressão “Presidente Lula” está em destaque. Observemos a figura 25, no subitem, a seguir no qual analisamos a primeira montagem.

2.2.1 Direto ao assunto Episódio#01 – Família

A primeira das cinco videomontagens que tem como alvo do discurso humorístico derrisório⁵⁴ a atual presidente Dilma Rousseff – candidata às eleições presidenciais de 2010 – tem apenas 32 segundos. Intitulada *Direto ao Assunto: Episódio #01 – Família*, a montagem compõe uma “série” de seis episódios e seu sujeito-produtor utiliza o pseudônimo de *Exilados na Rede*. A videomontagem foi postada no dia 28 de abril de 2010, período que antecedeu às eleições e é composta por *slides* que carregam o discurso do sujeito-produtor e um trecho de uma entrevista da candidata, trazendo imagens e sons que provocam determinados efeitos de sentido acerca do tema enfocado: família.

⁵³ Disponível em: <<http://neumanne.com/novosite/categoria/direto-ao-assunto/>>. Acesso 2 abr 2014.

⁵⁴ Entendemos que a videomontagem – assim como as outras quatro que serão trazidas para a análise – são de humor porque há uma quebra de expectativa no que será mostrado; além disso, na página onde está postada, o sujeito-produtor inseriu a seguinte legenda indicando o caráter humorístico do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Família. Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações”. www.twitter.com/exilado”. Com essa observação, ele pode eximir-se de qualquer represália, característica fundamental para o discurso de humor.

O primeiro *slide* traz a imagem abaixo (figura 25) com o seguinte enunciado: “? Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula !”, enquanto o visualizamos ouvimos uma espécie de jingle em que é possível perceber um assobio e alguns instrumentos que permanecem durante todo o vídeo; em suma, podemos inferir que a música é de alguém que assobia distraidamente e de modo descontraído.



figura 25 (00:00 – 00:04)
(00:28 – 00:31)



figura 26 (00:05 – 00:10)

Em seguida, é inserida outra imagem (figura 26) que vai se formando em alguns segundos, nela visualizamos um quadro-negro ou lousa, característicos das salas de aula, com a seguinte pergunta redigida com o giz branco: “Ex-ministra do presidente Lula, qual será o nome do seu neto?”.

O sujeito-produtor, então, traz o recorte (00:12 – 00:27) de um dos momentos de Dilma em seu blog *Dilma na Web*⁵⁵ durante a pré-campanha presidencial em que foi possível enviar perguntas à candidata e ela respondia ao vivo; os internautas mandavam suas dúvidas e em seguida já podiam obter uma resposta. Na imagem seguinte (figura 27), temos Dilma no centro da mesa que era transmitida ao vivo pela internet, do seu lado direito está o coordenador da campanha de Dilma na internet Marcelo Branco e do lado esquerdo uma mulher – Helena – que assim como Marcelo recebe as perguntas⁵⁶ dos internautas. O trecho também focaliza Dilma, como podemos ver na figura 28, quando ela termina de responder supostamente à pergunta formulada e enviada pelo internauta, que é transcrita pelo sujeito-produtor da montagem em uma lousa. O trecho aqui está representado pela figura 26.

⁵⁵ Link do lançamento da pré-campanha na internet: <<http://www.youtube.com/watch?v=b7jiOBGbpZg>> e link do vídeo que o produtor recorta o discurso da candidata: <<https://www.youtube.com/watch?v=eapKzN9LZWc>> Acesso 24 març 2014.

⁵⁶ Podemos verificar pelo vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=l9uPmUIhtjg>> Acesso 24 abr 2014.

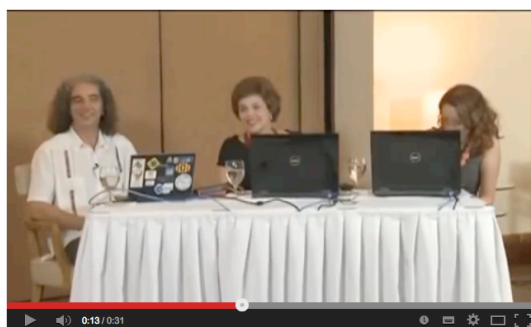


figura 27 (00:13)



figura 28 (00:18)

O discurso é iniciado pela reprodução da primeira imagem – figura 27 – e continua com a exibição da figura 28, em que Dilma “responde”:

“Olha, tinha uma...⁵⁷, uma divergência, é... (podemos observar, nesse instante, que o produtor insere uma pausa no vídeo de cinco segundos e enquanto o vídeo é pausado, ouvimos o tic-tac de um relógio que é encerrado por uma campainha que dá continuidade ao discurso de Dilma) entre os pais, um queria Pedro, outro queria Gabriel, ganhô Gabriel, então ele vai chamar Gabriel (ouvimos então palmas durante o final de sua resposta, como se Dilma, depois de confusa, tivesse acertado a resposta num jogo de perguntas e respostas, um Quizz Show).

Em seguida, o produtor insere novamente a imagem da figura 25 e a videomontagem é finalizada. Diante do exposto, podemos dizer que os recursos de edição utilizados colaboram para a construção do simulacro do discurso de Dilma e permitem que se construam determinados efeitos de sentido.

A resposta que Dilma supostamente dá para pergunta do quadro-negro – pergunta que inferimos ter sido elaborada e enviada por um internauta, e “transmitida” pelo sujeito-produtor –, é editada com uma pausa, fato que possibilita a emergência de alguns implícitos tais como: “quem demora para responder é porque não se lembra”, “uma avó atenciosa jamais esqueceria o nome de seu (primeiro) neto”, “a candidata está com dificuldades para responder rapidamente à pergunta do internauta, será que está preparada para assumir um cargo tão importante?”, é sedimentada a possibilidade interpretativa de que Dilma não saiba ou não se lembre do nome do seu neto, por isso “demora” para responder à pergunta.

⁵⁷ As reticências usadas na transcrição representam uma pausa breve na fala.

É possível entender que o produtor, ao utilizar a pausa, traduz o discurso do outro (Dilma) que é trazido para o vídeo (entendemos discurso do Mesmo) sob suas categorias, a partir do seu interdiscurso, ele permite que a voz da candidata apareça; entretanto, com o uso dos recursos de edição, permite a construção de algumas possibilidades interpretativas sustentadas por implícitos, havendo, assim, uma tentativa de apagamento do discurso outro e outras interpretações passam a não existir, como as de que Dilma é uma ótima mãe e boa avó, dedicou-se sempre a família como irá dedicar-se ao país. Igualmente, é possível pensarmos em uma relativa simulação do que foi dito originalmente para produzir determinados efeitos de sentido e assim corroborar com ideias de que Dilma não poderia ser a “Mãe do Povo”⁵⁸.

Em suma, diríamos que uma das possibilidades interpretativas construídas é a de que se Dilma não se lembra do nome de seu próprio neto, não tem cuidado com a família, não terá cuidado com o país, o povo. E, como será possível notar nas demais videomontagens, um dos objetivos do sujeito-produtor é motivar o sentido em torno da ideia de que Dilma não consegue responder de improviso ou até espontaneamente nenhum tipo de pergunta, pois ela é sempre treinada, ensaiada por Lula. Haja vista o enunciado do primeiro *slide* no qual o sujeito-produtor denomina a candidata Dilma como *Ex-ministra do presidente Lula* e assim segue durante toda a montagem, ela é sempre denominada como *ex-ministra do Lula*, como se entre esses dois atores políticos houvesse uma relação intrínseca e de sobrevivência para Dilma no âmbito político.

⁵⁸ O epíteto “Mãe do Povo” foi uma estratégia para mostrar o bom plano de governo com forte apelo emocional, apresenta grande força no imaginário social já que não estabelece relação de enfrentamento homem-mulher, afinal homem não disputa com a mãe, fato que poderia dotar Dilma de carisma (PIRES, 2011).

2.2.2 Direto ao assunto Episódio#02 – Literatura

Intitulada *Direto ao Assunto: Episódio #02 – Literatura*, a segunda videomontagem compõem a “série” de seis episódios do produtor que utiliza o pseudônimo de *Exilados na Rede*, tem 52 segundos de duração. O vídeo, postado no dia 29 de abril de 2010, período que antecedeu às eleições, também tem como alvo principal do discurso humorístico derrisório⁵⁹ o ator político Dilma Rousseff. É composta por *slides* que carregam o discurso do produtor da videomontagem, trechos de uma entrevista da candidata em seu blog durante sua pré-candidatura⁶⁰ e, de maneira simultânea, pela inserção de imagens e sons que constroem determinados efeitos de sentido sobre o discurso da candidata.

Como já comentamos anteriormente, a figura 29 mostra um *slide* (representado anteriormente também pela figura 24) que se repete nas demais videomontagens da série; nela, encontramos: “? *Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula!*”, enquanto o visualizamos, ouvimos uma espécie de jingle em que é possível perceber um assobio e alguns instrumentos; em suma, podemos inferir que a música é de alguém que assobia distraidamente e de modo descontraído:



figura 29 (00:04 – 00:14)



figura 30 (00:05 – 00:10)

Em seguida, é inserida outra imagem (figura 30) que vai se formando em alguns segundos, nela visualizamos um quadro-negro ou lousa, típicos das salas de aula, com a seguinte pergunta redigida com o giz branco: “Ex-ministra do presidente Lula, quais são os seus livros preferidos?”. O produtor, então, traz o recorte de sua

⁵⁹ Legenda do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Literatura – Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. www.twitter.com/exilado”.

⁶⁰ Link da entrevista: <<http://www.youtube.com/watch?v=eapKzN9LZWc>>. Acesso 24 abr 2014.

entrevista ao vivo pela internet – entrevista transmitida pelo seu blog durante a pré-campanha. Como dito anteriormente, sendo as perguntas eram feitas ao vivo e respondidas simultaneamente, a atual presidente “responde”: “Bom...⁶¹, livros, né..., eu estou lendo um livro que está me fugindo... tentei falar um pouco sobre a novela pra ver se eu lembrava o nome do livro...”.

Enquanto Dilma fala, a câmera mostra as pessoas ao seu lado e a movimentação de uma delas que sai de trás da câmera e se aproxima da mulher de óculos que está ao lado da candidata, como podemos visualizar na figura 31. Dada a proximidade com que a mulher se aproxima da outra, supomos que ela esteja falando algo em voz baixa; o sujeito-produtor insere, então, uma flecha vermelha que pisca apontando para a mulher de óculos sentada enquanto, ao mesmo tempo, ouvimos uma sirene.



figura 31 (00:15 - 00:16)



figura 32 (00:21 – 00:24)



figura 33 (00:24 – 00:43)

⁶¹ Reiteramos que as reticências usadas na transcrição representam uma pausa na fala.

A candidata continua (figura 32): “...e não lembro...do Sándor Márai⁶², o livro chama, as, as, as brasas, isso mesmo, as brasas...”. Nesse trecho da videomontagem, há a inserção de três imagens no rodapé do vídeo que geralmente aparecem em programas de perguntas e respostas (figura 32 e 33), os denominados *Quizz show* em que o candidato tem de responder corretamente às perguntas para ganhar prêmios, auxiliado por pequenas ajudas ao longo do programa para conseguir responder. As três imagens, representadas pelas figuras 32 e 33, representam essa ajuda a qual o candidato pode solicitar: ajuda “das cartas, dos convidados ou das placas”, mais especificamente, referências ao formato do *Show do Milhão*⁶³.

Observamos que o terceiro ícone – placas – está assinalado com um X (figura 32), como se naquele momento ela tivesse utilizado da sugestão da plateia (com as placas) para “lembrar” do nome do autor do livro. Podemos inferir que se trata de um efeito de sentido criado pela inserção da placa assinalada, pois Dilma, um segundo antes do sujeito-produtor assinalar a terceira opção, olha para a plateia com atenção, fato que nos permite supor que a opção é assinalada porque nesse jogo Dilma já fez uso de uma das suas três opções ao voltar seu olhar para a plateia.

Os três ícones desaparecem para, segundos após, essas imagens voltarem e o segundo ícone – o dos convidados - ser assinalado com um X, isto é, Dilma teria pedido ajuda aos convidados. Ideia que corrobora com a ação da candidata em se voltar para o seu lado esquerdo, onde está sentada a mulher de óculos (Helena) que conversa com uma outra pessoa que se aproximou, indicada pela flecha vermelha na

⁶² MÁRAI, Sándor. **As Brasas**. Trad. Rosa Freire de Aguiar. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 176 p. Do húngaro Sandro Márai, “é um romance sobre a amizade, a paixão amorosa e a honra. Conta a história de dois homens que não se veem há 41 anos. Foram amigos inseparáveis na infância, mas um dia, em 1899, um deles desapareceu. Algo muito grave aconteceu naquele dia, e é esse o enigma que agora, já no fim da vida, eles vão decifrar. Move-se entre os dois, o fantasma de Kriztina, por quem eles travarão um duelo que se inicia como um civilizado jogo de esgrima, mas logo se torna uma luta árdua, embora os duelistas só disponham de uma arma: as palavras”. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11148>>. Acesso em: 20 de maio de 2012.

⁶³ *Show do Milhão* foi um programa de televisão brasileiro de perguntas e respostas, que concedia um prêmio máximo de 1 milhão de reais. A atração era exibida pelo SBT e apresentada por Silvio Santos. Alcançou grande sucesso de audiência no primeiro período em que esteve no ar, entre 1999 e 2003. O candidato contava com 4 tipos de ajuda: **Universitários** (no caso, da videomontagem: convidados) – três estudantes de diversas faculdades davam suas respostas à pergunta e cabia ao participante confiar ou não; as **Placas** – uma pequena plateia levantava placas referentes à alternativa correta. Por exemplo, para a terceira alternativa, levantavam a placa de número 3; as **Cartas** – quatro cartas de baralho eram viradas e o participante escolhia uma. Se tirasse o *Rei*, nenhuma alternativa errada era eliminada. *As* elimina uma alternativa, *2* elimina duas alternativas e *3* elimina todas as três alternativas erradas, restando apenas a correta e, por fim, os **Pulos** – o participante poderia “pular” a pergunta caso não soubesse a resposta. Poderia utilizar deste recurso até três vezes. Na pergunta final, nenhuma das ajudas poderia ser usada. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Show_do_Milhão> Acesso em 24 de abr de 2014.

figura 31. É possível supor que essa terceira pessoa passa a informação para Helena, a qual transmite a Dilma; fato que é confirmado porque podemos ouvir Helena dizer “brasas” (portanto, Helena e a terceira pessoa seriam os convidados que “sopram” para Dilma o nome do livro) e a candidata continua:

“as, as... as brasas...é isso mesmo, as brasas (*as três opções de ajuda são retiradas*) ...é talvez uma das... (*há uma pausa na fala de 4 segundos acompanhada da inserção do tic-tac de um relógio e quando a imagem “volta”, ouvimos uma campainha*) assim, me impactou muito, eu conclui ele ontem a noite rapidinho porque eu consigo lê no domingo...”.

Entram palmas e aparece novamente o *slide* do início da videomontagem já descrito (figura 29). Após assistirmos a montagem, notamos que o discurso humorístico possibilita a construção de sentido em torno da ideia de que a candidata à presidência não leu o livro que cita na entrevista, pois uma terceira pessoa teria se aproximado para supostamente dizer, “soprar” o nome de uma determinada obra para Dilma; fato que vem sustentado por um *imaginário social* (CHARAUDEAU, 2008) sobre a leitura, de que o verdadeiro leitor lembra-se do que leu ou deve lembrar-se do que leu.

Desse modo, ao trazer para o seu discurso o discurso outro, o sujeito-enunciador permite que esse discurso seja demarcado, ou seja, traduzido a partir de suas categorias, de seu interdiscurso, e para que esse mecanismo de construção da heterogeneidade dissimulada do discurso se dê, o produtor lança mão de recursos da multimodalidade como a inserção das três imagens: o som do relógio, da campainha e a pausa.

Deparamo-nos com a emergência de um discurso que atesta que se ela não se lembra é porque não leu (logo, ela mente na entrevista e, como todo político, é mentirosa), permitindo a emergência de alguns implícitos, tais como a ideia de que “quem não lê, não é inteligente, não é intelectual e, por isso, não tem competência para bem governar o país”. Dilma, assim como Lula, seria analfabeta por não estar lendo um livro, seria uma não leitora, votar em uma não leitora seria promover a burrice, pois quem não lê é burro. Porém, ler em si, não torna ninguém melhor e não compila valores como sabedoria, competência ou honestidade, assim relacionar leitura

com inteligência, com competência, com grau de formação elevado é um equívoco (BRITTO, 2003).

Logo, ler pode ser sinônimo de intelectualidade e inteligência, estar lendo um livro sempre, fazer da leitura um hábito diário e rotineiro em que se deve ler muitos e bons livros é parte do que encontramos no imaginário social sobre a leitura no Brasil. De tal modo que nunca se pode dizer que "não se está lendo um livro", é possível entender que a candidata Dilma não estaria autorizada a dizer que não está lendo algo, isto porque há um discurso pedagógico e acadêmico de que ler precisa se tornar um costume, que as crianças e os jovens de hoje não têm o hábito da leitura, e hábito traduz-se simplesmente, segundo esse discurso, como a ininterrupção da leitura, do sempre estar lendo algo.

Estar lendo um livro seria estar continuamente em contato com eles, há uma ideia cristalizada de que erudito é aquele que acumula livros como “símbolos de sucesso intelectual”, aquele que tem livros abertos e espalhados pela casa é inteligente, pois, estaria lidando frequentemente com o avanço das ciências e das artes, concepção de representação da leitura dos séculos XIX e XX que ainda permanecem (ABREU, 2001, p. 148). Contudo, essa concepção de que um bom leitor deve estar rodeado de livros é relativamente recente já que, durante alguns séculos, a quantidade de obras disponíveis era pequena, seu preço alto e o livro era algo sagrado, lido e relido por poucos (ABREU, 2011).

Assim como Dilma não estaria autorizada a dizer que não está lendo um livro, ela também não poderia ler “qualquer” livro, haja vista que alguns tipos de leitura são mais valorizados que outras, como naquelas célebres listas divulgadas em jornais e revistas e os envolvidos na sua elaboração realmente acreditam que ninguém pode deixar de ler (ABREU, 2006). Assim, os discursos convencionais sobre leitura propagam o conceito de que existem leitores de segunda categoria que não se utilizam da norma culta da língua e não leem as obras indicadas, por isso podem ser considerados até como cidadãos de segunda categoria (ABREU, 2001).

Uma leitura fácil seria menos produtiva, portanto, pessoas realmente inteligentes, leem textos mais difíceis; isto porque os livros que lemos e as opiniões que propagamos sobre eles compõem parte de nossa imagem social (ABREU, 2006); portanto, o romance que Dilma declara ter finalizado a leitura: “as brasas...eu conclui ele ontem a noite rapidinho porque eu consigo lê no domingo...”, *As Brasas* de Sándor

Márai é um romance sobre amizade, amor e honra que, de alguma maneira, poderia contribuir para a imagem que Dilma quer edificar nesse momento de pré-campanha sustentando-se no imaginário social sobre a representação da leitura em nosso país, ou seja, o romance pode ter sido selecionado a partir do que se espera de uma candidata à presidência.

Outra possibilidade interpretativa que se sustenta no interdiscurso do sujeito-produtor é a de que devemos sempre nos lembrar dos livros que lemos, todavia, a leitura, segundo Bayard (2007), está constitutivamente ligada ao movimento do esquecimento. Quando iniciamos a leitura já começamos também a esquecer o que estamos lendo, ela vai desaparecendo de maneira simultânea ao ato de ler e, assim, vamos nos tornando não leitores. Por conseguinte, esse apagamento é o processo de desleitura que pode atingir todos os componentes do livro. O leitor, como nos conduz o *imaginário social*, deve ser um exemplo, já que ele é tido como símbolo de inteligência e cultura; além disso, ele deve sempre se lembrar do que leu, ainda mais quando pretende ocupar o cargo de maior liderança do país, a presidência da República.

2.2.3 Direto ao assunto Episódio#03 – Meio Ambiente

Quanto à construção composicional, a videomontagem intitulada *Direto ao assunto Episódio#03 – Meio Ambiente* é composta por recortes de diferentes momentos da então candidata, isto é, pequenos vídeos que são intercalados por *slides* elaborados pelo sujeito-produtor acompanhados ou não de música, além da inserção de sons e figuras nas imagens retiradas dos vídeos. Como as demais da série, apresenta som, imagem e materialidade discursiva acopladas a características de sua multimodalidade e de um gênero mais específico: videomontagens de humor.

Postada no ano eleitoral de 2010 no dia 04 de maio, tem como alvo principal do discurso humorístico derrisório⁶⁴ a então candidata à presidência da República Dilma Rousseff. Trata-se do terceiro episódio de seis da série *Direto ao Assunto* de um suposto produtor-editor que utiliza o pseudônimo de *Exilados na Rede*. A videomontagem começa com um trecho de uma entrevista de Dilma em seu blog

⁶⁴ Legenda do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Meio Ambiente – Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. www.twitter.com/exilado”.

durante a pré-campanha eleitoral⁶⁵, a candidata cumprimenta os internautas e pergunta para onde deve olhar, (figura 34):

E6⁶⁶: Oi, eu falo pra onde? Pra lá? (E aponta, figura 34).

E7: Pra aquela câmera.



figura 34 (00:00 - 00:08)



figura 35 (00:09 – 00:14)

Em seguida, temos a inserção do *slide* (figura 35) comum nas demais videomontagens, ouvimos um jingle, uma música com alguém que assobia de modo descontraído e observamos o enunciado: E1: “!Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula?”.

Logo após visualizarmos o *slide* representado pela figura 35, é inserido o trecho do mesmo vídeo do início da videomontagem em que Dilma responde a perguntas de internautas em um “bate-papo” ou entrevista produzida ao vivo em seu blog durante a pré-campanha presidencial. Nesse vídeo, ela encontra-se sentada em frente a uma mesa com toalha branca e um computador, do seu lado direito está um homem de cabelos longos que também tem um computador na mesa, ele é Marcelo Branco, nomeado pelo partido como coordenador da campanha de Dilma na internet e, do lado esquerdo, vemos uma mulher com outro computador e que lê a pergunta dos internautas para Dilma. Vejamos a figura 36, que exemplifica um trecho do vídeo e, em seguida, a transcrição da fala da então candidata e da mulher que lê a pergunta (figura 36):

⁶⁵ Link da entrevista: <<http://www.youtube.com/watch?v=eapKzN9LZWc>> Acesso em 24 abr 2014.

⁶⁶ E1: Sujeito-enunciador;

E7: Marcelo Branco sentado do lado direito de Dilma;

E8: Mulher sentada ao lado esquerdo de Dilma – Helena;

E6: Dilma Rousseff.



figura 36 (00:15 - 00:40)



figura 37 (00:41 – 00:52)

E8: Chegou aqui uma mensagem da Lara Sales do interior da Paraíba, de 16 anos e ela “tá” preocupada com o desmatamento da Amazônia. Todos nós, não é Ministra?

E6: Faz muito bem, viu, é uma coisa muito boa, viu, Lara (ministra fala e pega a folha onde supostamente está a mensagem e continua) porque é algo que a gente tem que se preocupar, de fato, nós inclusive lá em Copenhague⁶⁷ fomos os que tiveram oposição, eu acho que em termos da mudança do clima mais consequente ...

A fala da candidata é interrompida e entra uma tela com chuviscos que por um segundo para; então, o sujeito-enunciador insere um recorte da fala de Dilma em Copenhague (figura 37):

E6: ...o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável e isto significa que é uma ameaça para o futuro do nosso planeta e dos nossos países...

Como plano de fundo, temos o mesmo jingle do primeiro *slide*, um assobio com tom de descontração. *Slide* este (figura 35) que também é inserido após esse pequeno recorte do discurso de Dilma para finalizar a videomontagem.

É possível notar que o seu sujeito-produtor traz para o seu discurso, o discurso do outro (Dilma) e no fio do seu próprio discurso, ao provocar a junção de dois momentos distintos e que, de certo modo, se contradizem, permite a emergência de

⁶⁷ A Convenção de Copenhague aconteceu em Copenhague, na Dinamarca, entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009. É o décimo quinto encontro realizado pelos países signatários da Convenção macro sobre Mudança Climática, acordo firmado durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, que estabeleceu diretrizes para uma coordenação internacional contra o aquecimento global. O objetivo deste encontro é negociar, redigir e aprovar os termos da segunda parte do Protocolo de Kyoto – a primeira foi elaborada e definida em 1997, entrou em vigor em 2005 e expirou em 2012. Essa continuidade do Protocolo estabeleceria novas metas de redução da emissão de gases de efeito estufa a serem cumpridas a partir de 2013 ou 2014. Fonte: <<http://veja.abril.com.br/perguntas-respostas/convencao-clima-copenhague.shtml>> Acesso em: 13 julh 2011.

outras possibilidades interpretativas que produzem efeitos de sentidos acerca da imagem da candidata. De maneira sucinta, o produtor tenta repassar a ideia de que no discurso de Dilma há algum problema ao recortar dois momentos distintos de seus discursos.

No primeiro (figura 36), ela afirma a importância do governo em se preocupar com o desmatamento da Amazônia e o aquecimento global: “é algo que a gente tem que se preocupar, de fato, nós inclusive lá em Copenhague fomos os que tiveram oposição, eu acho que em termos da mudança do clima mais consequente ...”, contudo, no segundo recorte inserido que traz parte do discurso da ministra na Convenção de Copenhague (figura 37), ela elabora um enunciado contraditório: “...**o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável** e isto significa que é uma ameaça para o futuro do nosso planeta e dos nossos países...”. Essa maneira de organizar a sequência dos recortes resulta em possíveis efeitos de sentido porque pode fazer emergir a ideia como a de que Dilma possa ser uma pessoa incoerente ou desatenta e, portanto, não tenha habilidades para bem governar o país.

É possível entender que são estabelecidas relações de poder (FOUCAULT, 1995) concretizadas por meio do discurso de Dilma Rousseff em Copenhague, momento em que é recortado e trazido para a montagem que busca descaracterizá-la como pessoa coerente. Há uma ação que age sobre a ação do outro, que seria a produção da videomontagem com o movimento de recorte para trazer o enunciado: “... **o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável...**” que logicamente se contradiz. Assim, inferimos que esta seja a ação sobre a ação do outro, isto é, utilizar a falha ou até mesmo produzi-la para estabelecer uma relação de poder sobre Dilma. De maneira sucinta, diríamos que a ação do produtor (que pode representar o partido de oposição ou até mesmo o povo) seria a construção da videomontagem e a ação de Dilma utilizada por ele seria o discurso em Copenhague (ARAÚJO, 2012).

O que permitiu a produção da videomontagem são as diferenças político-partidárias que pensamos existir, já que observamos o embate que se quer construir. Em virtude desse fato, os tipos de objetivos podem ser diferentes, pois o produtor quer denegrir a imagem da candidata enquanto ela, em sua primeira fala, por exemplo, quer se mostrar pronta e consciente para assumir o cargo, observemos o

enunciado: “...Faz muito bem, viu, é uma coisa muito boa, viu, Lara porque é algo que **a gente tem que se preocupar**, de fato, **nós** inclusive lá em Copenhague fomos os que **tiveram oposição**, eu acho que **em termos da mudança do clima mais consequente...**” (ARAUJO, 2012).

Outra questão é o fato da montagem ter sido abrigada no YouTube, um *site* que é de fácil acesso e abarca um número ilimitado de cidadãos, além de ser um meio de divulgação midiático usado por muitos políticos como propaganda de suas candidaturas. Ao mesmo tempo, o YouTube tornou-se ferramenta para os eleitores que podem ver, fazer e postar vídeos apoiando ou se opondo aos candidatos os quais são aliados ou não (BURGUESS, 2009).

O que se pode constatar é uma modificação nas formas de institucionalização que estão sendo substituídas por mecanismos mais complexos, haja vista que os comícios foram abolidos e as informações rápidas ocupam esse lugar, utilizando o ciberespaço. Ao entrar nesse campo da cibercultura, as videomontagens podem ser vistas como “um dispositivo fechado sobre si mesmo com seus lugares específicos, seus regulamentos próprios, suas estruturas hierárquicas cuidadosamente traçadas, e uma relativa autonomia funcional” (FOUCAULT, 1995, p.246).

Há a produção de uma chamada verdade política que, aqui, essa verdade pode ser entendida como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1999b, p. 13), logo, há uma suposta verdade sobre Dilma que deve ser dita. O sujeito-produtor possibilita a construção de um saber em torno da figura da candidata já que o saber é produzido quando a verdade toma forma e se impõe sobre as normas do conhecimento, ou seja, ele utiliza certos procedimentos que legitimam o saber produzido como sendo verdadeiro (FOUCAULT, 1999b). Pois, segundo as bases de processo do saber, quando os internautas assistem as videomontagens e dão risada, acham graça ou tem alguma reação positiva, passam a compactuar com o produtor da videomontagem e concordam com o acontecimento notório e reconhecem-no como prova de um poder/saber (FOUCAULT, 1999a), mediante o estabelecimento e a generalização de um procedimento, a produção da videomontagem seria a produção de um acontecimento da verdade, nas palavras de Foucault: “...a produção da verdade tomou a forma da produção de fenômenos constatáveis por todo sujeito do conhecimento” (FOUCAULT, 1999a, p.117).

Assim como na videomontagem *Lula o analfabeto*, em que o enfoque está na elisão da letra “s”, na falta do plural e no suposto equívoco sobre o uso da norma culta de língua e não no plano de governo ou nas propostas e ideias que podem ter sido apresentadas, em *Direto ao assunto Episódio#03 – Meio Ambiente* procede algo semelhante, já que é evidenciado o enunciado contraditório proferido pela ministra e não é focalizada a ação do Brasil na Convenção em Copenhague.

Outro ponto direcionador do nosso olhar para essa constatação de que Dilma seria incoerente e, por isso, incapaz de governar, são os recursos como som – o assobio que reverbera para uma determinada memória acerca do seu uso, isto é, o descompromisso – e a imagem (figura 37), a qual apresenta um ponto de interrogação logo acima da cabeça do homem sentado do seu lado direito, o que nos permite interpretar que esse senhor também não teria entendido o enunciado contraditório da ministra.

Em suma, as materialidades multimodais acopladas de maneira simultânea na produção de sentido do discurso da videomontagem (jogo de imagem, enunciados e som) colaboram para a construção do simulacro do discurso de Dilma, que é trazido para o discurso da videomontagem por meio de uma *interincompreensão regrada* que se faz da sua imagem como candidata a partir das categorias do sujeito-produtor da montagem. Essa voz do Outro/outro, Dilma no discurso do Eu/sujeito-produtor traduzida em forma de simulacro é característica da heterogeneidade dissimulada do discurso.

Dizendo de outro modo, o trecho não apresenta uma negociação em que o discurso do “Eu” delimita ou denega o discurso do Outro como no processo de negociação entre a heterogeneidade constitutiva e mostrada, mas o que ocorre é uma tentativa de apagamento desse discurso do Outro/outro por meio dos recursos multimodais acrescentados, tais como: o assobio, a tela com chuviscos, o ponto de interrogação acima da cabeça do homem sentado do lado direito de Dilma e a própria inserção/justaposição dos dois recortes - daí a proposição de uma heterogeneidade dissimulada.

Esse processo de apagamento, contudo, se dá legitimado pelo interdiscurso de que Dilma Rousseff, *ex-ministra do presidente Lula*, como diz o primeiro e o último *slides*, não tem competência para bem governar, assim como o então presidente Lula. O sujeito-produtor refere-se a Dilma como a *ex-ministra do Presidente Lula*, e não

como Dilma Rousseff “candidata” ou outro sinônimo que a predique ao cargo em questão. Há aqui semanticamente a construção de um sentido outro, aquele de que Dilma não teria competência ou não seria apta a ocupar um cargo de presidência. Existe, nesse trajeto de sentido criado, um apagamento do traço semântico “competência”, que se supõe ser necessário a um futuro presidente(a) da República, algo que a montagem deixa subentendido faltar em Dilma.

Cabe ressaltar que os discursos de momentos distintos são postos numa sequência do discurso do produtor, os quais permitem a construção de uma *polêmica como interincompreensão regrada* (MAINGUENEAU, 2007), visto que é o sujeito-produtor quem constrói o seu discurso ao tomar o discurso do outro – Dilma – e, ao mesmo tempo, evidenciar o suposto equívoco naquele discurso Outro/outro que não é dele. Portanto, ao tomar esse discurso por meio da sua formação discursiva, ele possibilita a criação de um *simulacro* do discurso do Mesmo e levanta uma relação de polêmica. “Esses enunciados do Outro só são ‘compreendidos’ no interior do fechamento semântico do intérprete [...], o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele” (MAINGUENEAU, 2007, p.103).

2.2.4 Direto ao assunto Episódio#04 – Copa 2010

Direto ao Assunto: Episódio #04 - Copa 2010 é o quarto episódio⁶⁸ dos cinco que foram selecionados para o *corpus* de análise desta pesquisa. O sujeito cujo pseudônimo é *Exilados na Rede* postou seis videomontagens enumeradas, entretanto, se vistas separadamente, podem ser compreendidas. O tempo de duração da montagem em questão é de um minuto e dezessete segundos. Foi postada no dia 13 de maio de 2010 e, assim como as outras videomontagens analisadas, tem como alvo principal do discurso humorístico derrisório a então candidata à presidência da República Dilma Rousseff.

O primeiro momento é composto por um trecho de um vídeo que mostra um homem pedindo à candidata que cumprimente os internautas (figura 38); em seguida,

⁶⁸ Legenda da videomontagem: Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje - Copa do Mundo. Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. www.twitter.com/exilado.

é inserido outro trecho de outro vídeo em que há a apresentação de uma foca em um parque aquático (figura 39). Abaixo, há as duas imagens congeladas dos respectivos vídeos com a transcrição das falas do primeiro.



figura 38 (00:02 - 00:08)

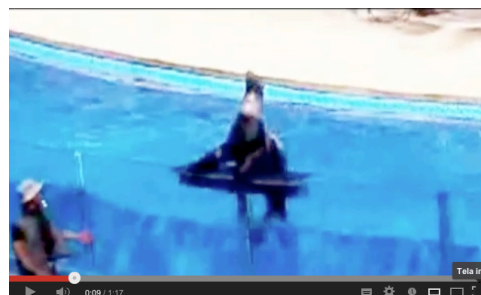


figura 39 (00:09 – 00:11)

E9⁶⁹: *(O homem que observamos no vídeo profere uma frase como quem pede algo a Dilma, porém não é possível entender com clareza o que ele diz, só podemos inferir que ele pede a ela que fale para a câmera).*

E2: Daqui a pouquinho, tá?

E9: Só um cumprimento, um cumprimento só, só um cumprimento...

E6: Tá bom, “Oi!” Assim? *(sorrindo)*

E9: Isso! “Oi!”, Dra. Dilma Rousseff...

E6: Oi! *(sorrindo)*

E10: Oi!

Na visualização do segundo vídeo (figura 39), composto por uma foca exibindo em um show toda sua perspicácia de adestramento, acompanhada de seu adestrador, em uma apresentação no que supomos ser um parque aquático, ouvimos uma música alegre, típica de apresentações circenses - esse segundo trecho tem a duração de apenas três segundos. Após a inserção desses dois recortes, entra um *slide* (figura 40), comum nas demais videomontagens da série criada pelo sujeito-produtor, com o enunciado: “?Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula!”.

⁶⁹ E9: O homem que conversa com Dilma;

E6: Dilma Rousseff;

E10: Sujeito com a câmera que filma o vídeo/o momento.



figura 40 (00:12 - 00:16)



figura 41 (00:17 - 00:23)

O *slide* seguinte (figura 41) apresenta um quadro-negro de sala de aula e a seguinte questão é redigida: “Ex-ministra, qual a sua opinião para a lista de convocados para a Copa de 2010?”; ao fundo desse *slide* toca o famoso samba de Luiz Bandeira, “Na cadência do samba”⁷⁰, eternizado no programa Canal 100, um cinejornal dedicado a documentar os grandes momentos do futebol brasileiro. Logo após, há a inserção de uma fala da candidata (representada pelo congelamento da imagem – figura 42) em um momento no qual supomos ser de uma entrevista coletiva em virtude do cenário que se apresenta. A candidata, então, responde à “pergunta” do quadro-negro:

E6: No meu...⁷¹ no meu chinelo da minha humildade⁷², eu gostaria de muito de ver o Neymar e o Ganso porque eu acho que... (*pausa produzida pela edição acompanhada do som de um carro sendo ligado e, em seguida, uma campainha “plim”*) é onze entre dez brasileiros gostariam, porque veio, deu alegria ao futebol, porque a gente ... eu vi, você veja... eu já vi, parei de ver, voltei a ver e acho que o Neymar e o Ganso tem essa capacidade de fazer a gente olhar.

Como já pontuamos na transcrição, durante a fala de Dilma, há o uso de recursos, como pausa e inserção de sons, como no momento em que ela supostamente

⁷⁰ Apenas um trecho pode ser ouvido na videomontagem e para comprovarmos nossa hipótese de que se trata da música do famoso Luis Bandeira “Na cadência do samba” também conhecido como “Que bonito é”, acessamos, no dia 24 de março de 2014, o link a seguir em que é possível ouvirmos a música tema do Canal 100 de esportes na íntegra: <<http://www.youtube.com/watch?v=vw8-B9cyJxg>> Acesso em 26 de març de 2014: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Na_Cadência_do_Samba>.

⁷¹ As reticências foram inseridas para representar uma rápida pausa na fala da candidata, produzida por ela mesma, elas não representam as pausas produzidas pelo sujeito-enunciador por meio dos recursos de edição.

⁷² Aqui, Dilma refere-se às “Sandálias (ou chinelo) da humildade”, expressão criada pelo programa humorístico “Pânico na TV” para “homenagear” as celebridades mais esnobes em virtude de algumas terem sido antipáticas com seus dois principais repórteres. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pânico_na_TV> . Acesso em 27 de març de 2014.

daria uma pausa em sua fala – supostamente, pois a pausa é fruto da edição produzida pelo sujeito-produtor da videomontagem – e é colocado o som de um carro ligando com dificuldades, seguido de uma campainha.

Na sequência, há a interrupção do vídeo para a inserção do *slide* (figura 43) com a forma de uma bandeira ao vento, flamejando, e carrega em seu centro a imagem de uma estrela alaranjada, como fundo de cenário, acompanhado de uma música, que se parece bastante com o som do hino *A internacional*, amplamente difundido entre os simpatizantes socialistas em todo o mundo.



figura 42 (00: 24 – 00:51)

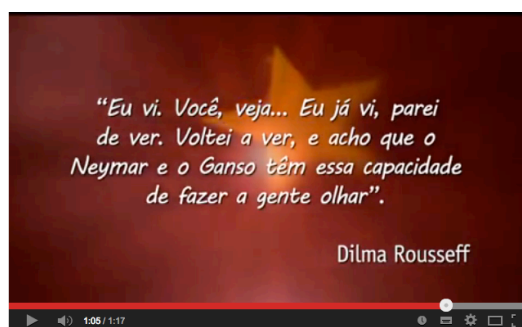


figura 43 (01:05)

Além disso, há um narrador que lê os seguintes enunciados, que vão sendo mostrados e sobrepostos a essa imagem da estrela:

E11⁷³: “Eu vi. Você, veja... Eu já vi, parei de ver. Voltei a ver, e acho que o Neymar e o Ganso têm essa capacidade fazer a gente olhar”. Dilma Rousseff

Notamos que esses enunciados são a reprodução do que disse Dilma no vídeo que os antecede, eles são seguidos pela “assinatura” “Dilma Rousseff”. A seguir, temos o *slide* do início da videomontagem (figura 40) e, na sequência, para finalizar, mais um trecho do primeiro momento, todavia, agora, Dilma despede-se e o vídeo é encerrado com a foca da primeira sequência, também se despedindo.

A primeira e a última sequência dos vídeos (figuras 38 e 39) decantam uma possibilidade de interpretação de que a candidata, tal qual uma foca amestrada, só obedece, condicionadamente, a seu treinador e o repete em seus comandos, inclusive em seus “erros linguísticos” – que, no caso, são basicamente “erros” tratados pelas

⁷³ E11: sujeito-enunciador que narra o *slide* em questão.

gramáticas normativas/prescritivas, como a falta de concordância verbal e/ou nominal, os “vícios” de pronúncia, como a troca do “r” por “l” em “Framengo” por “Flamengo”, “Ingrês” por “Inglês”, “nóis” em lugar de “nós”, a monotongação, como na pronúncia de “peixe” em lugar de “peixe”, “oro” em lugar “ouro”, entre outros (BARONAS, 2013).

Além disso, por meio das montagens, infere-se que a então candidata é “amestrada” e “condicionada” a somente obedecer, sem um discurso próprio, que aceita até mesmo pessoas desconhecidas lhe ordenarem o que fazer, ou seja, o comando de qualquer um, como em “E9: Só um cumprimento, um cumprimento só, só um cumprimento.../ E6: Tá bom, ‘Oi!’. Assim? (sorrindo)/ E9: Isso! ‘Oi!’, Dra. Dilma Rousseff...”.

A figura 35 carrega o *slide* em que encontramos a sequência: “?Direto ao assunto com a *ex-ministra do Presidente Lula!*” também comum nas demais montagens; nela, o sujeito-produtor refere-se a Dilma como a *ex-ministra do Presidente Lula*, e não como Dilma Rousseff. Há aqui semanticamente a construção de um sentido outro, aquele de que Dilma não teria competência ou não seria apta a ocupar um cargo de presidência. Ele seria, sim, um lugar a ser ocupado por alguém (na montagem se afirma lexicalmente o ex-presidente Lula, assim como se infere, pela circulação de saberes discursivos acerca dos dois atores políticos – Lula e Dilma -, ser também o ex-presidente seu “adestrador” político e quem, de fato, governará), dando prosseguimento a seus planos políticos, uma vez que a “foca amestrada” apenas obedece às ordens de seu treinador. Existe, nesse trajeto de sentido criado, um apagamento do traço semântico “competência”, que se supõe ser necessário a um futuro presidente da República, algo que a montagem deixa subentendido faltar em Dilma (BARONAS, 2013).

Igualmente as outras videomontagens, salientamos nesse momento da análise que a questão acerca de um despreparo de Dilma nas aparições não ensaiadas é recorrente; todavia, nesta videomontagem e na que segue, essa ideia fica mais evidente, isto porque o sujeito-produtor, ao construir essas montagens, desconsidera de modo evidente a possibilidade de Dilma ter cometido um *ato falho*⁷⁴, ou seja, ao

⁷⁴ Freud, na obra *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), refere-se a *ato falho* como pequenos lapsos, esquecimentos de algo dito que não era o que tinha sido intencionado a dizer, de alguma forma, houve uma interferência no que foi planejado para uma atitude. Esses atos falhos são uma manifestação do inconsciente e podem aparentar um descuido, porém são vistos como uma forma de praticar todos

enunciar o desejo do inconsciente pode se manifestar não acidentalmente, como erros comuns, mas como manifestações do Outro que edifica a heterogeneidade constitutiva do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Essa possibilidade interpretativa de que Dilma possa ter cometido *atos falhos* é apagada para dar lugar à ideia de que ela tem algum problema mental, de que ela é afetada por algum tipo de idiotia que a impossibilita de responder espontaneamente e de improviso. Portanto, isso é o que o *Youtuber* busca, construir sentido em torno da ideia de que Dilma tem problemas cognitivos, o que permite a construção de uma heterogeneidade dissimulada do discurso que se dá, nesta montagem, por meio da inserção da pergunta no quadro-negro e a transcrição de parte da resposta na bandeira com a estrela (figuras 36, 37 e 38).

A figura 36 carrega a pergunta direcionada à Dilma, entretanto, não sabemos se esse foi realmente o questionamento direcionado à candidata ou se houve algum outro tipo de pergunta sobre o tema: “Ex-ministra, qual a sua opinião para a lista de convocados para a Copa de 2010?”. Ademais, simbolicamente, poderíamos pensar na lousa e no giz em que é materializada a pergunta, como um lugar para os professores que devem ensinar seus alunos, Dilma teria muito o que aprender, deve voltar para a escola. Em seguida, assistimos a resposta da candidata, explicitada com clareza por meio da delimitação dos espaços das vozes no vídeo amparado pelos recursos multimodais empregados.

Tacitamente, no atual processo de análise, podemos observar e interpretar que há formas de negociação entre o discurso citante e o discurso citado, as não-coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998), o sujeito-produtor marca a voz do outro quando atribui à candidata o enunciado da figura 38 ao redigir o nome de Dilma abaixo da transcrição.

Apesar disso, ao assinalar o discurso primeiro, há um modo de desautorizá-lo por meio do todo da videomontagem que já foi assistida. Observa-se que foi construído um diálogo maximamente polêmico na materialidade linguística entre o

aqueles costumes nos quais se são obrigados a evitar a luz da consciência devido à resistência de nossa razão FREUD, S. (1901). *A psicopatologia da vida cotidiana*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VI. Também disponível em: <<https://drive.google.com/folderview?id=0By5V7j8Wfi8aNk82TIJEY1Q4QVk&usp=sharing#list>>. Acesso em 2 de abr de 2015.

discurso do sujeito-produtor ao tentar apontar Dilma como incoerente em suas falas, construções, ou seja, se ela é ensaiada, amestrada, não consegue se expressar e, por isso, não teria competência para governar. O simulacro é produzido porque o produtor recorta o discurso, a suposta resposta de Dilma na transcrição, e insere no *slide* o trecho que está em negrito:

No meu... no meu chinelo da minha humildade, eu gostaria de muito de ver o Neymar e o Ganso porque eu acho que... *(pausa produzida pela edição acompanhada som de um carro sendo ligado e, em seguida, uma campainha “plim”)* é onze entre dez brasileiros gostariam, porque veio, deu alegria ao futebol, porque a gente ... eu vi, você veja... **eu já vi, parei de ver, voltei a ver e acho que o Neymar e o Ganso tem essa capacidade de fazer a gente olhar.**

O sujeito-produtor, como dissemos, evidencia o último trecho (em negrito) e desconsidera o início da fala de Dilma, que daria margem a outras possibilidades interpretativas, tais como a de que ela é engajada nas novas expressões usadas pelo povo como “Chinelo da humildade” e que pelo uso desse jargão estaria, de algum modo, se eximindo em dar uma resposta coerente ou extremamente adequada sobre um assunto que desconhece. Ademais, as características nas quais o discurso de Dilma é materializado é que permitem a edificação de um simulacro do discurso.

Para mostrar a voz do outro, o produtor da montagem utiliza recursos, muitas vezes, empregados em momentos solenes, para frases importantes de célebres escritores, por exemplo; todavia, é possível recuperar que o momento era de uma fala de improviso, informal. Pensamos, então, que o sujeito-produtor faz uso da ironia para construir o discurso de humor, a organização discursiva-textual e a quebra de expectativa determinaram o estabelecimento desse processo irônico que pode levar em conta valores pessoais e sociais partilhados (BRAIT, 1996), pois o que se espera de uma candidata à presidência é uma resposta coerente, clara e minimamente organizada ainda mais quando se trata, por exemplo, de um pronunciamento oficial de campanha. Ou seja, podemos entender esse engendramento e utilização dos recursos multimodais como uma ironia polifônica na qual diferentes recursos são utilizados para atestar os julgamentos pretendidos pelo sujeito-produtor acerca do ator político Dilma Rousseff e esses recursos são utilizados para dizer de modo não evidente (MACHADO, 2014). Assim, com o objetivo de denegrir a imagem de Dilma por

meio de características desvalorizantes implícitas e de maneira ácida, o sujeito-produtor evidencia apenas o trecho que pode corroborar interdiscursivamente com o simulacro que ele tece do discurso de Dilma, o que produz uma heterogeneidade dissimulada.

Ao recortar a resposta de Dilma utilizando-se de recursos multimodais, há o engendramento de um aporte discursivo para construção de sentido em torno da ideia de que a candidata não tem competência para governar, pois não é capaz de responder a uma pergunta sobre futebol, ela é amestrada e quando responde de modo adequado é porque teria sido ensaiada pelo seu treinador – Lula.

Esse destacamento produzido (MAINGUENEAU, 2007) pelo produtor acerca do discurso de Dilma legitima a dissimulação e pode produzir um efeito de verdade, a heterogeneidade dissimulada prescinde de uma interincompreensão regrada que se constitui a partir de uma “não compreensão” do discurso de Dilma (outro) a partir do interdiscurso do sujeito-produtor. Esses enunciados que compõem o discurso de Dilma nos bastidores, acompanhado da foca em uma apresentação, podem construir a equação genérica de valor deôntico: Dilma fala + Foca bate palmas = Dilma é adestrada. Parece simples no primeiro momento, porém há algo de mais instigante, que é a forma como se apresenta esse conteúdo: a união entre imagem, a materialidade linguística, o som e a edição.

2.2.5 Direto ao assunto Episódio#05 – Ministério

A estrutura composicional de *Direto ao assunto – Episódio#05 – Ministério* é semelhante a da videomontagem acima *Direto ao Assunto: Episódio #04 - Copa 2010*, isto porque ambas são iniciadas por dois pequenos vídeos e finalizadas com a continuação desses mesmos vídeos. Entre eles, há outro vídeo recortado que mostra um determinado discurso de Dilma acompanhado de recursos de edição assim como o *slide*, característica também comum e marcante nas duas montagens, que transcreve sua fala.

Vejam mais detalhadamente: a descrição do *Episódio#05 – Ministério* que foi postada no dia 25 de maio de 2010 pelo produtor *Exilados na Rede*, com o tempo

de um minuto e vinte segundos. O alvo do discurso humorístico derrisório⁷⁵ construído é a presidente Dilma Rousseff à época candidata às eleições. No atual processo de análise, é possível afirmar que o sujeito-produtor do discurso humorístico tenta construir um discurso de incompetência para a candidata à presidência.

Nos primeiros segundos, visualizamos um trecho de uma pessoa que dá corda em um pequeno robô vermelho (figura 44) e, na sequência, é inserido um pequeno trecho de uma fala de Dilma no início de uma entrevista que filmada e transmitida via web em seu blog “Dilma na Web”, criado durante a pré-campanha em que ela, na sequência, cumprimenta os internautas⁷⁶. Abaixo, as imagens congeladas representadas pelas figuras 44 e 45 e a transcrição da sua fala:



figura 44 (00:00 – 00:04)



figura 45 (00:05 – 00:08)

E6: Primeiro eu queria cumprimentar os internautas: Oi, internautas!



figura 46 (00:09 e 00:13)

⁷⁵ Legenda da videomontagem: Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje - Ministérios. Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. www.twitter.com/exilado Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mRBb1ymUkoE>>. Acesso em 27 març 2014.

⁷⁶ O vídeo na íntegra foi recuperado pelo link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPTzM-NfXi4>>. Acesso em 27 de març de 2014.

Após a inserção da fala de Dilma transcrita, o sujeito-produtor insere o *slide* característico das demais videomontagens (figura 41), com título comum a todas elas: “Direto ao assunto:”, seguido da expressão que se refere a Dilma sem citar o seu nome próprio, mas o seu cargo durante o governo Lula: “com a *ex-ministra do presidente Lula*”.

Com o intuito de dar fôlego e certo ânimo para a leitura e, além de tudo, tentarmos ser mais didáticos na explanação de nossos propósitos de análise, traremos, agora, a sequência final (continuação dos dois vídeos do início dessa videomontagem). Ou seja, no final da videomontagem, temos mais uma vez a inserção do *slide* acima – figura 46 – (o trecho inserido entre a repetição desse *slide* será descrito abaixo), uma tela rápida com chuviscos aparece antes e depois da apresentação de um pequeno vídeo em que Dilma despede-se: “Eu queria agradecer a atenção, agradecer o carinho das respostas...”

Para encerrar, mais uma vez, assistimos ao robozinho da figura 44, contudo, agora, observamos que a corda dada no primeiro vídeo inserido está no final e o robozinho para de funcionar.

Entre esses dois trechos descritos acima, deparamo-nos com um recorte de um discurso de Dilma que aparenta ser de uma entrevista coletiva, já que os flashes das imagens, o pano de fundo vermelho com a estrela do PT e alguns hologramas com as três cores da bandeira do Brasil - verde, amarelo e azul - possibilitam essa inferência. Esse trecho vem antecedido por um *slide* que carrega uma lousa típica de salas de aulas e nela ocorre a escrita com um giz branco da seguinte questão (figura 47): “**Ex-ministra**, a senhora proporia a criação de novos ministérios?” (grifos nossos).



figura 47 (00:14 – 00:19)



figura 48 (00:20 – 00:47)

Dilma supostamente responde, já que não sabemos se essa foi a pergunta direcionada a ela ou não, já que, diferentemente de outros trechos, não foi possível recuperar na Web a situação de emergência desse discurso. Vejamos o que ela diz:

E6: A única área que eu acho que ela vai exigir muita atenção nossa e aí eu já aventei a hipótese de até criar um ministério, é na área de...⁷⁷ (há uma pausa clara no vídeo e ouvimos o som do motor do carro sendo ligado (00:34)), na área... (o produtor então insere um trecho de um programa de televisão *Roda a Roda*⁷⁸ em que o apresentador Silvia Santos diz: *Tem letra D de dado e ouvimos uma campainha típico de um Quizz Show – figura 44*)... eu diria assim, como uma espécie de (observamos, mais uma vez a inserção de uma pausa, agora acompanhada de música de descontração, o *tic-tac de um relógio e palmas (00:46)*) analogia com que acontece na área agrícola”.



figura 49 (00:35 – 00:38)

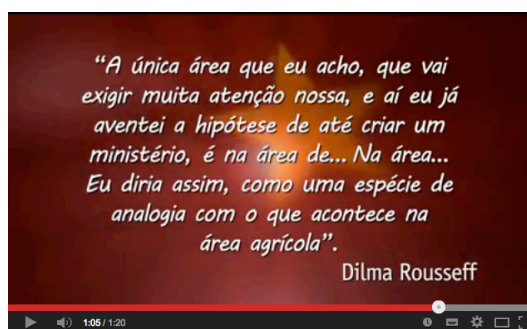


figura 50 (00:48 – 01:05)

Assim como na videomontagem anterior, esse trecho é encerrado com a transcrição do discurso de Dilma sobre uma bandeira flamejando vermelha com a estrela (símbolo do Partido dos Trabalhadores em laranja). Durante a escrita na bandeira, ouvimos a locução e a reprodução de um enunciado que está sendo escrito e, por fim, atribui a Dilma “assinando”: Dilma Rousseff, o som é de uma música instrumental solene (figura 50).

⁷⁷ As reticências foram inseridas para representar uma rápida pausa na fala da candidata, produzida por ela mesma, elas não representam as pausas inseridas pelo sujeito-produtor por meio dos recursos de edição.

⁷⁸ Roda Roda Jequití é um programa do canal de televisão SBT comandado por Silvio Santos e sua filha Patrícia Abravanel. Tal programa possibilita aos participantes concorrerem a prêmios especiais em barras de ouro; os participantes tentam adivinhar as palavras de um painel, eles têm direito a sugerir uma letra e os apresentadores indicam se ela existe ou não na palavra, o que acertar primeiro a palavra do painel será o premiado. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_a_Roda> Acesso em 30 de março de 2014.

Fica evidenciado, por meio da descrição do material, que há materialidades multimodais acopladas de maneira simultânea que garantem a produção de determinados efeitos de sentido no discurso da videomontagem humorística derrisória, recursos como jogo de imagem, materialidade linguística e som, entre outros, que em conjunto buscam descaracterizar a candidata em torno da ideia de que ela seja um robô, seja programada para agir de uma determinada maneira. Quando essa programação, ensaio ou adestramento “mostrados” no início e no final da montagem não acontecem, há, conseqüentemente, a falta de clareza em seu discurso.

Há regularidades enunciativas em torno da concepção principal da descaracterização, afirmar a falta de competência administrativa de Dilma que permite a emergência de alguns implícitos como: “ela seria apenas um fantoche, um ser político adestrado, robotizado por Lula”. Notamos que tanto na figura 46 quanto na 47 o sujeito-produtor refere-se a Dilma como **ex-ministra de Lula**. A expressão faria referência a Lula o verdadeiro mentor e idealizador da campanha, aquele que realmente iria presidir o Brasil.

A partir dessas reflexões, é possível notarmos o engendramento de sentido no todo da videomontagem construído por meio do discurso do sujeito-produtor, que objetiva desqualificar a candidata. Para isso, o produtor constrói o seu discurso explicitando, por meio da edição do vídeo e dos recursos multimodais que ele dispõe, marcas da heterogeneidade mostrada, a presença do Outro no discurso do Mesmo – Dilma –; desse modo, na sequência discursiva, há a expressão de sua ilusão de unidade discursiva e sua autoridade. Contudo, em virtude do sujeito-produtor determinar um apagamento de outras possibilidades interpretativas como a de que Dilma teria cometido um *ato falho* ao tentar responder sobre os ministérios e não construir sua resposta com a clareza que se espera de um candidato à presidência, há a emergência da construção de um sentido outro, o de que Dilma teria algum tipo de atraso e/ou deficiência mental, o que possibilita pensarmos em mais um caso de heterogeneidade dissimulada.

Ao apresentar o discurso de Dilma na videomontagem, o sujeito-produtor, a partir de uma *interincompreensão regrada* do discurso do outro (MAINGUENEAU, 2007), possibilita a criação de um simulacro que brota de uma não compreensão dos enunciados do outro. Ou seja, o produtor não só inscreve o outro na sequência do discurso, mas também traz esse discurso outro que o constitui traduzido sob suas

categorias interdiscursivamente, permitindo a emergência de uma heterogeneidade dissimulada, já que o Outro é satírico e permanece abrigado no humor derrisório, portanto, recebe sanções, e não punições.

É possível interpretar que o escopo primordial da videomontagem é descaracterizar a candidata por meio do discurso humorístico que procura evidenciar aspectos que mostrem a sua falta de competência e incapacidade para bem governar o país, incluindo, nesse conjunto “probatório” de sentido: ela é um robô, apenas obedece a determinados comandos ou é amestrada, um fantoche do então presidente à época, ou de qualquer outra pessoa, pois ela, tal qual um robô ou uma foca amestrada, está condicionada a reagir apenas quando alguém lhe dá corda ou bater palmas, obedecer e fazer os outros rirem do espetáculo.

A presidenciável Dilma, nos indícios que a videomontagem fornece, apenas preencherá um espaço de direito, pois de fato quem continuará a governar será o seu mentor político e presidente na ocasião. Com efeito, no trajeto de sentido criado pela montagem, é possível interpretar que se uma pessoa não consegue nem mesmo articular seu próprio discurso não poderá ser uma boa governante, entre outras ideias.

Capítulo 3

Por uma heterogeneidade dissimulada do discurso

-Juro. Deixei ver os olhos, Capitu.

*Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e **dissimulada**." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...*

Machado de Assis, Dom Casmurro, p.67

Ao nos depararmos com a heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005) como expansão do conceito de Authier-Revuz, pois contempla a heterogeneidade constitutiva, contudo, diferencia-se tanto da heterogeneidade mostrada marcada como da não marcada, pensamos, em um primeiro momento, que dissimulada é uma característica daquela que trai, engana e/ou distorce os fatos, mas podemos lembrar também de Capitu com seus “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Na epígrafe do capítulo que se inicia, trouxemos o famoso trecho no qual Bentinho descreve os “olhos de ressaca” de Capitu, olhos que queriam afundá-lo para dentro daquele mar que era o olhar dela, um olhar tão sedutor como o movimento das ondas do mar que se tornou marca inconfundível da personagem.

De algum modo, podemos estabelecer um paralelismo com a obra de Machado e diante de sua riqueza afirmarmos o quanto se mostra produtiva nossa investigação sobre a dissimulada. Talvez, seja pertinente ressaltar que não nos enveredamos para

uma dissimulada envolta por traições e insinuações, mas por uma dissimulada como os olhos de Capitu, misteriosa e sedutora. Por estar edificada nos discursos humorísticos, além de atrair atenção e seduzir, ela mostra-se transparente, mas o Outro satírico está abrigado na opacidade do discurso assim como Capitu, que em alguns momentos se mostra e em outros se torna ainda mais intrigante e misteriosa.

O capítulo dois teve como intento testar essa expansão da teoria que pensamos ser também uma categoria de análise quando buscamos estudar materiais multimodais como as videomontagens do YouTube que se caracterizam primordialmente por produzir discursos humorísticos derrisórios. Neste capítulo três, produzimos uma reflexão sem a pretensão de ter um valor deôntico, o intuito primordial é teorizar acerca da heterogeneidade dissimulada após ela ter sido testada no capítulo anterior. Para isso, fizemos um levantamento do que Dominique Maingueneau entende por heterogeneidade do discurso e, ao mesmo tempo, observamos de que modo suas ideias se aproximam ou se distanciam das produzidas por Authier-Revuz. Em seguida, colocamos nossos holofotes sobre o *simulacro* e a *derrisão*, pontos imprescindíveis para a pesquisa e que nos guiam para o encerramento do capítulo que tem como enfoque a heterogeneidade dissimulada.

3.1 A heterogeneidade enunciativa sob as lentes do primado do interdiscurso

Nossa empreitada, aqui, é pensar de que modo as proposições de Dominique Maingueneau (1997, 2007) distanciam-se e/ou se aproximam das que Authier-Revuz (1998, 2004) postulou inicialmente sobre a heterogeneidade enunciativa. Em alguns trabalhos recentes desenvolvidos na Análise do Discurso, podemos observar que as ideias de Maingueneau sobre a heterogeneidade são dadas a circular como sendo inteiramente análogas as de Authier-Revuz.

Todavia, a autora que inaugurou as ideias sobre essa questão, tão pertinente e enriquecedora para os estudos do discurso, é retomada por Maingueneau em seu

trabalho e ele mesmo a cita como criadora das proposições sobre heterogeneidade. Mas, quando o autor abre a possibilidade de entendimento do interdiscurso a partir das noções de *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*, o Outro abrigado no interdiscurso, como vimos nas ideias de Authier-Revuz, abre-se para que se pense sua relação com o Mesmo, já que o Outro ocupando um determinado espaço discursivo só poderia constituir o Mesmo se ambos partilhassem de uma mesma Formação Discursiva e vice-versa.

Nos parágrafos que seguem, temos como foco realizar essa reflexão teórica elencando algumas ideias sobre a heterogeneidade em Maingueneau e como o estudioso vê o outro/Outro do discurso; em linhas gerais, tentaremos estabelecer o que o aproxima e o que o distancia das ideias de Jacqueline Authier-Revuz, partindo do pressuposto de que Maingueneau empreende em seus estudos o conceito de heterogeneidade sem considerar o Outro psicanalítico. Isto é, o discurso teria um direito e um avesso que o denega ou o incorpora por meio do interdiscurso.

Authier-Revuz (1998, 2004), acerca de suas formulações sobre heterogeneidade enunciativa, considera a heterogeneidade constitutiva como inerente à concepção de um discurso, como uma condição de existência, já a heterogeneidade mostrada seria o resultado da negociação do UM e do NÃO UM, isto é, a heterogeneidade seria mostrada quando o UM permite que o NÃO UM (o Outro) se mostre na superfície discursiva, no fio do discurso. Dizendo de outro modo, a heterogeneidade constitutiva permite que se recupere o Outro nos indícios do interdiscurso e possibilita a afirmação de sua existência quando pensamos no dialogismo de Bakhtin e no inconsciente de Lacan. É o interdiscurso que permite a formulação de hipóteses para o entorno de uma formação discursiva⁷⁹ que está inserido o sujeito, assim entendemos que o sujeito enuncia a partir de uma formação

⁷⁹ Tomaremos aqui a noção de formação discursiva a partir do que propõe Dominique Maingueneau quando afirma que “unidades como ‘o discurso racista’, ‘o discurso pós-colonial’, por exemplo, não podem ser delimitadas por fronteiras que não sejam as estabelecidas pelo pesquisador [...]. Os *corpus* aos quais elas correspondem podem conter enunciados pertencentes aos mais variados tipos e gêneros de discurso; eles podem até, em função da vontade do pesquisador, misturar *corpus* de arquivo e *corpus* construídos para a pesquisa (interloquções, questionários, etc.). É para esse tipo de unidade que decidi reservar o termo ‘formação discursiva’, distinguindo-o do valor que lhe é conferido tanto por Foucault (2000 [1969], p. 52-53) quanto por Haroche, Henry, Pêcheux (2011 [1971]), sem, contudo, trair abertamente os referidos autores (MAINGUENEAU, 2007, p.32). E mais recentemente, Maingueneau acrescenta que “diferentemente das formações discursivas ‘unifocais’, como o ‘discurso racista’ ou o ‘discurso patronal’, em que os textos são unificados em um nível superior por um foco único que os faz convergir, as formações discursivas ‘plurifocais’ não implicam que os *corpora* assim associados obedeçam a um mesmo sistema de regras; preserva-se, então, sua heterogeneidade” (MAINGUENEAU, 2015, p.105).

discursiva e autoriza que o Outro trazido para o discurso possa advir de outras formações discursivas de maneira indistinta.

Dominique Maingueneau (1997), fazendo as ideias de Authier-Revuz “rangerem”, quando trata da heterogeneidade enunciativa, repensa alguns pontos da teoria pelo olhar do primado do interdiscurso, o Outro poderia ser visto de maneira diferente. Em *Gênese dos Discursos* (2007), o autor inicia essa reflexão, retomada em *Novas Tendências em Análise do Discurso* (1997)⁸⁰, há, nessas postulações, a concepção de que uma *identidade discursiva* deve ser considerada, pois o EU não comporta a irrupção em seu discurso de um “atravessamento” do Outro abrigado em qualquer espaço discursivo. Para compreender melhor o avanço dessa noção de que trata o autor, é preciso entender suas proposições sobre o interdiscurso ser visto a partir da tríade: universo, campo e espaço discursivo. Assim,

chamaremos de “universo discursivo” o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Este universo discursivo constitui necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade (...). “Campos discursivos” um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo (...). “Espaços discursivos”, subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação (MAINGUENEAU, 2007, p. 35- 36).

Há, a partir dessas proposições, a abertura para uma reflexão sobre as relações entre os campos discursivos por meio das formações discursivas que os delimitam e que criam determinados trajetos interdiscursivos caracterizando uma especificidade para determinado discurso, o que se quer é

propor ao analista o interdiscurso como objeto e *fazê-lo apreender, de imediato, não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas*. Isto implica que a identidade discursiva

⁸⁰ A obra *Gênese dos Discursos* de Dominique Maingueneau teve sua primeira edição publicada na França em 1984, entretanto, sua primeira tradução brasileira ocorreu somente em 2005 (*Genèses du discours*, Bruxelles-Liège, Mardaga, 1984. Trad. brésilienne par Sírio Possenti: *Gênese dos discursos*, Curitiba, Criar, 2005). A obra *Novas Tendências em Análise do Discurso* foi traduzida antes de *Gênese dos Discursos* apesar desta ter sido lançada primeiro que aquela na França, sua primeira edição foi em 1987 e sua tradução em 1989 (*Nouvelles tendances en analyse du discours*, Paris, Hachette, 1987 (ouvrage épuisé). Trad. brésilienne: Campinas, Pontes et Editora Unicamp, 1989). Informações disponíveis no site do autor: <<http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/livres.html>> Acesso em 31 març 2015.

esteja construída na relação com o Outro (MAINGUENEAU, 1997, p. 119-120, grifos do autor).

O que notamos é que Maingueneau entende como heterogeneidade o processo discursivo no qual determinado discurso pode estar em uma *relação essencial*, intrínseca com discursos outros advindos de uma relação com outros discursos dos quais esse mesmo discurso derive num processo de identidade discursiva (MAINGUENEAU, 1997). Dizendo de outro modo, o discurso do Mesmo/EU só permite que um discurso Outro o constitua se este derivar de uma formação discursiva que esteja em concorrência, todos os elementos que compõem esse discurso primeiro e encaixam-no em um determinado espaço discursivo devem advir de uma mesma interdiscursividade.

O discurso do Mesmo ocorre por uma heterogeneidade constitutiva em que o Outro compartilha do mesmo interdiscurso no qual suas formações discursivas dialogam, já que eles estariam ocupando campos discursivos que se delimitam, definindo seus próprios espaços discursivos. Ademais, para Maingueneau, o Outro não é o psicanalítico lacaniano como ele mesmo cita em nota na obra *Gênese dos Discursos* (2007, p. 38): “entende-se que esse “Outro”, com maiúscula, não coincide com seu homônimo lacaniano”; o Outro seria o avesso ou o direito do próprio discurso, nas palavras do autor:

Quer dizer que esses enunciados têm um “direito” e um “avesso” indissociáveis: deve-se decifrá-los sobre seu “direito” (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também sobre seu “avesso”, na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso de seu Outro. Este último não têm nem a compacidade tranquilizadora de um “hipotexto” parodiado (...), nem a ausência desestabilizadora do Outro da psicanálise lacaniana (...) Quanto a remeter esse “Outro” em direção ao discurso psicanalítico, este seria um gesto ilusório. Se o inconsciente dobra como um avesso a linguagem, mas num outro palco, e não se deixa perceber senão pelas inferências, as lacunas, os deslizamentos... que ele introduz na cadeia significante, o *Outro do espaço discursivo representa a intervenção de um conjunto textual historicamente definível que se encontra no mesmo palco que o discurso* (MAINGUENEAU, 2007, p.40-41, grifos nossos).

Nesse sentido, é possível entender o funcionamento discursivo da heterogeneidade enunciativa por meio do primado do interdiscurso e é esse caminho que Maingueneau toma para explicar sua visada quando afirma que “a rede semântica

que circunscreve a especificidade de um discurso” está intimamente ligada à definição das relações desse discurso com seu Outro (MAINGUENEAU, 2007, p.38). Há um *princípio de regramento* que rege o discurso do Outro em sua heterogeneidade e o denega, entretanto, o Outro não é visto apenas como um elemento localizável no discurso do Mesmo desprovido de uma *plenitude autônoma e descentrado em relação si próprio*, já que todo discurso provém de um *caráter essencialmente dialógico*. A imbricação do Mesmo e do Outro edifica-se por meio de um *conflito regrado* entre as suas formações discursivas.

Desse modo, é possível pensar no Outro como o avesso do Mesmo, e não como o “envelope” de um discurso, o Outro não seria somente um elemento localizável na cadeia discursiva, pois visto por meio da tríade universo, campo e espaço discursivos não seria redutível apenas à figura de um interlocutor. A formação discursiva é quem atribuiria ao Outro o que seria o *dizível errado* a partir da delimitação do *dizível legítimo* que essa ou outra formação discursiva estaria instituindo. Há, então, um processo de delimitação recíproca na qual as formações discursivas estão enraizadas e que as constituem por meio da interdiscursividade, o que permite reiterarmos que o discurso “nasce de um trabalho sobre [na brecha dos] outros discursos” (MAINGUENEAU, 1997, p.120).

Essa posição de delimitação recíproca entendida como um elemento de interação entre dois discursos pode ser vista como um processo de “‘tradução’ generalizada, ligada a uma ‘interincompreensão’” (MAINGUENEAU, 1997, p.120). Aqui, entendemos tradução não de uma língua para outra, mas de uma formação discursiva para outra, o que possibilita apreendermos o sentido como algo instável, porque em um determinado espaço discursivo, o sentido edifica-se no intervalo das posições enunciativas sem que se estabeleça uma posição engessada.

Quando uma formação discursiva faz penetrar o seu Outro em seu próprio interior, por exemplo sob a forma de uma citação, ela está apenas “traduzindo” o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias (MAINGUENEAU, 1997, p.120).

Com isso, arquiteta-se a “interincompreensão”, resultado dessa falta de entendimento das formações discursivas que se repelem, se delimitam e

interincompreendem-se, possibilitando a construção de um diálogo entre sujeitos que partilham de um mesmo assunto, entre sujeitos que habitam um mesmo interdiscurso.

3.2 Fundamentos para a heterogeneidade dissimulada

3.2.1 O Simulacro

Quando nos deparamos com as ideias de Maingueneau sobre a interincompreensão do discurso é que chegamos à questão do simulacro que nos é tão cara para tecer nossa reflexão acerca de uma heterogeneidade dissimulada do discurso que, como enunciamos, se trata de uma tentativa de expansão do conceito de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (2004).

Em Maingueneau (2007, p. 103), a questão do simulacro está diretamente ligada à *interincompreensão* do discurso, ou seja, devemos compreender um espaço discursivo como uma “rede de interação semântica”, na qual podemos encontrar diferentes “posições enunciativas que possibilitam o ato de enunciar por meio de sua formação discursiva”. Esse processo simultâneo de enunciações que se constroem de formações discursivas diferentes faz emergir um “desentendimento recíproco”, do qual germina a ideia de que os enunciados do Outro só são entendidos quando trazidos para o interior do “fechamento semântico do intérprete,” ou seja, para a compreensão de cada formação discursiva, na qual os discursos não podem ser tomados – até pela questão da identificação, isto é, o que e com o que sujeitos inscritos nas mais distintas práticas discursivas se identificam – tal como foi enunciado pelo Outro, mas sim no simulacro que se constrói sobre ele. Nas palavras do autor,

esses enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele (MAINGUENEAU, 2007, p.103).

Cada posição discursiva interpreta os enunciados de seu Outro, quando o traduzindo dentro das categorias negativas de seu próprio sistema, já que cada discurso está assentado sobre um conjunto de semas que constituem a grade definidora do discurso do intérprete ou do sujeito Outro. O conjunto de semas está dividido em dois registros: o registro dos semas positivos, reivindicados pelo discurso, e o dos semas negativos, rejeitados por aquele discurso. Maingueneau (2007) propõe chamar de “discurso-agente” aquele que se encontra em posição de tradutor e de “discurso-paciente” o que é assim traduzido, lembrando que é em proveito do primeiro que se exerce a atividade de tradução regrada.

Entendemos que enunciar é estar em acordo com uma posição discursiva e ao mesmo tempo rejeitar a outra. Em outras palavras, o discurso do intérprete constitui-se a partir de uma interincompreensão regrada do discurso do Outro, que erige de um simulacro criado pelo próprio intérprete ao produzir seu discurso com o escopo de descaracterizar o Outro, criando uma relação de polêmica (MAINGUENEAU, 2007).

A tradução que ocorre dentro das categorias do sistema de cada discurso é entendida como “regras de passagem de uma interpretação a outra sem tocar na estabilidade do significante linguístico”, isto é, um mecanismo indispensável que não está ligado na estabilidade do significante linguístico, mas na constituição das “formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 2007, p. 104 e 105). Além disso, cabe salientar que a passagem de uma interpretação a outra de um “mesmo” enunciado não se encontra em um mesmo plano já que há sempre uma instância exterior que irá interpretá-lo. O enunciatador de um discurso não irá “interpretar” seus próprios enunciados, essa tarefa cabe a uma instância exterior que aqui pensamos ser o Outro.

Inferimos essa ideia em virtude do que Maingueneau (2007, p.104) afirma sobre “o discurso não poder interpretar-se a si mesmo, a não ser no modo inefável da coincidência com sua própria competência” ou ainda quando se produz glosas, comentários que podem proceder dessa mesma competência passíveis de tradução semântica pelo Outro; fato que nos remete à questão da modalização autonímica de Authier-Revuz (1998), em que se produz glosas para tentar cercar a interpretação da voz do outro no discurso do UM.

O modo de funcionamento interpretativo do discurso jansenista sobre o humanista devoto e a construção do simulacro que um faz do outro é um dos grandes estudos acerca do tema que Maingueneau (2007) explora para tratar de suas postulações teóricas-metodológicas. Essas relações discursivas de interincompreensão suscitam a noção de *polêmica* que se constitui pelo modo como semanticamente esses discursos estão em embate e não, simplesmente, por uma controvérsia violenta; o que permite entender a noção de polêmica como uma troca regrada na qual um discurso polemiza ao entrar em contato com seu Outro, esse discurso estabelece-se a partir do que compreende, isto é, traduz do seu Outro.

Maingueneau (2007) estabelece uma ligação com a questão da heterogeneidade quando afirma que essa polemização pode se dar pela heterogeneidade “mostrada”, como em uma citação em que é possível localizar fragmentos do Outro no Mesmo e essa introdução do Outro no Mesmo pode ser entendida como um simulacro. Uma das estratégias do adversário é quando ele traz o discurso do Outro para o Mesmo e afirma que o sentido mantém-se estável, todavia a citação não é apenas um fragmento de enunciado, já que ele vem acompanhado de palavras, do enunciador e do enunciatário, do modo de enunciação, da intertextualidade; em suma, de uma semântica global⁸¹, o que faz com que esse enunciado se expulse daquele discurso sozinho, pois torna-se incompatível com o que ali está posto. Contudo, por meio da tradução do Outro e com a construção do simulacro que se faz dele, é possível abarcar todos os planos da discursividade (MAINGUENEAU, 2007).

Ademais, “polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável” (MAINGUENEAU, 2007, p.114), isto é, o que se pretende é descaracterizar o adversário deixando claro que ele transgride as regras estabelecidas quando mente, traz informações erradas, é incompetente, pouco inteligente etc. e, por isso, é possível sucumbir seu direito à palavra independente de qualquer conteúdo. Nesse caminho, é possível entendermos que a polêmica supõe uma instância maior, pois o desacordo funciona dentro de um campo discursivo partilhado em que a

⁸¹ “Um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando tal *out al* de seu ‘planos’, mas integrando-os a todos, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação, a semântica global pode ser entendida como ‘um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões’” (MAINGUENEAU, 2007, p. 79 e 80).

convergência sobrepõe-se à divergência, há um *código* maior que perpassa os discursos antagônicos e é-lhe permitido decidir entre o que é justo e o que é injusto.

É característica dos discursos mais totalitários polemizar em um exercício de admissão e expulsão do simulacro do Outro porque a polêmica não é um jogo gratuito, ela é necessária para a constituição da identidade discursiva, isto porque sem relacionar-se com o Outro, sem a falta que indica sua própria completude, ela se perderia e pode se desfazer. Desse modo, e ao mesmo tempo, o discurso mascara sua vulnerabilidade, ele teria que se mostrar detentor de todas as respostas e não passível de erros, como se a cada momento que ele refutasse o Outro, ele estaria destruindo-o e não seu simulacro, criando assim a condição de necessária para a sua discursividade, que não é ser sempre vencedor, mas ser aquele discurso que entra na polêmica porque é vencedor ao dizer sempre o Real e o Bem.

O discurso vive de seu exterior e o que suscita sua polêmica é a História, já que se ela não interferisse, como explica Maingueneau, “ter-se-ia um jogo de espelhos em que cada um leria o Outro sua imagem invertida, tendo por fundo um campo de batalha indefinidamente simétrico” (2007, p.120).

No início da existência do discurso se constitui a ideia de que sua cobertura temática é muito reduzida, concepção que corrobora com a tomada dos historiadores como o discurso sendo um conjunto finito de enunciados. Todavia,

no nível dos sistemas de restrições, a área de incompatibilidade entre os discursos é instituída em seus grandes traços desde o início, mas apenas as interações efetivas atribuirão seu traçado temático ao acontecimentos enunciativos. Os enunciados assim produzidos são (...) um conjunto aparentemente descosido de respostas a falhas cuja emergência é imprevisível e que tecem pouco a pouco uma *memória* própria do discurso (MAINGUENEUAU, 2007, p.121, grifos do autor).

Há duas memórias convergentes, a “interna” que vai enriquecendo à medida em que o tempo passa e os textos acumulam-se e aumentam sua autoridade e a de filiação “externa”, que inscreve o discurso na linhagem dos ancestrais e o legitima. Com tal característica, o discurso suscita uma tradição que inscreve seus enunciados nos traços de outros anteriores. Para existir, o discurso não nasce do retorno a outros, mas da sua transformação e “não escapa à polêmica tanto quanto não escapa à interdiscursividade para constituir-se” (MAINGUENEUAU, 2007, p.122).

Na polêmica, os enunciados estão sempre sendo partilhados ou rejeitados e nessa transparência ou nessa opacidade, torna-se possível silenciar o Outro e afastar a alteridade própria do discurso; por isso, o Mesmo vai polemizar com aquilo que conseguiu separar dele e que também o constituía por meio dos enunciados produzidos, o Outro é o que constitui o discurso, mas, ao mesmo tempo, é o que deve ser apartado.

As ideias acima expostas sobre a questão do simulacro para Maingueneau (2007) antecedidas, no capítulo um, pelas postulações de Authier-Revuz acerca da heterogeneidade enunciativa são bases teóricas essenciais para sustentar nosso percurso investigativo e nos ajudam a compreender como se dá a heterogeneidade dissimulada, entretanto, é preciso ainda asseverar, resumidamente, que a derrisão é um ponto nodal para a confirmação da pertinência do conceito.

3.2.2 A Derrisão

O discurso derrisório foi descrito com mais peculiaridades em nossa dissertação de mestrado, para o momento, podemos afirmar que o próprio gênero videomontagem é que autoriza uma interpretação satírica e/ou contestatória do alvo da derrisão (ARAUJO, 2011). Entendemos que esse gênero foge do policiamento imposto pela legislação e pela ordem do politicamente correto devido a sua utilização para contestar por meio de uma desqualificação agressiva (BARONAS, 2004). A desqualificação de um oponente por meio da zombaria é um recurso enunciativo muito utilizado também nos dias atuais isto porque

essa técnica de oratória é conhecida pelos retóricos clássicos como tropos zombeteiro, meios linguísticos, cuja finalidade é justamente diminuir o adversário suscitando o riso num determinado auditório. Mais modernamente, o tropos zombeteiro, despido de seu característico psicologizante, foi reelaborado, passando a ser concebido pelos teóricos do discurso como derrisão: uma estratégia argumentativa que não se reduz ao riso [...], isto é, uma espécie de “amabilidade verbal” violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública (BARONAS, 2004, p. 7).

A derrisão permite uma inversão simbólica e temporária da ordem política e possui virtudes revolucionárias inegáveis porque é capaz de associar perspectivas de

resistências sociais e individuais ao revelar uma dialética entre contestação e regulação. Na contestação, ela utiliza-se de uma violência simbólica eminentemente verbal que freia, parcialmente, as possibilidades de questionamentos mais violentos que possam surgir dos poderes contestados; de maneira elegante, serve como recurso criativo para incidir contra as convenções tidas como extremamente rígidas. Como regulação, ela pode, ao ser tolerada e controlada pelo poder, contribuir para a perenização dos sistemas de dominação, de seus valores e códigos culturais (MERCIER, 2001).

Em 2001, na França, a derrisão foi tema da Revista *Hermès* intitulada *Dérision - Contestation* – sob a coordenação de Arnaud Mercier –, consolidando a vontade dos estudiosos em torná-la uma subdisciplina. Isto porque a derrisão é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que pode parecer à primeira vista.

Portanto, é possível considerar que a derrisão seja, sem dúvida, um bom equilíbrio de um sistema social, dilacerado pelas demandas do assujeitamento social e sempre ameaçado por uma deriva destrutiva. Isto porque o riso associado à fixação em derrisão não procura somente desestabilizar as normas e os valores sociais; pelo contrário, o riso tem uma função de corretor social, ele também apoia as convenções (BERGSON, 2004). Diríamos, então, que o riso aprova aquilo que está muito distante das normas sociais como não respeitar as convenções, mas também como regulador social, ele traz a norma de volta, isto é, impõe um enrijecimento contra a fluidez da vida social (MERCIER, 2001) sendo esta a fonte do cômico que se “propõe” construir.

Muitos valores humanos são alvos constantes dos discursos derrisórios e por isso o riso da derrisão exerce uma dinâmica sócio-emocional em que a violência desempenha efeitos variáveis sobre as trocas que ocorrem; isto abre um vasto campo de análise. As linhas que permitem analisar a lógica derrisória são particularmente ambíguas e a ambiguidade dos fatos apresenta-se quando algo pode significar dependendo do Outro. É por isso que a derrisão possui um poder de revolução inegável, podendo ser até subversiva. Torna-se conveniente não subestimar sua capacidade de suscitar resistências sociopolíticas, pois a derrisão é arma contra algumas convenções julgadas muito rígidas em uma sociedade; ao contrário, também

pode contribuir para a solidificação dos valores culturais dominantes (FEUERHAHN, 2001).

Por meio deste paradoxo, podemos observar a ambiguidade que se instala na derrisão, já que ela pode abrandar determinadas normas sociais e exaltá-las quando imperioso para a consolidação relativamente momentânea de determinados fins. Há uma ambivalência de certas formas de derrisão política, pois a derrisão construída na política pode também ser encarada como um modo de reformar suas próprias ideias. Ela é ferramenta útil para a construção de um discurso contestador que regula outros discursos e, ao mesmo tempo, impõe sua própria dinâmica; assim a redução das tensões opera por uma recodificação dos conflitos em termos que permanecem discursivos (MERCIER, 2001).

As videomontagens do nosso *corpus* de análise são um gênero do discurso (ARAUJO, 2011) que possibilita a edificação da derrisão não simplesmente como uma estratégia argumentativa, ela seria um gênero textual que tem como finalidade questionar e denegrir, por meio da sátira, determinados valores ou determinada ordem instaurada em nossa sociedade e esses questionamentos, na maioria das vezes, tem como alvo preferido as autoridades políticas.

Nesses casos, o sujeito-produtor do discurso derrisório assume o que diz, mas os efeitos do seu dizer podem ser amenizados pelo efeito da zombaria ou pela mobilização de um discurso já cristalizado na sociedade (BARONAS, 2005). Desse modo, entendemos que o discurso derrisório traz o Outro (do sujeito-produtor da derrisão) explicitamente, trata-se de um Outro satírico, um pouco diferente do Outro lacaniano e o outro dialógico mobilizado por Authier-Revuz (2004), pois mostra-se zombeteiro quando aponta, por meio da inserção de elementos multissemióticos, supostas falhas daquele a quem ele quer denegrir, construindo um simulacro do discurso primeiro.

3.2.3 A heterogeneidade dissimulada

Aprofundando nossa discussão, diríamos que quando se trata de um Outro satírico, zombeteiro, que é trazido para o fio do discurso do Eu, esse discurso satírico apresenta-se sempre dissimulado nos traços do interdiscurso. Portanto, defendemos que, para se pensar a derrisão do político em suportes como o YouTube, a noção de heterogeneidade deva ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada (BARONAS, 2005).

Acreditamos que a noção de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada formulada por Authier-Revuz (2004), embora bastante pertinente para dar conta de *corpora* políticos marcadamente sérios, que circulam em suportes textuais tradicionais: livros, jornais e revistas impressas, por exemplo, necessita de uma reconfiguração no tocante ao tratamento de outros *corpora* políticos, tais como aqueles que carregam um discurso humorístico derrisório, sobretudo os que circulam em suportes não tradicionais, como o YouTube, um *site* em que os enunciadores alojam seus próprios textos.

As videomontagens do YouTube dessa pesquisa tomam como alvos derrisórios os atores políticos Lula e Dilma, o sujeito-produtor constrói o seu dizer, trazendo para o fio do seu discurso o discurso do outro e, no mesmo processo enunciativo, aponta que esse discurso outro apresenta algum tipo de problema, muitas vezes, de ordem linguística: sintática, lexical etc. Não se trata de uma negociação em que o discurso do Eu delimita ou denega o discurso do outro como no processo de negociação entre a constitutiva e mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2004), mas o que ocorre, sobretudo, é uma tentativa de apagamento desse discurso do outro por meio da derrisão. Esse processo de apagamento, todavia, se dá legitimado pelo interdiscurso, daí o surgimento da questão sobre a emergência de uma heterogeneidade dissimulada.

As videomontagens possibilitam a construção da *polêmica como interincompreensão regrada* (MAINGUENEAU, 2007), visto que é o sujeito que constrói o seu discurso ao tomar o discurso do outro e, ao mesmo tempo, evidenciar o que deveria ser corrigido naquele discurso outro que não é dele. Ao tomar esse discurso por meio de sua formação discursiva, ele possibilita a criação de um *simulacro* do discurso do Mesmo, o que levanta uma relação de polêmica. “Esses enunciados do Outro só são ‘compreendidos’ no interior do fechamento semântico do

intérprete [...], o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele” (MAINGUENEAU, 2007, p.103). Baronas e Kosciureski (2006, p. 240) esclarecem:

(...) Trata-se de uma heterogeneidade dissimulada, pois o discurso primeiro se constitui a partir de uma *interincompreensão* regrada pelo discurso segundo (MAINGUENEAU, 2007, p. 103), ou seja, o sujeito introduz o Outro “em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma de ‘simulacro’ que dele constrói”. (...) No caso específico da heterogeneidade dissimulada é possível evidenciar a existência de um enunciado sobre o simulacro de um enunciado. Simulacro esse que é construído a partir de uma “não compreensão” dos enunciados do Outro. Em outros termos, a heterogeneidade dissimulada constrói o outro a partir de seu interdiscurso.

Pensar a expansão de um conceito como o de Jacqueline Authier-Revuz é uma tarefa que surge com o intuito de dar conta de novos objetos, de novas discursividades, tais como os discursos multimodais. A estudiosa compila suas ideias a partir da materialidade linguística, do enunciado escrito não há um olhar para o imagético, o multimodal. Já em nosso trabalho, tratamos de videomontagens que, além de multimodais, são tidas como humorísticas; isso implica que o Outro seria satírico e faria uso da composição dos elementos multimodais para sustentar esse efeito de dissimulação, o que resultaria em uma heterogeneidade dissimulada do discurso.

No primeiro capítulo, recortamos exemplos de heterogeneidade mostrada marcada e heterogeneidade mostrada não marcada para promover uma reflexão sobre o funcionamento da heterogeneidade constitutiva e mostrada nas videomontagens que se caracterizam por unir materialidade linguística, som e imagem. Diante dos exemplos (figuras 1 a 5), asseveramos que é possível olhar para os recortes e encontrar uma heterogeneidade mostrada marcada ou não marcada, todavia, não é possível olhar para todos os materiais multissemióticos operados simultaneamente e que juntos possibilitam determinado engendramento do sentido.

Uma vez que a heterogeneidade dissimulada mostra-se singular para os estudos discursivos atuais, buscamos confirmar a pertinência do conceito assim como verificar seu funcionamento no capítulo anterior. Nossa reflexão de base essencialmente epistemológica, buscou-se examinar um *corpus* de análise de uma

ordem diferente daquela apreciada por Authier-Revuz. Ademais, os discursos multimodais, as videomontagens, podem ser encontradas no ambiente virtual, no ciberespaço, um lugar de circulação de discursos que condiciona sua produção discursiva em torno de diferentes materialidades.

Para dar embasamento ao nosso processo investigativo de pesquisa, procuramos verificar o funcionamento da heterogeneidade dissimulada, analisar o nosso objeto no “entremisturar” descrição e interpretação, isto é, no capítulo anterior, fizemos todo um trabalho de descrição da materialidade linguística, imagética e sonora dos vídeos selecionados e, no mesmo processo, evidenciamos como essas materialidades trabalham interpretativamente os acontecimentos políticos dados a circular pelo YouTube.

Para tanto, tentamos entender o engendramento dos dispositivos enunciativos que atuam em uma espécie de primeiro plano de modo descritivo para, a seguir, observarmos o conjunto enunciativo. Diante das novas formas de discursividade (a mensagem política e humorística), foi feito um levantamento de maneira comparativa de como se dá o alicerce da construção da heterogeneidade dissimulada do discurso em cada montagem, ou seja, observamos as regularidades e as singularidades apresentadas. Podemos afirmar que a análise tecida no capítulo dois em conjunto com as questões teóricas aqui explanadas buscam dar conta da heterogeneidade dissimulada que emerge a partir de diversos dispositivos enunciativos e recursos da multimodalidade trazidos pelo sujeito-produtor que do discurso humorístico derrisório na construção dos efeitos de sentidos trazida por meio da construção discursiva “atribuída” aos então candidatos à presidência Lula e Dilma nas campanhas eleitorais de 2006 e 2010, respectivamente.

Considerações Finais

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, pudemos constatar e verificar as proposições de Authier-Revuz sobre heterogeneidade e as concepções que as circundam sem perder nosso foco, como foi possível investigar mais detidamente no capítulo um. Em seguida, no capítulo dois, partimos para a descrição e interpretação das videomontagens. Já no capítulo três, colocamos a noção de heterogeneidade de Authier-Revuz em comparação com as de Maingueneau para enfocarmos as teorias que envolvem nossa investigação, ou seja, a discussão sobre o simulacro e derrisão. Já nossa investigação epistemológica ocorreu no último subitem do terceiro capítulo, no qual enfocamos as teorizações de Baronas (2005) sobre a heterogeneidade dissimulada.

A partir de todas as sequências trazidas para a análise no capítulo dois, pudemos evocar Pêcheux quando diz que, ao nos defrontarmos com o texto, “a memória discursiva surge como um acontecimento a ler, que vem estabelecer os “*implícitos*” de que sua leitura necessita: a condição do legível ao próprio legível” (2007, p.52). Isto porque os supostos “erros” de português que Lula comete - como o abuso de bebida alcoólica, a suposta atitude insana, assim como o adestramento de Dilma em relação a ele - são alguns implícitos levantados que mobilizam o interdiscurso ao sustentar a ideia de incapacidade administrativa e incompetência política para ambos. Esses implícitos não estão expostos e identificados na superfície do texto, mas por meio da repetição recorrente nas videomontagens sobre suas supostas falhas, o que caracteriza uma *regularização* (ACHARD, 2007).

Uma de nossas perguntas de pesquisa era: Como se constrói o discurso humorístico derrisório na sua relação com o alhures que o constitui e como se dá a absorção no discurso político em uma nova materialidade discursiva, isto é, o espaço virtual, a Internet? Diante do exposto, diríamos que são os implícitos trazidos por meio da análise que recuperam esse alhures que não está na superfície do discurso, contudo é condição para sua existência e essa condição existencial está intimamente ligada aos recursos multimodais, os quais o ambiente virtual proporciona e, assim, novas discursividades possam emergir.

Isto porque tanto o discurso midiático quanto o político na contemporaneidade unem e mesclam diferentes recursos tecnológicos na construção do que se quer expressar, fato que possibilita a construção de novas formas de representar discursivamente fenômenos sociais determinados pelos recursos multimodais. Ao observarmos a multimodalidade que proporciona a construção de sentido nas montagens, notamos as perspectivas e maneiras de como se propõe um tipo de ideia hegemônica sobre a idoneidade e competência dos atores políticos. O que possibilita isso são as tecnologias reunidas em *sites* como o YouTube que massificam os saberes individuais e coletivos, envolvem-se na construção de condições e cenários espaço-temporais e instâncias reguladoras da vida social e, muitas vezes, das instituições (ABRIL, 2008).

Nesse caminho, o chamado *efeito de opacidade* (PÊCHEUX, 2007) expõe seu funcionamento quando nos deparamos com *efeitos materiais* disponibilizados por recursos multimodais, como a campanha em *Lula o Analfabeto*; a música em *Lula Bebum*; o destaque dado à palavra “isso” em *Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula*; a trilha sonora de terror em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* e as pausas dadas durante as “respostas” da candidata Dilma nos episódios de “Direto ao assunto”. Diante do exposto, suscitamos que a heterogeneidade dissimulada do discurso que se compila nas análises tem como um de seus principais alicerces para a construção do simulacro a evidência do discurso Outro/outro por meio dos recursos multimodais, mais especificamente, os efeitos sonoros, como músicas, campanhas e jingles. São esses efeitos que dão suporte para legitimar a dissimulação na maioria das montagens.

Em todas as videomontagens analisadas, é possível perceber a heterogeneidade funcionando. Dito de outro modo, para o fio do discurso das videomontagens, é trazido um discurso outro que atesta ora a incompetência e/ou o alcoolismo de Lula ora a incompetência e/ou dependência de Dilma em relação a Lula. Esse discurso Outro por estar legitimado no alhures, no interdiscurso e por estar articulado a outras semioses (imagem, som), ele apresenta-se como dissimulado. É como se o locutor da videomontagem fosse um mero porta-voz dos discursos derrisórios que circulam no interdiscurso acerca de Lula e Dilma, e não o produto de um trabalho engendrado por esse locutor na discursivização da videomontagem.

Talvez isso ocorra em virtude da existência de *sites* como o YouTube que fomentam a capacidade de transformar os significados dos discursos ao possibilitar que se potencialize os sentidos. Essa construção discursiva em videomontagens, que tomam os discursos outros e os transformam para adquirir maior potencial de reconstrução de sentido, tem a ajuda básica das tecnologias quando alicerçada em novas práticas discursivas amparadas na simples interação sujeito, máquina, suporte da internet e programas de software. Fato que pode, muitas vezes, parecer confuso, pouco assimilável e não natural, mas é preciso recordar que a interação com a tecnologia da escrita, que envolve um sistema linguístico, papel e tinta, atualmente, é fácil e natural, embora não tenha sido um dia.

Os sujeitos usuários da Internet podem postar vídeos das mais diferentes naturezas e também comentários sobre eles e outros; notamos ainda as perspectivas, as maneiras e as ferramentas de como são propostos alguns tipos de ideias hegemônicas sobre determinado tema, permitido pelas cibertecnologias, como o YouTube, que massificam os saberes individuais e coletivos, envolvem-se na construção de condições e cenários espaço-temporais e instâncias reguladoras da vida social e, muitas vezes, das instituições (ABRIL, 2008). E diríamos além: as ciberculturas inscrevem-se na escrita da história de uma maneira diferente. Nem certo, nem errado; nem novo, nem velho, mas diferente.

Narra-se, nos meandros dessas tecnologias, a partir de suas ferramentas de circulação discursiva, de uma ou mais maneiras, a história social que nos cerca nas atuais condições de produção e reprodução dos saberes, tal qual fazem livros, provérbios, lendas, folclores, famílias, pesquisas, entre outros elementos de difusão de saberes. Podemos dizer que a existência de *sites* como o YouTube potencializam a capacidade de transformar os significados dos discursos que carregam um determinado sentido, mas que, ao serem tomados por discursos outros, podem adquirir outro potencial na construção de sentido. Por isso, é possível dizer que essa reconstrução, com a ajuda básica das tecnologias, garante o lugar de diferentes práticas discursivas (BARONAS; ARAUJO; PONSONI, 2013).

Outras duas questões que nortearam nossa pesquisa foi pensar como nessa absorção do político pelo derrisório os atores políticos são dados a circular e que tipo de relação interdiscursiva sustenta os discursos que tornam em derrisão os atores políticos. Foi possível constatar que a relação interdiscursiva mobilizada sustenta um

discurso de que Lula, diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que foi recortado pelo produtor como em um jogo estratégico para a construção de um discurso derrisório que se sustenta nas falhas constitutivas produzidas pelo seu discurso e também nas ideias que circulam acerca do que espera o senso comum sobre um presidente, que ele tome determinadas atitudes tidas como adequadas à posição que ocupa. O espaço de falhas produzidos pela atual presidente Dilma em seu discursos é utilizado também como um jogo estratégico para se dizer o que se pretende, ou seja, para que se construa a ideia de que ela é adestrada por Lula em virtude da cadência de sua fala e dos espaços de dizer que apresentam campos de lapsos que se abrem em seus discursos e são apreendidos para que se construa a derrisão.

A partir das reflexões tecidas por Pêcheux (2006), a falha é constitutiva do discurso, ela abre esse novo espaço de dizer, pois todo dizer tem um espaço de lapso, tem um espaço para essas falhas que se abrem para que se instaure a derrisão, quem é vítima da derrisão geralmente “cometeu” algum ato que pode ser considerado falho diante da sociedade; o sentido que se pretende construir é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor. Em suma, quando retratamos o político derrisoriamente estamos invertendo uma ordem de poder pré-estabelecida. O presidente da república seria aquele que possui a autoridade de maior destaque e, no *imaginário social*, de maior poder também. Todavia, quando ele ou a presidente é traduzido derrisoriamente, o internauta e o produtor das videomontagens comungam de uma posição de superioridade em relação a eles.

Compreendemos como se dá a construção do discurso político humorístico em textos multimodais, tidos como não oficiais, mas opinativos, que estabelecem um ponto de circulação de sentido no qual sujeitos-internautas podem acessar e se inscrever nos discursos engendrados por essas videomontagens, que dissimulam o Outro/outro a partir de suas filiações históricas, políticas e ideológicas. Isto porque as videomontagens analisadas constroem novas formas de representar discursivamente um fenômeno social, que é o discurso político, já que mobilizam recursos técnicos de dispersão de discursos relativamente novos que amplificam a comunicação social e constroem um simulacro de um discurso político. Há o estabelecimento de uma posição crítica baseada na confluência de memórias discursivas que dariam coesão a uma comunidade.

As novas mídias, sobretudo o YouTube, tem um papel na produção e circulação de discursos que engendram uma espécie de *espetacularização* da política e uma conseqüente *despolitização* do político, ou seja, um papel social no sentido de função mediadora e construtora de discursos possíveis de serem os legítimos de seu tempo e espaço, bem como elemento de coadunação entre os múltiplos sentidos em uma direção unívoca, muitas vezes, marcada por um forte matiz ideológico.

As videomontagens podem ser vistas como um discurso que contribui para a escrita da história da política brasileira de modo distinto daquele veiculado oficialmente, porque são humorísticas. Elas estariam, em alguma medida, autorizadas a dizer aquilo que um artigo de opinião não poderia dizer e, para que o discurso satírico se realize, é preciso que o sujeito-produtor recorte e descontextualize o discurso de Lula ou de Dilma, depois, faça inserções em cada recorte, e, por conseguinte, possa induzir à interpretação cômica e produzir o riso no receptor dos discursos.

Por isso, cada recurso multimodal utilizado que aparece representaria uma suposta voz da democracia, de uma parcela ou não da população que pode expressar e compartilhar ideias juntamente com o sujeito-produtor das videomontagens. Assim, temos uma relação em cadeia, a ideia do sujeito e o sentido determinam o gênero do discurso, e este determina a maneira como se dará essa relação. Todavia, isso não acontece em sequência, pois estabelece uma relação de dependência que faz eclodir tudo simultaneamente, fato que produz determinados efeitos de sentido (ARAÚJO, 2011).

A partir da concepção de discurso e da ordenação das heterogeneidades discursivas, as videomontagens analisadas criam uma trilha de interpretação direcionada ideologicamente aos interlocutores desse tipo de material, haja vista que os enunciados destacados pelo produtor da montagem pinçam/ apresentam momentos propícios a associar os então candidatos a um discurso alheio, não próprio. Os recortes de outros vídeos inseridos nas videomontagens podem produzir um enquadramento do olhar para que o sentido seja costurado, uma vez que o que supostamente se deseja é construir uma imagem para os interlocutores negativamente constituída.

Cumprido dizer que as videomontagens compilam-se, por um lado, como uma espécie de Pasquim moderno, pois tornam pública a sátira construída ao funcionar

como um discurso folhetinesco. Por outro lado, não rara as vezes, elas dão-se a circular como discursos panfletários (ANGENOT, 1980) virtuais, um modo enunciativo específico de intervenção ideológica na sociedade.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *Diferença e Desigualdade em leitura*. In: MARINHO, M. (org.) **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 139-157 p.

_____. *Literatura, leitura, cultura*. In: **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. 9- 41 p.

ABRIL, Neyla Graciela Pardo. *El discurso multimodal en YouTube*. In: **ALED 8, Revista Lationamericana de Estudios del Discurso**, nº1, Servi-K C. A., Venezuela, 2008. 77-107 p.

ACHARD, Pierre. *Memória e produção discursiva do sentido*. In.: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. 11-21 p.

ANGENOT, Marc. **La parole pamphlétaire**: Contribution a la typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1980.

ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de. **Política e derrisão no YouTube: uma leitura discursiva**. 2011, 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

_____. *O poder, a verdade e o saber no YouTube*. **Revlet**: Revista Virtual de Letras, v. 04, no. 02, ago/ dez 2012. 60-72 p.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. 2^a. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 280 p.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apres. Marlene Teixeira. Revisão da trad. Leci B. Barbisan e Valdir do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Heterogeneidades enunciativas*. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

_____. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Trad. Maria Onice Payer et al.. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. In: _____. O discurso no romance. 5a. ed. Editora Hucitec: São Paulo, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Os Gêneros do Discurso*. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Hermínia Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 261-306 p.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 341p.

_____. (VOLOSHINOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BARONAS, Roberto Leiser. *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: **Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, no. 10, 2005. 99-111 p.

_____. *Notas breves sobre a derrisão no gênero do discurso fotografia*. In: **Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, Vol. 2, 2004. 1-11 p.

_____. & KOSCIURESKI, Monica Barboza Silva. *Observações sobre a textualização do “sic” no discurso político: marcas de derrisão*. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso**. São Carlos, Claraluz, 2006.

_____. *Textualizações derrisórias do político: notas sobre um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P.; DIAS, M. F. **Estudos em Ciências da Linguagem: diálogos, fronteiras, limites**. Cáceres: Editora Unemat, 2008. 141-154 p.

_____; ARAUJO, Lígia Menossi; PONSONI, Samuel. *Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso na política brasileira*. In: **Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso** ISSN: 2176 – 4573, Lael/PUC, São Paulo – SP, Vol. 8, No. 2, nov. 2013. 24-45 p. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/index>>.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAIT, Beth. *Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo*. In: BRAIT, Beth (org.) **Estudos enunciativos no Brasil**. São Paulo: Pontes, 2001. 7-25 p.

_____. **Ironia** em perspectiva polifônica. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. *Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem*. In: MACHADO, Ida Lúcia & MENDES, Emilia (org.) **Discurso e imagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

BONNAFOUS, Simone. *Sobre o bom uso da derrisão em J.M.Le Pen* Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. 35-48 p.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso: Unidade e Diversidade*. In: **Polifonia**. V8, N8. Cuiabá: EdUFMT, 2004. 95-112 p. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1127/891>> Acesso em 1 jun 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Leitura e Participação*. In: **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. 99-114 p.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, Jean Jacque. **O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965 – 1985)**. Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.

DAVALLON, Jean. *A imagem, uma arte de memória?*. In.: ACHARD, P et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. 23-38 p..

Direto ao assunto: Episódio #01 – Família. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IaasXCSm1Tk>>. Acesso em 30 març 2012.

Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qWgol6I-YpY&feature=relmfu>>. Acesso em 30 març 2012.

Direto ao assunto: Episódio #03 – Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8wIIFaF2r4c&feature=relmfu>>. Acesso em 30 març 2012.

Direto ao assunto: Episódio #04 – Copa 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KMFJvnRibM8>>. Acesso em 30 març 2012.

Direto ao assunto: Episódio #05 – Ministério. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mRBb1ymUkoE>>. Acesso em 30 març 2012.

FEUERHAHN, Nelly. *La dérision, une violence politiquement correcte*. In: HERMÉS – Revue. **Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

FOUCAULT, Michel. (1971). **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. de A. Sampaio. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **A Arqueologia do saber** (1969). 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A casa dos loucos*. In: _____. **Microfísica do Poder**. 1999a. 113-128 p.

_____. *A Verdade e o Poder* (1979). In: _____. **Microfísica do Poder**, 1999b. 1-14 p.

_____. *O sujeito e o poder* (1976). In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault : Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. 231-252 p.

FREUD, Sigmund. (1901). *A psicopatologia da vida cotidiana*. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VI. Também disponível em: <<https://drive.google.com/folderview?id=0By5V7j8Wfi8aNk82TIJEYIQ4QV&usp=sharing#list>>. Acesso em 2 abr. 2015.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso [1971]. In: BARONAS, Roberto Leiser

(org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2ª. edição. São Carlos, Pedro & João Editores, 2011. p. 13-32.

HENRY, Paul. **Le mauvais outil; langue, sujet et discours**. Paris: Klincksieck, 1977. 210 p.

KRIEG, Alice. *Vacances argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême-droite contemporaine*. In: BONNAFOUS, S.; FIALA, P. (Dir.). *Argumentations d'extrême-droite. Les langages du politique*. **Mots**, número 58, março de 1999, p.11-34.

LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto di Psicologia della Università di roma, em 26 e 27 de setembro de 1953. In: *Escritos (1966)*. Trad. Vera Ribeiro. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998, 238-323 p.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 6 a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. 296 p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. 264 p.

_____. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

Lula Bebum. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mQj_gOsGeNM>. Acesso em 20 out 2011.

Lula Chama Eleitorado de Viado e Rejeita Comida em Aerolula. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=T7xQratTckA>> Acesso em 20 out 2011.

Lula o analfabeto. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oSYv6RMraLQ>>. Acesso em 20 out 2011.

MACHADO, Ida Lúcia. *Uma analista do discurso face aos ditos de dois políticos: narrativas de vida que se entrecruzam*. EID&A- Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.3, p.68-8, nov. 2012. Disponível

em: < <http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista3/eidea3-05.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2015.

_____. *A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa*. In: **Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso** ISSN: 2176 – 4573, Lael/PUC, São Paulo, no. 9, jan./jul. 2014. 108-128 p. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13840/14752>>. Acesso em 20 fev. 2015.

MAINGUENAU, Dominique. *A Análise do Discurso e suas Fronteiras*. Trad. Décio Rocha. In: Revista **Matraga**: revista de estudos linguísticos e literários. Rio de Janeiro, V.12, n.20, p.13-37, jan./jun. 2007. Disponível em:< <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf>>. Acesso em 15 maio 2010.

_____. *Das formações discursivas unifocais às plurifocais: análise discursiva de manuais escolares e Viagens Extraordinárias, de Júlio Verne*. Trad. Roberto Leiser Baronas et al. In: BARONAS, Roberto Leiser; ARAUJO, Ligia Menossi; PONSONI, Samuel. (orgs.) **Análise do Discurso: continuidades, calibrações e interfaces**. 1 a. ed. São Paulo: Paulistana, 2015. 105-128 p.

_____. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2007.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MANZANO, Luciana Carmona Garcia. **A ordem do olhar: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro**. 2014. 218 f. Tese de doutorado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002. 408 p.

MARAI, Sándor. **As Brasas**. Trad. Rosa Freire de Aguiar. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 176 p. Disponível em:< <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11148>>. Acesso em: 20 maio 2012.

MERCIER, Arnaud. *Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs*. (Introduction) In: HERMÉS – Revue. **Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Jenseits von Gut und Böse**. Vorspiel Philosophie der Zukunft. Naumann, Leipzig, 1886. Em português: _____. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2001. 230 p. Disponível em: <<http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/alem-do-bem-e-do-mal.pdf>>. Acesso em 1º. Maio 2015.

Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HHGnJZJEZfU>>. Acesso em 20 out 2011.

ORLANDI, Eni. *Apresentação: Heterogeneidade teoricamente sustentanda*. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Trad. Maria Onice Payer et al.. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *Maio de 1968: Os Silêncios da Memória*. Trad. José Horta Nunes. In.: ACHARD, P et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. 59-69 p.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. In.: ACHARD, P et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. 49- 57 p.

_____. “*Análise do discurso: três épocas (1983)*.” In: GADET, F & HART, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, Ed. da Unicamp, 2010.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3º edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 1997.

Pérolas de Lula 3 – O Retorno. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z5dbaUDjgXw>>. Acesso em 20 out 2011.

PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. *A construção da imagem política de Dilma Rousseff como mãe do povo brasileiro*. In: **Revista Debates**, Vol. 5, no. 1, Porto Alegre, p. 139 – 162, 2011. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/20474/12128>>. Acesso em 2 abr. 2014.

POSSENTI, Sírio. **Falas de Lula**. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3966652-EI8425,00-Falas+de+Lula.html>>. Acesso em 10 set 2009.

QUINTANA, Mário. **Espelho Mágico**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

SALMON, Christian. **Storytelling**: La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits, Paris: Editions de La Découverte, 2007.

Bibliografia complementar

ARAUJO, Ligia Mara Boin Menossi . *Discurso, memória e interdição no YouTube*. In: BARONAS, Roberto Leiser.. (Org.). **Análise do Discurso: problemáticas contemporâneas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009, v. 1, p. 13-34.

_____. *Análise do discurso e derrisão: um caminho a percorrer*. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v.2, n. esp., jan/jul 2012. 39-59 p.

_____. *Reflexões acerca das contribuições de Saussure na análise da língua*. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. XLII, 2013. 1088-1100 p.

_____. *O dedo do Lula e a derrisão*. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. XLIII, segundo semestre de 2015.

_____. *Derrisão, humor e ironia: é possível demarcar suas fronteiras?*. In: BARONAS, R. L.; ARAUJO, L.M.B.M.; PONSONI, S.. (Org.). **Análise de discurso: continuidades, calibragens, interfaces**. 1ed.São Paulo -SP: Editora Paulistana, 2015, v. 1, p. 115-127.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Algumas considerações sobre modalização e discursivo outro*. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre: vol. 34, nº 2, 1999. 7-30 p.

_____. *Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita*. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-679, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso 12 abr 2014.

_____. *Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer* **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011

BARATS, Cristine. **Manuel d'analyse du web en Sciences Humanes et Sociales**. Paris: Armand Colin, 2013. 259 p.

BARONAS, R. L. (Org.); ARAUJO, L. M. B. M. (Org.) ; PONSONI, S. (Org.) . **Análise do Discurso: continuidades, calibragens, interfaces**. 1. ed. São Paulo -SP: Editora Paulistana, 2015. v. 1. 409 p .

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COULOMB-GULLY, Marlène. *Petite généalogie de la satire politique télévisuelle. L'exemple des Guignols de l'Info ET Du Bébête Show*. In: **HERMÉS – Revue. Dérision – contestation, nº29**, CNRS, Éditions, 2001.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Maria Cecília Perez de Souza-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

_____. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. Adail Sobral [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERNANDES, Carolina. *Authier-Revuz/Pêcheux: uma interface em construção*. In: **Revista Trama**, Vol.4, Número 7, 2008, p.85-96.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados**. Trad. Luciana Salazar Salgado. In: *Linguagem*, 16ª edição, São Carlos, 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/art_001.pdf>. Acesso em 2 maio 2014.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Os humores da língua**: análise lingüística de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Jocenilson Ribeiro; SARGENTINI, Vanice. *Heterogeneidade discursiva em matéria jornalística sobre o novo Enem: da imagem do rosto ao verbo mostrado*. In: **Anais do CIELLI**, Maringá: 9, 10 e 11 de junho de 2010. Disponível em: <<http://anais2010.cielli.com.br/downloads/510.pdf>>. Acesso em 27 de dez de 2012.